

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE - OSÓRIO/RS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

MARILIZE FERREIRA DO AMARAL SANTOS

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES:

Uma pesquisa-ação sobre o uso das tecnologias digitais com os docentes do
Litoral Norte do Rio Grande do Sul/RS

**OSÓRIO
2022**

Marilize Ferreira do Amaral Santos

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES:

Uma pesquisa-ação sobre o uso das tecnologias digitais com os docentes do
Litoral Norte do Rio Grande do Sul/RS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^o. Dr. Leandro Forell

Aprovada em

Prof^o. Dr. Leandro Forell (UERGS) - Orientador

Prof^a. Dr^a. Viviane Maciel Machado Maurenre

Prof^a. Dr^a. Fernanda dos Santos Paulo

Prof^a. Dr. José Edimar de Souza

Osório, RS

2022

Catálogo de Publicação na Fonte

S237f Santos, Marilize Ferreira do Amaral.

Formação continuada para professores: uma pesquisa-ação sobre o uso das tecnologias digitais com os docentes do Litoral Norte do Rio Grande do Sul/RS. / Marilize Ferreira do Amaral Santos. – Osório, 2022.

123 f.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Forell.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrado Profissional em Educação, Unidade em Osório, 2022.

1. Formação continuada. 2. Professores. 3. Tecnologias digitais.
4. Litoral Norte - Rio Grande do Sul. I. Forell, Leandro. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Valéria Lucas Frantz CRB10/1710

“Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.”
(PAULO FREIRE).

AGRADECIMENTOS

Por meio destes agradecimentos deixo registrado publicamente o reconhecimento a cada uma das pessoas fundamentais durante a minha caminhada acadêmica.

Ao Professor Dr. Leandro Forell, meu querido orientador, que me apoiou e compreendeu minhas ideias e anseios, que acreditou no meu potencial, quero destacar que em todos os momentos desta pesquisa ele se fez muito presente, mesmo que virtualmente durante uma pandemia. Penso que não podia ter escolhido um orientador melhor, como ele diz: “Não existe ex orientando”, então, as aprendizagens que tive contigo e sua amizade levarei para sempre em minha vida.

À minha amiga Dr^a. Fabiana Mayboroda, no qual tive a oportunidade de trabalhar como sua tutora nas disciplinas dos cursos de Graduação na Educação à Distância, em suas palavras encontrei o maior incentivo para ingressar na Pós-Graduação.

À minha família e amigos, que me apoiaram a realizar o Mestrado, não posso citar todos, mas destaco meu carinho a minha mãe Regina e meu namorado Júnior, digo que sem o apoio emocional de vocês esse sonho não seria possível.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação, pela oportunidade e aprendizagens construídas nas aulas do Mestrado. Em especial, à Professora Dr^a. Viviane Maciel Machado Maurenre, que esteve presente em todas as etapas (disciplinas, qualificação e defesa) desenvolvidas ao longo do Mestrado, sempre contribuindo com meu aprendizado.

Aos meus colegas de Mestrado e de grupo de Pesquisa o GEPRACO, que contribuíram nas discussões sobre a temática desta pesquisa, em especial a Liga da Justiça, grupo que criamos ao entrar no Mestrado no ano de 2020, meu muito obrigada à Diana, Felipe e Gabriella, nós começamos juntos e terminarem essa etapa juntos!

Não posso esquecer de agradecer aos professores que se inscreveram e realizaram a formação continuada, que participaram desta pesquisa, contribuíram nesta investigação e para buscar a melhoria na nossa educação.

RESUMO

Esta dissertação abordou a temática de formação continuada para professores, buscando através de uma pesquisa-ação estudar o uso das tecnologias digitais por docentes alfabetizadores atuantes dos anos iniciais da educação básica, da rede municipal das cidades localizadas no litoral norte do Rio Grande do Sul. O referencial teórico foi embasado em estudos realizados na área da formação continuada (IMBERNÓN, 2010), no compartilhamento de experiências e práticas pedagógicas (FREIRE, 1996), nas tecnologias na educação (LÉVY, 1999), com aporte na documentação e legislação da área da educação. Para construção de informações foi utilizada como metodologia a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), através de uma investigação dos processos de formação continuada, utilizando múltiplos recursos e estratégias da modalidade de Educação à Distância e presencial, para compreendermos como o compartilhamento de experiências e aquisição de conhecimento digitais, pode contribuir para os docentes do bloco pedagógico de alfabetização. As formações ofertadas não pretenderam apontar aos professores respostas ou até mesmo interferir em suas práticas, mas possibilitar e abrir um espaço para construção de novos conhecimentos aos docentes, e contribuir em suas práticas a utilizar das diferenças ferramentas tecnologias em seu fazer pedagógico. Como principais resultados, observou-se que as formações nas duas modalidades puderam retratar as suas dificuldades, por exemplo, de incentivar os cursistas a participar e interagir na formação e construir vínculos à distância, como a falta de tempo por parte dos professores e falta de apropriação tecnológica. Desse modo, constatou-se que a pessoalidade e a presencialidade são elementos importantes para motivar a participação dos cursistas, o que acabou por proporcionar aprendizagens mais significativas no curso presencial do que no EAD.

Palavras-chaves: Formação Continuada, Professores, Tecnologias digitais, Litoral Norte.

ABSTRACT

This dissertation addressed the theme of continuing education for teachers, seeking through an action research to study the use of digital technologies by literacy teachers working in the early years of basic education, in the municipal network of cities located on the north coast of Rio Grande do Sul. The theoretical framework was based on studies carried out in the area of continuing education (IMBERNÓN, 2010), on the sharing of experiences and pedagogical practices (FREIRE, 1996), on technologies in education (LÉVY, 1999), with input on documentation and legislation in the area. of education. For the construction of information, action research was used as a methodology (THIOLLENT, 1986), through an investigation of the processes of continuing education, using multiple resources and strategies of the Distance and Face-to-face Education modality, to understand how the sharing of experiences and acquisition of digital knowledge, can contribute to the teachers of the literacy pedagogical block. The training offered did not intend to point out answers to teachers or even interfere in their practices, but to enable and open a space for the construction of new knowledge for teachers, and to contribute in their practices to the use of different technological tools in their pedagogical practice. As main results, it was observed that training in both modalities could portray their difficulties, for example, to encourage course participants to participate and interact in training and build distance bonds, such as lack of time on the part of teachers and lack of technological appropriation. In this way, it was found that personality and presence are important elements to motivate the participation of course participants, which ended up providing more significant learning in the face-to-face course than in the EAD.

Keywords: Continuing Education, Teachers, Digital Technologies, North Coast.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1 – CANVA | 56 |
| FIGURA 2 – VÍDEO TUTORIAL SOBRE O CANVA | 56 |
| FIGURA 3 – APLICATIVO SILABANDO | 58 |
| FIGURA 4 – VÍDEO TUTORIAL SOBRE O JAMBOARD | 59 |
| FIGURA 5 – APLICATIVO GRAPHOGAME | 60 |
| FIGURA 6 – VÍDEO TUTORIAL SOBRE O PADLET | 61 |
| FIGURA 7 – APLICATIVO FORMAR PALAVRAS | 62 |
| FIGURA 8 – VÍDEO TUTORIAL SOBRE O THINGLINK | 63 |
| FIGURA 9 – APLICATIVO EDUEDU | 64 |
| FIGURA 10 – VÍDEO TUTORIAL SOBRE O MENTIMETER | 65 |
| FIGURA 11 – O CURSO MOODLE | 65 |
| FIGURA 12 – FOLDER DE DIVULGAÇÃO | 67 |
| FIGURA 13 – APRESENTAÇÃO CURSO EXTENSÃO | 70 |
| FIGURA 14 – MÓDULO 1 MOODLE | 72 |
| FIGURA 15 – MÓDULO 2 MOODLE | 74 |
| FIGURA 16 – PARTICIPAÇÃO DA PROFESSORA PÉROLA | 74 |
| FIGURA 17 – PARTICIPAÇÃO DA PROFESSORA PÉROLA | 75 |
| FIGURA 18 – MÓDULO 3 MOODLE | 77 |
| FIGURA 19 – MÓDULO 4 MOODLE | 79 |
| FIGURA 20 – MÓDULO 5 MOODLE | 80 |
| FIGURA 21 – ATIVIDADE REALIZADA PELA PROFESSORA ÁGATA NO CANVA ... | 93 |
| FIGURA 22 – ENCONTRO 1 MOODLE | 94 |
| FIGURA 23 – ENCONTRO 2 MOODLE | 99 |
| FIGURA 24 – CURSO DE EXTENSÃO 1 MOODLE | 101 |
| FIGURA 25 – CURSO DE EXTENSÃO 2 MOODLE | 101 |
| FIGURA 26 – TOTAL DE PARTICIPANTES NO CURSO DE EXTENSÃO MOODLE . | 102 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABED – Associação Brasileira de Educação à distância
AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EAD – Educação à Distância
ENADE - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC – Ministério da Educação
PAPe - Pesquisa-Ação Pedagógica
PNA - Plano Nacional de Alfabetização
PNE – Plano Nacional de Educação
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
RS – Rio Grande do Sul
TDICs - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO: DAS VIVÊNCIAS À PESQUISA | 11 |
| 1.1 Estado do conhecimento..... | 20 |
| 2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS | 26 |
| 2.1 Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação | 28 |
| 2.2 Alfabetização na Contemporaneidade..... | 31 |
| 2.3 Formação Inicial e Formação Continuada Docente | 34 |
| 2.4 A EAD na Formação Continuada | 38 |
| 2.5 Novos olhares sobre formação..... | 42 |
| 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS..... | 43 |
| 3.1 Pesquisa-ação | 44 |
| 3.2 Os caminhos desta Pesquisa-ação | 47 |
| 3.3 Os sujeitos da Pesquisa e seus procedimentos | 50 |
| 3.4 Construção da primeira formação EAD | 53 |
| 3.5 Construção da segunda formação Presencial | 68 |
| 4 ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DAS FORMAÇÕES CONTINUADAS .. | 69 |
| 4.1 Concepções dos professores a partir da formação em EAD | 69 |
| 4.2 Concepções dos professores a partir da formação Presencial | 83 |
| PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL | 100 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 103 |
| REFERÊNCIAS | 108 |
| APÊNDICE A..... | 116 |
| APÊNDICE B..... | 119 |

1 INTRODUÇÃO: DAS VIVÊNCIAS À PESQUISA

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar". (FREIRE, 1992, p. 79).

No início da minha jornada profissional, eu não tinha nenhuma ideia de qual profissão eu iria seguir, muito menos a noção de que muitas coisas ainda viriam a acontecer em minha vida, o caminho para a escolha profissional foi sendo traçado a partir de acontecimentos importantes, no qual me trouxeram a experiência necessária, e que em meu ponto de vista formaram minhas identidades e me inseriram na área da Educação.

É o que aponta os autores Raymond e Tardif (2000), que as experiências escolares ou não-escolares vivenciadas antes da formação inicial, podem se tornar relações determinantes para construção das identidades e as representações sociais, e até mesmo influenciar na escolha da carreira profissional, na formação dos professores e em seu conhecimento prático.

A partir de uma visita a Faculdade Cenecista de Osório/RS, tive meu primeiro contato com a Graduação de Licenciatura em Pedagogia, que aconteceu ainda no Ensino Médio no ano de 2010. No qual nos foi apresentado uma citação do autor Libâneo (2001), dizendo que não existe sociedade sem práticas educativas, que Pedagogia é um campo do conhecimento que se preocupa em estudar a educação como um todo, no ato educativo, em práticas educacionais e como componente integrante da atividade humana em relação aos processos sociais. Ou seja, não se refere somente a práticas escolares, uma vez, que ela pode ocorrer em diversos lugares e modalidades, dentro da família, trabalho, hospital, nos meios de comunicação e tecnologias.

A apresentação do curso e as leituras realizadas, me despertaram o interesse de atuar na área da educação, então comecei a Graduação de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2011 em Osório/Rio Grande do Sul (RS). Muitos caminhos e aprendizagens foram sendo construídos, a área da educação já não era mais uma dúvida de escolha profissional, e sim uma meta, em seguida comecei a atuar nesta área como Auxiliar de Educação Infantil.

Posso afirmar que foi uma experiência desafiadora, e neste período foi possível colocar a teoria que aprendemos na faculdade em prática. A Educação

Infantil é uma das etapas escolares mais importante, pois além de ser o início da vida escolar em uma instituição de ensino, as ações desenvolvidas criam condições para que as crianças conheçam e descubram novos valores, sentimentos ou costumes, como auxiliar de sala tentei construir com os estudantes um ambiente de interações, fazendo com que fosse trabalhado a socialização, o desenvolvimento da identidade e a autonomia. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 (LDBEN 9.394/96), artigo 29:

A Educação Infantil é conceituada como a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL,1996).

Um ano depois, tive a oportunidade de realizar uma mudança profissional, e comecei a trabalhar em uma Instituição de Ensino Superior de Osório/RS, na área da Educação à Distância (EAD) no corpo técnico administrativo. Neste período, comecei a aprender sobre o EAD, como funcionavam os processos internos e externos, desde a captação, o financeiro e as matrículas.

Ao concluir a licenciatura em 2015, realizei uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Administração Escolar, Supervisão e Orientação. Ao encerrar estes dois ciclos de formação, comecei a atuar na área de Tutoria de cursos EAD no ano de 2018, a partir deste momento comecei a conhecer outro lado da EAD, que até então não era conhecido pela minha pessoa, que atuava somente na área administrativa. Na atuação como tutora¹ as relações com os estudantes começaram a se estreitar, as temáticas não eram mais de prestação de serviço (mensalidades, contratos e e-mails), e sim um contato pedagógico de avaliação, interação, e troca de experiências com os estudantes e professores da instituição.

A EAD abriu portas que até então eram desconhecidas, ofertando uma metodologia de ensino que não precisa ser presencial, e o estudante encontra todo suporte de forma virtual em seu ambiente de estudos, com novas ferramentas que se mostraram úteis para serem utilizadas na aprendizagem de forma dinâmica no acesso aos conteúdos didáticos. Para Moore e Kearsley

¹ A atuação como tutora nesta instituição compreendia realizar a interação e mediação com os estudantes e professores em EAD, realizar postagens de incentivo a participação nos fóruns e realizar a correção das atividades realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

(2013, p. 20) a “Educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do ensino, o que requer comunicação por meio de tecnologias e uma organização institucional especial”.

Neste tempo, tive oportunidade de vivenciar inúmeros relatos de estudantes e professores, contando sobre suas experiências, ideologias, realizações de práticas pedagógicas e as suas dificuldades. Presenciando o processo de ensino e aprendizagem em EAD, percebi que a construção do conhecimento resulta da interação do estudante com o ambiente de aprendizagem, para a realização das provas e tarefas, podendo contar com a interação com os professores, tutores e colegas, mesmo que os envolvidos não estejam presencialmente juntos na realização das atividades.

Nem todas as relações estabelecidas dentro do espaço da EAD acontecem desta forma perfeita, da mesma maneira que temos estudantes que possuem facilidade de interação neste ambiente, temos estudantes, professores e demais envolvidos que têm dificuldade de interagir nesta modalidade de ensino. Podem existir inúmeros motivos para os problemas enfrentados pelos estudantes na EAD, dentre eles Freitas (2007) destaca a falta de tempo para dedicação, falta de condições ambientais para o estudo, falta de recursos tecnológicos/apropriação e angústias e problemas da vida diária.

O meu convívio na área da EAD despertou o interesse de buscar a formação do Mestrado, a partir de relatos de colegas professores que já eram Mestres, que destacaram como foi importante profissionalmente a realização do curso de Mestrado, para repensar suas práticas e a suas carreiras como docente do Ensino Superior. Após ingressar no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) no ano de 2020, também comecei a lecionar nas disciplinas do curso de Pedagogia na modalidade EAD de uma instituição de ensino superior.

Desde sempre, aprendi muito com meus colegas de trabalho e de graduação, que em alguns momentos a conversa de corredor, informal, era mais instrutiva que a aula expositiva ministrada em sala de aula. Minha curiosidade sobre os conteúdos sempre foi pautada pela possibilidade de trocas, seja em trabalhos em grupo ou em conversas informais. Estudando um pouco mais, descobri que Paulo Freire (1996) defende que o compartilhamento de

experiências é fundamental para a construção da aprendizagem e para a constituição da formação docente, na forma de repensar sua prática pedagógica.

Neste sentido, percebo a possibilidade de interações acontecerem de forma exponencial, tendo em vista que com o advento da internet, e atualmente mais fortemente das redes sociais, que as relações de aprendizagens acontecem em diferentes espaços, podendo ocorrer fora e dentro da escola, sendo mediadas ou não por um professor. Por outro lado, cada vez mais é importante que os estudantes consigam fazer filtros das informações que são mais relevantes, tendo em vista que não é mais possível dominar todos os assuntos.

O professor se constitui como figura fundamental no processo de seleção das informações e de mediações dos debates, segundo o autor Costa (2015) a escola tem perdido cada vez mais o espaço de única detentora e produtora de saberes, pois atualmente os meios de comunicação e as diferentes mídias produzem e compartilham informações velozmente, muitas vezes a escola acaba se tornando defasada em relação ao conhecimento partilhado. Sendo assim importante, que a escola se adeque a utilização das novas tecnologias, através da inserção dos recursos tecnológicos nas práticas docentes.

Outra questão importante, nesse processo de compartilhamento das experiências é a virtualização das relações humanas, se pararmos para pensar que por meio das tecnologias, as relações rompem barreiras, aproximando virtualmente pessoas que não estejam no mesmo espaço, e em contrapartida, pode fazer com que as pessoas se afastem presencialmente. Levando em consideração o seu uso para fins educativos, para Freitas (2007, p. 06):

A utilização da tecnologia no ensino, através de meios eletrônicos e computacionais pode contribuir na resolução de muitos problemas educacionais, mas é necessário salientar que ela não é a solução para tudo. Os graves problemas da educação não se resolvem, apenas, com o uso das tecnologias, por mais avançada e eficiente que possa ser.

Para Nóvoa e Alvim (2021) não é possível nos dias de hoje pensar a educação e os professores sem uma referência às tecnologias e à “virtualidade”. Estamos vivenciando as conexões sem limites, em um mundo marcado por fraturas e divisões digitais. É preciso enfrentar com lucidez, e coragem, essas tensões, entre uma diminuição da privacidade e da liberdade, e de novas formas

de democracia e participação, a redução do conhecimento ao digital e a importância de todo o conhecimento, humano e social.

Cada vez mais somos culturalmente capturados pela necessidade de conhecer novas linguagens e interagir a partir delas. Essas experiências também são vivenciadas por professores, que nem sempre tiveram contato com a tecnologia em seu processo de formação inicial. Além disso, é bastante comum atualmente o contato com propostas de EAD que não garantem aprendizagem e que focam seus esforços no processo de diplomação em massa, não somente a modalidade EAD, mas presencial também. O sucesso na aprendizagem EAD irá depender da qualidade do apoio ao estudante, e a falha está na flexibilidade e facilitação do processo de ensino e aprendizagem. (IIYOSHI; KUMAR, 2014).

Refletindo sobre a baixa qualidade dos cursos EAD, torna-se importante trazer uma reportagem que mostra a discussão da temática nos meios de comunicação e informação atuais, o jornal A Gazeta online publicou uma reportagem no ano de 2019 intitulada “Educação a distância cresce, mas qualidade não acompanha”², no qual mostra uma pesquisa realizada pela organização Todos pela Educação³ que aponta um pior desempenho dos estudantes que concluíram os estudos na modalidade não-presencial no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). O maior motivo para tal desempenho negativo, afirma a organização, é a falta de prática em sala de aula oferecido pelos cursos, que também não é excelente no ensino presencial, porém se mostra maior no EAD.

Neste sentido, compreendendo que um grande quantitativo de docentes possui experiências pedagógicas legítimas e valorosas, mas a sua formação inicial nem sempre consegue contemplar uma apresentação de ferramentas digitais para potencializar a aprendizagem dos estudantes, essa pesquisa procura a partir de uma experiência digital, conectar as experiências e docentes em uma formação continuada.

As ferramentas de EAD não são nenhuma novidade, se pensarmos historicamente existem experiências desse tipo que vem desde antes da difusão

² Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/educacao-a-distancia-cresce-mas-qualidade-nao-acompanha-0919>

³ Para conhecer mais sobre a organização Todos pela Educação acesse: <https://todospelaeducacao.org.br/#>

da internet⁴. Contudo, há no atual cenário da educação discussões sobre o ensino superior brasileiro e a proliferação de cursos em EAD, e como aponta a reportagem do Jornal digital da Gaúcha ZH (GZH) intitulada “Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância”⁵ que a qualidade dos cursos é uma grande questão que permeia a expansão da modalidade no Brasil, devido às instituições visarem o lucro e não a qualidade dos profissionais que estão formando, pois não saem preparados para a prática docente após a formação inicial em EAD.

Não estamos generalizando, pois se trata somente de uma reportagem, estamos exemplificando que o fato de existirem cursos que não visam a qualidade do profissional que pretender formar, não significa que não é possível construir experiências educativas significativas dentro deste contexto para os estudantes. É justamente nessa aposta, que esta pesquisa procurou empreender uma prática educativa que visasse o compartilhamento das ações docentes e que pudesse ser um ponto de encontro a partir da mediação da pesquisa-ação, ao qual procurei defender nessa proposta.

Para tal empreendimento planejei utilizar o Moodle⁶ institucional da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul⁷ e outros recursos digitais, em dois cursos de formação continuada na modalidade EAD e Presencial, neles apresentamos aos cursistas estratégias de compartilhamento de experiências utilizando as tecnologias digitais. Tendo como subsídio teórico o que sugere Freire (2001a), no que se refere a qualificação do processo formativo dos professores, ele pode ocorrer no próprio âmbito da escola sendo realizado em pequenos grupos de educadores, através de conversas e formações fundamentadas no movimento ação-reflexão-ação da prática pedagógica docente.

No atual contexto, existem uma série de ferramentas digitais de aprendizagem que estão disponíveis para serem utilizadas pelos docentes de

⁴ Um bom exemplo para isso é os cursos de correspondência do Instituto Universal Brasileiro. Para saber mais acesse: <https://www.institutouniversal.com.br/institucional/quem-somos>

⁵ Jornal que circula no Rio Grande do Sul. Link disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/01/especialistas-sao-cautelosos-ao-avaliar-ensino-a-distancia-ck4u857ti01lu01nv2f6cnjbf.html>

⁶ O Moodle é um sistema de código aberto para a criação de cursos online. Também conhecida como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a plataforma é utilizada por estudantes e professores como ferramenta de apoio ao ensino a distância - EAD em mais de 220 países.

⁷ Link do curso: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>

redes públicas ou particular⁸. Logo, o compartilhamento de experiências não foi somente entre cursistas, mas também minha, na mediação e na apresentação dessas tecnologias aos quais venho me dedicando a estudar nos últimos anos.

No ano de 2020, tivemos o início de uma pandemia de um vírus conhecido como COVID-19 que atingiu o Brasil e muitos outros países, este vírus ainda se encontra presente, mas as medidas de isolamento social não estão mais sendo executadas devido à redução de casos da doença, uma de suas consequências no ano de 2020 e 2021 foi o fechamento das escolas para as atividades presenciais, funcionando a partir do ensino remoto, mas que neste ano voltaram a sua funcionalidade normal.

Para que o ensino continuasse sendo oferecido no ano de 2020 e 2021, as instituições se adaptaram e mudaram suas metodologias para o ensino remoto, que consiste na produção de conteúdo por parte do professor a ser disponibilizado de forma on-line aos estudantes, através de acompanhamentos que se deram através dos recursos digitais. No dia 16 de junho de 2020, o Ministério da Educação (MEC) publicou no Diário Oficial da União a Portaria de nº 544 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do Covid-19.

As transformações que nossa sociedade enfrentou, acabaram restringindo o contato pessoal/social, fazendo com que as pessoas utilizassem mais as tecnologias, abrindo um leque de possibilidades e inovações tecnológicas relacionadas tanto à informação, à interação social e à comunicação. Mesmo com todos os recursos tecnológicos, aplicativos e softwares, os professores continuam ensinando aos estudantes como ensinava antigamente.

Pesquisas anteriores a pandemia⁹, já vinham apontando que estudantes nativos digitais¹⁰ possuem necessidades educativas que dialoguem com essa condição. Em outras palavras, a adesão a essas ferramentas já emergia como necessária, porém a pandemia fez com que docentes e estudantes precisassem

⁸ Podemos exemplificar essas tecnologias com as seguintes ferramentas: https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/jamboard/; <https://pt-br.padlet.com/>; <https://www.canva.com/>; <https://www.thinglink.com/>; <https://www.mindmeister.com/pt>.

⁹ Link: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rema/article/view/882>

¹⁰ A expressão “nativos digitais” foi criada por Marc Prensky, este termo se refere a todos os nascidos após 1980, cujo desenvolvimento biológico e social se deu em contato direto com a tecnologia.

se adaptar rapidamente à nova realidade. Mais do que isso, escutamos diariamente nos meios de comunicação¹¹ uma preocupação ampla da sociedade sobre o processo de alfabetização. Mesmo antes da pandemia, vários documentos e programas governamentais¹² vem tratando as várias categorias de analfabetismo como um problema social a ser enfrentado a partir de ações políticas.

A resolução 07 de 2010 do CNE que institui o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, traz em suas articulações e continuidade da trajetória escolar, no seu artigo de nº 30, que nos três anos iniciais do Ensino Fundamental aos estudantes está assegurado a alfabetização e o letramento, bem como a continuidade da aprendizagem e o desenvolvimento das diversas formas de expressão. Considerando estes três anos iniciais do Ensino Fundamental, como um bloco pedagógico ou ciclo sequencial não passível de interrupção, cabendo aos professores adotar metodologias de trabalho, que proporcionem maior aprendizagem das crianças em sala de aula explorando as diversas linguagens. (BRASIL, 2010).

De acordo com Mortatti (2006) dentro do processo educativo sempre existiu dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, estas dificuldades se tornaram uma grande discussão acerca dos métodos de alfabetização que podem ser utilizados e seus resultados. Estudos sobre alfabetização¹³ comprovam, que se o processo de alfabetização ocorrer de forma incorreta, pode acarretar graves consequências e em alguns casos em dificuldades de aprendizagem irreversíveis, se estendendo para toda a vida escolar.

Pensando nas tecnologias digitais e contextualizando o seu uso na educação, surgiu o tema para esta pesquisa, através de uma análise do cotidiano dos professores e estudantes da EAD, a partir da troca de experiência em que muitos professores relataram a dificuldade em utilizar recursos tecnológicos em suas práticas, devido à falta de apropriação de como utilizá-las e a falta de cursos e atividades de formação. Na tentativa de unir os tópicos relatados sobre

¹¹ Link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21>

¹² Podemos citar Plano Nacional de Alfabetização (PNA) e o Programa Brasil Alfabetizado: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf;
<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>

¹³ Link: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/alfabetizacao-nos-dias-atuais-mudou-dos-metodos-antigos-para-que-utilizamos-hoje.htm>

formação continuada de professores e tecnologias digitais na educação, foi escolhida a temática desta pesquisa, que é a formação continuada para professores sobre tecnologias digitais.

Devido a pandemia o uso da tecnologia se fez obrigatório, mas ainda existem professores que tentam implantar em suas aulas no ensino remoto, as práticas antigas que eram realizadas no ensino presencial, como por exemplo as conhecidas “folhinhas”, que visam a repetição de conteúdo sem muita reflexão por parte do estudante, deixando de lado todas as possibilidades de interação utilizando a tecnologia, neste aspecto esta pesquisa proporcionou aos professores contato com novas tecnologias a partir da troca de experiências.

Pensando na temática pesquisada, sobre a formação continuada para professores sobre tecnologias digitais, para delimitar os sujeitos envolvidos na construção de informações desta pesquisa, resolveu-se abordar aspectos da formação para professores atuantes nos anos iniciais da educação básica, especificamente no bloco pedagógico de alfabetização, a escolha de aliar os recursos tecnológicos ao processo de alfabetização concretizou-se pelo fato que essas ferramentas digitais são pouco divulgadas e utilizadas nesta etapa.

Desta forma, foi pensado o problema de pesquisa: **A partir de diferentes modalidades de ensino na formação continuada, como o compartilhamento de experiências e aquisição de conhecimento digitais, pode contribuir para os docentes do bloco pedagógico de alfabetização?** Essa pergunta norteou os estudos realizados, através de uma abordagem metodológica de pesquisa-ação.

Esta pesquisa buscou responder o problema apresentado anteriormente, através de uma investigação e análise dos processos de formação continuada em EAD e Presencial através da pesquisa-ação, que foi especificamente ofertado a professores atuantes dos anos iniciais da educação básica da rede municipal das cidades localizadas no litoral norte do RS, através de um curso de extensão ofertado em duas modalidades de ensino.

A primeira modalidade em EAD, no qual foi utilizada a plataforma do Moodle UERGS e outras ferramentas digitais de comunicação, e a segunda modalidade Presencial, além dos recursos digitais foram realizados dois encontros presenciais, nestes dois cursos ofertados independentes da

modalidade, eles visaram contribuir para ajudar os docentes em suas práticas pedagógicas, trazendo para debate temáticas que estão em pauta na educação.

Segundo estudos realizados¹⁴ a formação inicial e continuada de professores vem sendo uma das prioridades mais discutidas na educação brasileira desde a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 (LDBEN 9.394/96). De forma que este estudo reconhece que os diferentes tipos de formação, e que eles se tornaram peças importantes e estratégicas para oportunizar uma melhoria da educação. Uma delas, é a formação continuada a partir do compartilhamento de experiências e práticas pedagógicas.

Cabe a um estudo considerado crítico, compreender e realizar uma leitura do mundo, ou seja, uma leitura dos contextos que estamos inseridos, pensando na perspectiva da teoria de Paulo Freire, no qual educar é conectar o cotidiano dos estudantes e suas experiências, em uma aprendizagem voltada para a realidade em que o estudante está inserido. Desta forma, a partir de um compartilhamento de docências, pode-se aumentar as condições do professor assumir a complexidade das relações sobre o ensinar, aprender e pesquisar, sendo necessário na formação docente: fóruns para estabelecer conversas e compartilhamentos; sugestões de recursos tecnológicos; e atividades práticas. Freire (1996, p. 21) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

1.1 Estado do conhecimento

Para início do levantamento bibliográfico foi realizado o estado do conhecimento¹⁵, com o foco na temática de formação de professores na EAD, especificamente para entender qual o papel e as contribuições da EAD neste processo de formação, e em quais momentos esta modalidade de ensino se faz presente, e as interpretações docentes referente a esta modalidade em sua formação.

A base de dados e produções acadêmicas selecionada para a realização deste estado do conhecimento foi o portal de artigos da Coordenação de

¹⁴ Link: <https://www.scielo.br/j/spp/a/d6PXJjNMc3qJBMxQBQcVkJNq/?lang=pt>

¹⁵ O estado do conhecimento consiste em uma pesquisa para conhecimento das produções científicas que já foram escritas a respeito de uma determinada temática, uma revisão bibliográfica.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em busca de localizar artigos, teses ou dissertações que abordassem o assunto investigado, foi utilizado como descritores “formação de professores” e “Educação à Distância”, sem utilizar filtros de período, autor, assunto ou título.

Foram encontrados 285 artigos, dos quais foi realizada a leitura dos resumos, e sendo aplicado o critério para selecionar os artigos que tivessem relevância e relação com a temática desta pesquisa, chegando ao total de 19 artigos, no qual eles foram categorizados e aqui serão apresentados pelo ano de publicação, título/autor, área de conhecimento, nome da revista/ local e metodologia.

Tabela 1 – Obras consultadas

| Ano | Título/ Autor | Área | Revista/local | Metodologia |
|------|---|----------|-------------------------------------|--------------------------------------|
| 2003 | Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. (BARRETO). | Educação | Revista Educação e Pesquisa | pesquisa bibliográfica |
| 2008 | A educação a distância e a formação de professores. (GIOLO). | Educação | Revista Educação e Sociedade | pesquisa bibliográfica |
| 2008 | O papel das novas tecnologias da comunicação e da educação a distância para responder à crise global na oferta e formação de professores. (MOON). | Educação | Revista Educação e Sociedade | pesquisa bibliográfica |
| 2011 | Uma análise histórica-crítica da formação de professores com tecnologias de informação e comunicação. (BUENO, GOMES). | Educação | Revista Cocar Belém | pesquisa bibliográfica e qualitativa |
| 2012 | A Conae a EaD na formação inicial de professores: mas não de todo. (LOPES, PEREIRA). | Educação | Revista HISTEDBR On-line | pesquisa bibliográfica |
| 2012 | Do relato de experiência ao artigo científico: questões sobre gênero, representações e letramento na formação de professores a distância. (OLIVEIRA). | Educação | Revista Scripta | pesquisa bibliográfica |
| 2012 | Educação a distância como mídia-educação. (BELLONI, LAPA). | Educação | Revista Perspectiva | pesquisa bibliográfica |
| 2013 | A educação a distância no ensino superior e a lógica das competências. (GILBERTO). | Educação | Revista G.U.A.L | pesquisa bibliográfica |
| 2014 | A educação a distância em pesquisas acadêmicas: uma análise bibliométrica em teses do campo educacional. (MILL, OLIVEIRA). | Educação | Educar em Revista | pesquisa bibliométrica |
| 2014 | Reflexões sobre aspectos da formação de professores a distância. (BATTINI, REIS). | Educação | Revista AIESAD | pesquisa bibliográfica e qualitativa |
| 2015 | Contribuições da EAD para a formação de professores na SEDUC/ | Educação | Revista Eletrônica de Pós-graduação | pesquisa bibliográfica e qualitativa |

| | | | | |
|------|--|----------|--|--------------------------------------|
| | Tocantins. (ALVES, BORGES, BORGES, BRITO, NETA). | | em Educação - UFG | |
| 2015 | Formação de professores a distância: Contribuições e desafios. (CERDAS, CÔRREA, OLIVEIRA). | Educação | EdUECE- Livro 2 | pesquisa bibliográfica |
| 2015 | Trajetórias de aprendizagens em uma formação de professores na modalidade EAD. (ARAGÓN, CHARCZUK, MENEZES). | Educação | Revista Ibero-americana de Educação | pesquisa bibliográfica |
| 2016 | Formação continuada docente pautada na educação a distância: na perspectiva da teoria dialética. (RICHIT). | Educação | Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação | pesquisa bibliográfica |
| 2017 | Formação de professores por meio da educação a distância. (GOMES, LIMA). | Educação | Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação | pesquisa bibliográfica |
| 2017 | Metodologias ativas: uma discussão acerca das possibilidades práticas na educação continuada de professores do ensino superior (BRITO, CAMAS). | Educação | Revista Diálogo Educação | pesquisa bibliográfica |
| 2018 | Educação à distância no Brasil: A expansão vertiginosa. (GIOLO). | Educação | Revista RBPAE | pesquisa exploratória e quantitativa |
| 2018 | Estado do conhecimento na educação a distância: repensando a formação docente inicial e continuada. (LUPEPSO, SÁ). | Educação | Revista Intersaberes | pesquisa bibliográfica |
| 2019 | Formação de professores e tecnologias computacionais: uma revisão de literatura. (APORTA, DENARI, GARCIA). | Educação | Revista Ambiente: Gestão e Desenvolvimento | pesquisa bibliográfica |

Fonte: autoria própria

Para entender o motivo deste número relativamente pequeno de períodos localizados (no total de aproximadamente 07% dos artigos encontrados). Explico através de uma tabela as temáticas que mais apareceram nesta busca de períodos, mas que não contemplam a temática desta pesquisa. Os assuntos localizados também servirão para compreensão dos caminhos que a formação de professores em EAD apresenta-se na escrita e pesquisa acadêmica, eles foram categorizados e serão apresentados pelo número de artigos e os assuntos específicos dentro da temática de formação de professores em EAD.

Tabela 2 – Assuntos localizados dentro dos artigos fora da temática da pesquisa

| Número de artigos | Assuntos específicos |
|-------------------|--|
| 71 | Curso de formação em EAD em diversas práticas e disciplinas e suas perspectivas (Matemática, Ensino Religioso, Música, Línguas Estrangeiras, Geotecnologia, Gamificação, História, Ciências, Saúde, Sociologia, Geografia, Física, Química). |
| 46 | Políticas Educacionais em EAD (Pública, Privada, Cenário Brasileiro, PNE, processos de comunicação, institutos federais, educação corporativa, PRONATEC). |

| | |
|----|---|
| 39 | Formação de Tutores e Professores na área tecnológica (acessibilidade, apropriação tecnológica, construção de material e tele aulas, inclusão digital, STOP MOTION, SCRATCH, AVA). |
| 25 | Estudo curricular de cursos EAD de instituições Públicas e privadas (Pedagogia, Educação Física, Letras). |
| 23 | Curso em EAD específico para prática dos professores em sala de aula (prevenção de drogas, educação sexual, atuação em escolas indígenas, arquivos híbridos, uso da Televisão, BNCC, inclusão escolar, redes sociais, relações culturais e Étnico Raciais, Letramento). |
| 12 | Processos de aprendizagem do estudante em EAD |
| 12 | Formação EAD para professores da Educação Infantil, Educação Básica, Anos Iniciais, Fundamental e Médio |
| 10 | Estudo sobre mediação e interação dentro de espaços virtuais e AVA |
| 9 | Artigos que não abriram |
| 7 | Estudo Social sobre EAD |
| 3 | Autoria de material didático na EAD – desafio dos professores |
| 3 | Valorização de professores EAD |
| 2 | Análise de produções acadêmicas em EAD |
| 2 | Linguagens na EAD |
| 1 | Estratégias de expansão da EAD |
| 1 | Grupo de discussão de professores em EAD |

Fonte: autoria própria

Conforme tabela, cabe destacar os três primeiros assuntos localizados dentro dos assuntos não selecionados, no qual somaram mais da metade dos artigos localizados. Em primeiro lugar o assunto mais localizado nos trabalhos acadêmicos é a pesquisa referente aos cursos em EAD (71 artigos), que contemplam as diversas práticas e disciplinas específicas (Matemática, Ensino Religioso, Música, Línguas Estrangeiras, Geotecnologia, Gamificação, História, Ciências, Saúde, Sociologia, Geografia, Física, Química), no qual dá ênfase no conteúdo destas áreas para a formação de professores e para aprendizagem de seus estudantes referente ao material disponibilizado.

Em segundo lugar o assunto mais localizado nos períodos aborda a temática das políticas educacionais em EAD (46 artigos) que se referem às Políticas Públicas e Privadas, ao Cenário Brasileiro de Educação, ao PNE, processos de comunicação entre governo e instituições, aos Institutos Federais, a educação corporativa, e ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. (PRONATEC).

Em terceiro lugar o assunto mais localizado nos artigos foi a aplicação de cursos de formação para professores e tutores atuantes na EAD (39 artigos) que se referem a cursos na área tecnológica (acessibilidade, apropriação

tecnológica, construção de material e tele aulas, inclusão digital, STOP MOTION¹⁶, SCRATCH¹⁷ e AVA).

Ao realizar este levantamento dos assuntos que não se relacionam com a temática desta pesquisa, observa-se que os trabalhos no campo da pesquisa sobre formação de professores em EAD, se apresentam como forma de analisar as interações e atividades que os professores e estudantes realizam dentro dos espaços virtuais de aprendizagem, ou seja, em forma de curso em diferentes áreas visando o conteúdo ou em possibilidades de aprendizagem de futuras ferramentas tecnológicas que irão auxiliar neste ensino dentro da EAD.

Analisando as 19 obras consultadas, todas trouxeram informações e contribuições importantes à vista da temática deste estado do conhecimento. Abordando a história e importância da EAD para a formação de professores, no qual destacam a modalidade devido a sua expansão no âmbito educacional, e como sendo uma ferramenta de ensino que leva aos seus usuários a possibilidade de estudar virtualmente acessando um AVA.

Em grande parte das obras consultadas, foi introduzido o início da EAD no Brasil a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada no ano de 1996 a Lei 9394, em que incentiva a modalidade de ensino EAD nos diferentes níveis, seja para formação inicial ou continuada.

Outro ponto em comum é o reconhecimento após o ano de 2005, quando o governo federal regulamentou a EAD com o Decreto 5.622, no qual decreta regras para criação de cursos EAD, credenciamento e reconhecimento de instituições que almejam realizar a oferta desta nova modalidade.

Ainda no decreto 5622/2005 a EAD é compreendida como uma mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem, que irá ocorrer através da utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com professores e estudantes desenvolvendo atividades educacionais em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2005).

A Educação a Distância (EaD) possui especificidades, singularidades que são inerentes à modalidade e assume também várias abordagens filosóficas, políticas e pedagógicas. A abordagem da EaD deve

¹⁶ STOP MOTION é uma técnica de animação muito usada com recursos de uma máquina fotográfica ou de um computador.

¹⁷ SCRATCH é uma linguagem de programação que permite a criação de histórias, animações, jogos e outras produções. Tudo pode ser feito a partir de comandos prontos que devem ser agrupados.

extrapolar o olhar sobre a universalização da educação, reconhecendo evidentemente a relevância que a modalidade proporciona na tentativa de minimizar a exclusão e considerando ser um caminho possível. (GOMES; LIMA, 2017, p. 02).

Battini e Reis (2014), em pesquisa realizada sobre as reflexões de formação de professores a distância, apontaram que com o surgimento desta modalidade, e com o crescimento do número de estudantes que ingressavam no ensino EAD, surgiu a possibilidade de atender a um dos grandes desafios da educação, que é possibilitar o crescimento e aperfeiçoamento de diferentes profissionais que necessitavam e buscavam cursos para atualizar suas práticas, dentro destes profissionais existem os professores.

A busca pela formação abre novos caminhos para a diversificação das práticas em sala de aula, e utilizar a tecnologia instiga a busca de novas metodologias educativas. Ser um bom profissional ou professor é buscar se atualizar, vivendo uma experiência cultural e se apropriando, sistematicamente, dela e dos meios necessários para proporcionar a outrem a mesma experiência e a mesma apropriação. (GIOLO, 2008).

Para Richit (2016), em sua pesquisa sobre a formação continuada docente pautada na EAD, estabelece uma nova relação entre ensino e tecnologia, no qual pode potencializar o processo de apropriação do conhecimento e da formação docente, visto que nesta modalidade o conhecimento é construído de forma diferente do que ocorre no ensino presencial, pois a sua comunicação e sistematização de conteúdo estão totalmente condicionadas pelas mídias, recursos e tecnologias utilizadas.

Os levantamentos realizados neste estado do conhecimento apoiam a importância da EAD na formação de professores, em seus diferentes níveis de formação inicial ou formação continuada, e de forma geral, abordam o contexto pedagógico e os futuros benefícios que levam os docentes a procurar a EAD para sua formação, porém não apresentaram contexto de fala e representação destes docentes ao que se refere a sua formação.

Nos artigos analisados a experiência dos estudantes estava pautada na relação da apropriação com o uso do AVA, dos recursos tecnológicos e materiais que a modalidade disponibiliza. O mesmo ocorre quando cita a interação entre o estudante e seus professores e colegas, mostrando que o mesmo ocorre através da plataforma de ensino e dos recursos tecnológicos, mas não cita o que

essa interação e troca de conhecimento pode ajudar e contribuir na aprendizagem do estudante.

O estado do conhecimento foi realizado ainda no início da pesquisa, quando a metodologia e problemática estavam sendo construídas, conforme a temática desta pesquisa foi se mudando e se delimitando, tive que procurar outras fontes e novos autores ao longo da escrita. Então, este estado do conhecimento foi o ponto inicial para compreender como o compartilhamento e a troca de experiências pode contribuir na formação continuada docente, algo que não foi relatado nos artigos localizados, porém, como podemos ver nos últimos anos o número de periódicos publicados nesta área vem aumentando, e acredito que com a pandemia e a utilização do ensino a distância nas escolas, a temática ficou em evidência, este destaque poderá resultar em mais trabalhos a serem publicados futuramente.

2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Inicialmente, cabe abordar alguns conceitos relacionados a tecnologia, para entendermos como ela está inserida em nossas vidas, para entendermos e nos situarmos desde o início da tecnologia até o seu uso na educação. O surgimento da tecnologia não aconteceu recentemente e de forma inesperada, ela é muito mais antiga do que podemos imaginar, se fossemos pesquisar ao longo da história, desde os tempos mais remotos podemos identificar algumas evoluções e criações reconhecidas como tecnológicas, como por exemplo a utilização da madeira, a descoberta do fogo, a criação da lâmpada, e os primeiros aviões.

Nas últimas décadas, surgiram amplas mudanças e revoluções na forma de produzir conhecimento, devido ao surgimento de inúmeras inovações tecnológicas que permitiram o acesso e universalização de informações e conhecimento, gerando uma rede de comunicação em que se compartilha saberes dos diversos lugares e de forma quase instantânea, que repercutem atualmente em transformações nas mais diferentes áreas, como afirma o estudo realizado por Werthein (2000), sobre a sociedade da informação e seus desafios e significados para a vida pessoal e coletiva.

Através do surgimento das necessidades humanas houve a criação da tecnologia, que tinha por princípio o desenvolvimento de produtos ou processos que irão otimizar as diversas práticas sociais, econômicas, educacionais ou culturais, a fim de reduzir os esforços humanos. Para o autor Lévy (1999) ao tratar sobre a conectividade das pessoas através da tecnologia, diz que o ato de produzir tecnologia significa resumidamente em pesquisar e desenvolver novos métodos, técnicas e processos que irão viabilizar a inovação e o desenvolvimento de novos processos e interações.

O conceito de tecnologia, que pode ser explicado de diferentes formas e em diversos contextos, e isso irá depender de sua finalidade e de quem o conceitua. Nas palavras de Junior e Wunsch (2018, p. 21), ao conceituar tecnologia, dizem que “o conceito-chave de tecnologia é ser um produto da ciência que envolve um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas cujo objetivo é a resolução de problemas”. Sendo assim, a ciência desenvolve teoria e tentativas de entender os fenômenos no mundo e a tecnologia cria possibilidades, pensando sobre esta ligação, será que hoje saberíamos viver sem a tecnologia?.

A autora Kenski (2015, p. 19) em seu livro sobre tecnologia e ensino, faz uma dedução sobre a dificuldade atual da sociedade em viver sem o uso e acesso das tecnologias.

Elas integram nosso cotidiano e já não sabemos viver sem fazer uso delas. Por outro lado, acostumamo-nos tanto com uma série enorme de produtos e equipamentos tecnológicos que os achamos naturais. Nem pensamos o quanto foi preciso de estudo, criação e construção para que chegassem em nossas mãos.

Já para os autores Anjos e Silva (2018), complementam que as tecnologias são artefatos que propiciam ações, serviços, produtos, processos que expandem as possibilidades de comunicação entre os sujeitos, induzindo a produção de textos em diferentes tempos e lugares, registra, compila dados com precisão e velocidade, localiza lugares, capta e trata imagens, produz inteligências individuais e coletivas.

Desta forma, ao pensar o que é tecnologia, pode-se dizer que este termo vem se atualizando e se reinventando, sem ela muitos conceitos trabalhados nesta dissertação nem existiriam, hoje a tecnologia alcançou grandes patamares e um alto nível de desenvolvimento, a partir disto, o homem foi capaz de produzir

e reproduzir grandes feitos e efeitos, porém ainda há muita coisa a se descobrir com o uso da tecnologia, mas de uma coisa já sabemos que elas estão presentes na educação.

2.1 Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

A partir do momento em que entendemos o que são as tecnologias, e para que podem ser utilizadas, podemos pensar como aliar a tecnologia e a educação, e para tal feito temos as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação estão presentes na vida das pessoas em diferentes momentos e finalidades, seja para se comunicar, entretenimento, trabalhar ou estudar.

Hoje as crianças já nascem e são inseridas no mundo das tecnologias, e esta interação acontece naturalmente e com mais facilidade, para acessarem aplicativos e redes sociais. Ao que se refere sobre como devem ser utilizadas as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na educação, os autores Binotto e Sá (2014, p. 319) destacam que as tecnologias:

Devem ser entendidas na sua amplitude, superando a visão apenas instrumental e atingindo uma concepção mais ampla, o que possibilita que pensemos em variados ambientes onde possamos realizar práticas pedagógicas mediadas por linguagens da informação e da comunicação.

A partir do texto dos autores, temos uma dimensão de que com o surgimento das TDICs houveram grandes mudanças que impactaram diretamente na configuração do sistema educacional, estes recursos tecnológicos utilizados para fins educacionais suscitam muitas transformações em torno do ensino e aprendizagem, em que as instituições de ensino e os professores precisaram se adaptar a esta inovação tecnológica. Este texto foi escrito muito antes da pandemia, mas já indagava que as escolas vinham fazendo o uso das tecnologias, levando em consideração a disponibilidade de recursos.

A utilização das TDICs provocou maior acesso à informação e as novas metodologias de ensino, desencadeando uma grande busca por formação, neste sentido, destaco que a EAD surge como uma modalidade de ensino que rompe com os paradigmas tradicionais, tendo como centro a comunicação mediada

atrás das mídias tecnológicas, se destacando como um novo desafio aliando a educação e as tecnologias.

Para compreendermos um pouco mais sobre modalidade de ensino da EAD, e dos motivos que levaram ela a crescer consideravelmente nos últimos anos, para o autor Lévy (1999) um dos motivos do crescimento do EAD é por ser considerada uma modalidade com alta relevância social, na qual possibilita a democratização do ensino, uma metodologia sem barreiras geográficas e que pode atingir uma grande quantidade de estudantes. Assim como destaca o autor, considero a disseminação desta modalidade, pelo fato de ser considerada um ensino mais acessível e de baixo custo financeiro, vem sendo uma opção para pessoas que buscam estudar, mas precisam administrar seu tempo de estudo e suas demandas e necessidades particulares, podendo ser acessado de qualquer lugar utilizando smartphones conectados à internet.

No decorrer da utilização das TDICs e da atualização de seus recursos tecnológicos, houve um grande aumento de pessoas que utilizam seus smartphones como dispositivo para acesso à informação e educação conectados à internet ao invés do computador. A utilização de celulares ou tablets possibilita o desenvolvimento de uma aprendizagem móvel, na qual não se prende ao uso do computador, facilitando a realização de atividades de estudo com maior alcance de comunicação, de produção e compartilhamento de conteúdo em qualquer lugar e horário. O que afirma Giraffa (2012, p. 20), sobre a utilização da tecnologia por parte dos docentes analógicos e estudantes da geração digital nas escolas do século XXI:

Os recursos tecnológicos já fazem parte do cenário escolar há muito tempo. O aparecimento do giz substituiu o improvisado do carvão o qual possibilitou o registro organizado e mais padronizado dos conteúdos, recurso esse associado ao quadro negro que posteriormente ficou verde, branco e finalmente se digitalizou.

Talvez não fique claro no que já foi exposto aqui, mas os dispositivos móveis são considerados aparelhos portáteis que realizam funções e processos de mídia, navegação de internet, GPS, utilização de e-mail, entre outros recursos que facilitam a realização de diferentes tarefas. Nestes dispositivos móveis podem existir muitos aplicativos que foram criados para atender as necessidades de seus usuários, e que podem ser escolhidos e personificados, além de possuírem acesso a dados móveis, o uso de internet contratada a partir de uma

rede de telefonia ou Wi-Fi. É o que afirma Sonego e Behar (2015, p. 522) que os dispositivos móveis são “aparelhos portáteis e conectados em rede, na qual, os envolvidos (professores e estudantes) tanto podem procurar informações, como receber e compartilhar a mesma”.

Para desenvolver a aprendizagem seja em dispositivos móveis ou em outros dispositivos, é necessário a orientação de um professor ou mediador da atividade. Para Leite (2014, p. 05) a utilização dos dispositivos móveis na educação é compreendida como:

Uma aprendizagem que ocorre quando o estudante não está em um local estático e estipulado, ou no momento em que a aprendizagem acontece quando o estudante tira vantagem das oportunidades de aprendizagem oferecidas por tecnologias móveis.

O uso dos dispositivos móveis a favor da aprendizagem permite que seus recursos possibilitem não somente o acesso a materiais prontos e feitos pelo professor, mas possibilita a criação e compartilhamento com inúmeras funcionalidades, como por exemplo fotografar, executar vídeos, realizar downloads, editar textos, fazer gravações, transferir dados, acessar páginas na web, entre outras funções. Desta forma, oportunizam aos professores planejar atividades de estudo que expandem a interação entre os envolvidos no processo educativo. (SONEGO; BEHAR, 2019, p. 516).

Através das tecnologias digitais, a aquisição de informações e novas aprendizagens depende cada vez menos do professor, considerando o cenário que os estudantes começam a interagir com a tecnologia bem antes de seu ingresso na escola. Ensinar e aprender conforme Moran (2000, p. 138) a partir das inovações tecnológicas:

Exige hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

Devido a esta flexibilidade de espaço e tempo, devemos refletir sobre as práticas e planejamento docente, as tecnologias hoje dão acesso a inúmeros dados, imagens, mapas, resumos e trabalhos de forma mais atrativa e avançada, um dos papéis do professor é acompanhar este progresso e mediar o ensino

através do uso da tecnologia, interpretando a finalidade dos recursos tecnológicos e contextualizando, fazendo relações com os objetivos das aulas, seja para qualquer nível de ensino.

2.2 Alfabetização na Contemporaneidade

A alfabetização é um processo de aprendizagem, no qual se desenvolve a habilidade de escrita e leitura para utilização como código de comunicação e interação. Segundo Soares (2009) alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita, ou seja, a alfabetização seria um processo de representação da escrita.

Será que nos dias de hoje a alfabetização tem somente este significado de adquirir e decodificar os diferentes tipos de linguagem? Entendemos que este processo inicial de alfabetização demanda mais atenção por parte do professor, pois o educando desenvolverá novas atividades de aprendizado do alfabeto, números, formação de palavras e frases, sendo o início para outras novas habilidades e competências, como compreensão de textos e operações com números, e da linguagem em si, começando a jornada para os próximos níveis escolares, mas seria possível fazer isso através de recursos tecnológicos?.

Para Freire (2014) em seu livro “Educação e Mudança”, a alfabetização é uma construção do conhecimento, no qual o sujeito irá adquirir uma língua escrita através de um processo de aprendizagem com uma visão da realidade. O que o autor quer dizer é que a criança é o sujeito do processo educativo, não havendo dicotomia entre o aspecto cognitivo e afetivo, mas uma relação ativa, prazerosa, encaminhada para o ato de conhecer o mundo. No qual reafirma que:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador. (FREIRE, 2014, p. 110).

Para melhor visualização do contexto no qual a alfabetização começa a aparecer nos documentos e legislações vigentes na educação, faço um breve apanhado de alguns documentos e legislações que norteiam o processo de alfabetização, e que hoje estão em vigor na educação para discussão. Começando pela implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional - LDBEN 9.394/96, que regulamenta o sistema educativo público e privado, se estendendo da educação básica ao ensino superior.

A LDBEN 9.394/96 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, no qual abrange entre alguns assuntos: a formação dos profissionais e sua valorização profissional, o direito a toda população a ter acesso à educação de forma gratuita e de qualidade, e alguns princípios no qual o ensino deve ser ministrado. A LDBEN 9.394/96 não faz referência ao processo de alfabetização, somente estabelece na Seção III, referente ao Ensino fundamental,

Artº 32: O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:
§ I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

Após a implementação da LDBEN 9.394/96, temos a Lei nº 13.005 de 2014 que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE), no qual este plano tem vigência de 10 anos, estabelecendo diretrizes, metas e estratégias para o desenvolvimento da educação em âmbito nacional, estadual e municipal, para a elaboração deste documento se faz necessário a colaboração e participação dos entes federativos já mencionados.

O PNE (2014) prevê 20 metas a serem atingidas, referente a alfabetização, destaco a meta nº 05: “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.”. A meta nº 5 do PNE (2014) estabelece 7 estratégias, para alcançar o objetivo na alfabetização, dentre elas: organizar os processos pedagógicos de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, combinando com as estratégias iniciadas na pré-escola; promover e estimular a formação inicial e continuada de professores para a alfabetização de crianças; fomentar e divulgar tecnologias educacionais e práticas pedagógicas inovadoras que estimulem a alfabetização e favoreçam o fluxo escolar.

A partir do decreto nº 9.765 de 11 de Abril de 2019, o Brasil instituiu o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), com o objetivo de edificar e erradicar o analfabetismo, confiando na aplicação do método fônico ou fonético para alfabetizar, seu público-alvo são as crianças na faixa etária da primeira infância, estudantes matriculados nos anos iniciais da educação básica, bem como

estudantes que apresentam níveis insatisfatórios de alfabetização, ou em outras modalidades de ensino formais ou não formais. (BRASIL, 2019b).

O PNA (2019) em seu artº 3 estabelece princípios e objetivos em seus programas e ações educacionais, em seu inciso IV dá ênfase no ensino de seis componentes essenciais para a alfabetização: consciência fonêmica; instrução fônica sistemática; fluência em leitura oral; desenvolvimento de vocabulário; compreensão de textos; e produção de escrita.

Um pouco antes da institucionalização do PNA, tivemos a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ano de 2018, que é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais no currículo escolar, no qual todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, que contempla o desenvolvimento nos estudantes de competências e habilidades que relacionam a utilização das tecnologias digitais de forma crítica e responsável.

De acordo com a BNCC (2018), é papel da escola implantar em sua comunidade escolar práticas pedagógicas contemporâneas que possam permitir a aproximação com o mundo atual, proporcionando ao estudante a possibilidade de dialogar e se expressar em diversas linguagens, e por fim, desenvolver as competências pertinentes para o século XXI. A BNCC (2018) estabelece que nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, deve ocorrer as ações pedagógicas com foco na alfabetização, para garantir oportunidades aos estudantes de se apropriar da escrita alfabética de modo a ser articulado com o desenvolvimento de outras habilidades.

Na BNCC temos a primeira inserção do uso das tecnologias digitais, mostrando que elas podem estar presentes de forma transversal na educação, estando relacionadas em todas as áreas do conhecimento, e no processo de alfabetização. A BNCC (2018, p. 09) destaca a competência geral da educação básica de nº 05:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Desta forma, podemos entender que esta competência pode ser utilizada a favor da alfabetização dos estudantes, no qual a aprendizagem e as aulas se tornam um espaço sem demarcações, o que ressalta que o uso das TDICs na educação proporciona um processo de ensino mais participativo, tornando a relação de seus envolvidos (docente e discente) mais aberta e interativa, um espaço contínuo de trocas e novas aprendizagens. Freire diz que “crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras pertencentes à sua experiência existencial, palavras grávidas de mundo.” (2001b, p. 17).

Este espaço contínuo de trocas, novas aprendizagem e interações, podem ocorrer a partir do uso das tecnologias, pois as experiências e o interesse dos estudantes estão ligados a utilização de recursos digitais. A democratização do acesso à informação e a melhoria da qualidade da educação podem ocorrer em todos os níveis de ensino, e vêm acontecendo num contexto marcado pela modernização, pelo fortalecimento dos direitos da cidadania e pela propagação das tecnologias da informação, que impactam nas expectativas educacionais ao ampliar o reconhecimento da importância da educação na sociedade do conhecimento. (MELLO, 2003).

Para garantia da alfabetização e outros processos educativos, além do exercício de metodologias que serão utilizadas para aquisição destes processos com os estudantes no espaço escolar, temos a prática pedagógica do professor. Sabemos que o fazer docente não acontece do nada, para ser professor além da vontade pessoal é preciso realizar uma formação acadêmica, esta formação introduziu a teoria e a prática sobre a educação.

2.3 Formação Inicial e Formação Continuada Docente

Com a criação da LDBEN 9.394/96 a educação passou a ser um direito de todos, e com o aumento do acesso à educação, conseqüentemente se faz necessário maior número de professores para atuação nas escolas. Para entendermos melhor os caminhos de uma formação docente, começo pela formação inicial de professores, que deve seguir as exigências de formações legais estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC), tornando necessário a

realização de uma graduação de ensino superior em um curso de licenciatura para atuar na educação básica, como aponta o Art. 62 da LDBEN 9.394/96:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Uma das formações acadêmicas para ingresso na docência na educação básica, é através da realização do curso de Licenciatura em Pedagogia, a partir da resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno nº 01 de 15 de maio de 2006, que institui nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação de Licenciatura em Pedagogia, em seu artigo 2 no qual aplicam-se à formação inicial em Pedagogia o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (BRASIL, 2006).

O curso de Pedagogia tem por objetivo combinar teoria com a prática, através dos conhecimentos científicos, pensar e repensar as práticas pedagógicas, atentando a necessidade de aliar os três eixos fundamentais da docência: a formação inicial, o exercício da profissão e a formação continuada. (SILVA; SANTOS, 2015).

Na Pedagogia temos a teoria e prática da educação, pensando o conceito de educação de uma forma ampla, em que as práticas educativas não se reduzem somente à escola e ao ensino. A ação educativa ocorre em muitos lugares e de diversas formas, portanto, os agentes educativos convencionais destas práticas educativas fazem parte da família, escola e comunidade, como exemplo, as instituições sociais, culturais, civis, recreativas, meios de comunicação e tecnologia. A escola não é detentora do monopólio do saber. (LIBÂNEO, 2007).

Para Libâneo (2007) os professores educam e são educados quando compartilham o dia a dia de ensinar e aprender, de trocar ideias, percepções, sentimentos, gestos e atitudes, sempre os ressignificando, internalizando conhecimentos e experiências, rumo à um agir reflexivo-crítico, autônomo, criativo e eficaz. Buscando compreender o direito de todos à vida e à dignidade,

e do seu reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, do convívio em sociedade, da justiça e da igualdade, esse talvez possa ser um dos modos de fazer Pedagogia. Ao pensar sobre formação inicial e continuada para professores o autor Libâneo (2007, p. 88) implica em:

- busca de respostas aos desafios decorrentes das novas relações entre sociedade e educação, a partir de um referencial crítico de qualidade de ensino. Isto supõe levar em conta os novos paradigmas da produção e do conhecimento, subordinando-os a uma concepção emancipadora de qualidade de ensino.
- uma concepção de formação do professor crítico-reflexivo, dentro do entendimento de que a prática é a referência da teoria, a teoria o nutriente de uma prática de melhor qualidade.
- utilização da investigação-ação como uma das abordagens metodológicas orientadoras da pesquisa.
- adoção da perspectiva sociointeracionista do processo de ensino e aprendizagem.
- competências e habilidades profissionais em novas condições e modalidades de trabalho, indo além de suas responsabilidades de sala de aula, como membro de uma equipe que trabalha conjuntamente, discutindo no grupo suas concepções, práticas e experiências, tendo como elemento norteador o projeto pedagógico.

Ou seja, a formação inicial de professores tem como foco a docência, para aproximá-los e prepará-los para do exercício real da profissão, mostrando a importância do seu papel no ensino e aprendizagem do estudante, para enfrentar questões substanciais da escola como espaço social, local de práticas que formam ideias, reflexões e críticas. Além da iniciativa da formação partir do professor é necessário que as instituições ajudem nesta realização, promovendo formações, reuniões e demais atividades voltadas para as demandas do cotidiano do professor.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, estabelece elementos direcionadores para o processo de alfabetizar:

É importante ainda considerar, que nos anos iniciais do ensino fundamental os alunos devem ser introduzidos nos códigos instituídos da língua escrita e da linguagem matemática com a finalidade de desenvolverem o seu manejo. Desta forma, o Licenciado em Pedagogia precisa conhecer o processo de letramento, modos de ensinar a decodificação e a codificação da linguagem escrita, de consolidar o domínio da linguagem padrão e das linguagens da matemática. (BRASIL, 2006, p. 13).

A formação inicial de professores muitas vezes se mostra insuficiente para atender e compreender as diversas situações e demandas que acontecem na sala de aula, como foi apresentada em pesquisa realizada por pesquisadores da

educação, nas reportagens organizadas pelo grupo Porvir¹⁸. Primeiramente, para conhecimento das inovações na área da educação e tecnologia, e segundo pelo fato de o professor trabalhar com muitos estudantes que são diferentes em suas personalidades, dificuldades de aprendizagem e até mesmo devido a inclusão de estudantes com deficiência, se faz necessário um aprofundamento em determinadas temáticas.

No documento feito pelo MEC de Proposta em discussão: políticas públicas para a educação profissional e tecnológica, destaca uma perspectiva importante para o aprimoramento da educação profissional e tecnológica, que necessita estar centralizada na qualificação da formação inicial e continuada dos docentes, definindo princípios, estratégias e conteúdos para uma formação específica que possa atender às demandas das diversas redes de educação profissional e tecnológica. Esta proposta precisa estar consolidada numa política contínua, que valorize o profissional, elimine progressivamente a dicotomia entre o acadêmico e o profissional, articule formação inicial e continuada, defina plano de carreira e salários condignos, bem como a participação dos profissionais da educação profissional e tecnológica. (BRASIL, 2004).

O ato da docência e de ser docente, exige uma busca contínua de aprendizagem e autorreflexão de suas práticas. A busca por aperfeiçoamento deve ter embasamento na teoria científica a fim de amparar suas práticas em sala de aula, pois a melhoria do ensino e aprendizagem irá acontecer mediante ação do professor, deixando de lado a visão reducionista, no qual basta conhecer o conteúdo a ser ensinado e sempre utilizar as mesmas metodologias. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1996, p. 21). Segundo o autor:

A melhora da qualidade da educação implica a formação permanente dos educadores. E a formação permanente se funda na prática de analisar a prática. É pensando sua prática, naturalmente com a presença de pessoal altamente qualificado, que é possível perceber embutida na prática uma teoria não percebida ainda, pouco percebida ou já percebida, mas pouco assumida. (FREIRE, 2001b, p. 37).

A ideia de formação continuada hoje está ligada à realização de cursos de curta duração, reuniões, simpósios, e outras ações que propiciam a prática

¹⁸ O grupo Porvir é um dos principais sites sobre inovação em educação do Brasil. Disponível em: <https://porvir.org/>

da autoformação dos professores, deixando livre a opção de o professor buscar as áreas que mais a interessa para se especializar, conforme pesquisas apresentadas no VIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (2005)¹⁹.

Devido a Pandemia de COVID-19 os professores tiveram que adaptar suas práticas para o ensino remoto, e o uso da tecnologia se tornou obrigatório fazendo com que aqueles professores que não dominam a utilização e navegação dos recursos digitais, buscassem formação e apropriação tecnológica.

É importante saber utilizar os recursos que tecnologia nos oferece, porém devemos ter o cuidado e entender que para aqueles que não sabem utilizadas, segundo o destaque de Rover (2003) as plataformas digitais têm grande potencial para diminuir a distância de socialização entre as pessoas, mas para isso é necessário aprender e se alfabetizar digitalmente para interação em uma sociedade tecnológica.

O ato de não utilização da tecnologia pode estar ligado a muitos aspectos, um dos motivos é associado ao acesso restrito ou quase nulo com as tecnologias, fazendo com que ele seja incapaz de compreender o mundo digital e utilizar as tecnologias modernas, para haver uma mudança, primeiramente tem que existir uma proposta de inclusão que possibilite este sujeito o acesso aos recursos tecnológicos, igualmente ao acesso à educação, podendo ser através de uma metodologia de Educação à Distância.

2.4 A EAD na Formação Continuada

No cenário educacional brasileiro, a EAD se destacou como modalidade importante de educação inicial e continuada para formação de docentes a partir da LDBEN 9.394/96, no qual se instituiu como modalidade regular de ensino a ser integrado ao sistema educacional nacional.

Quando pensamos em Educação e nas grandes mudanças ocorridas, nas quais não há mais estudantes e professores em sala de aula presencial, seja na educação básica ou no ensino superior. As instituições se adaptaram e mudaram

¹⁹ Trabalhos que foram apresentados no Congresso estão disponíveis em:
<https://www.unesp.br/prograd/e-book%20viii%20cepfe/LinksArquivos/9eixo.pdf>

suas metodologias para EAD, utilizando recursos disponíveis no ciberespaço, tal conceito é abordado no livro do autor Pierre Lévy chamado “Ciberespaço” (1999), o ciberespaço é mais conhecido como “rede” que se tornou um novo meio de comunicação e troca de informação realizando uma interconexão dos computadores e seus usuários. Com a habilidade de colocar de forma simultânea e interfacear diversos dispositivos de criação de informação, gravação, comunicação ou simulação.

Pensando na ação e interação que os usuários realizam no ciberespaço, o autor introduz o conceito de cibercultura, que é caracterizada pelo conjunto de técnicas, práticas e ideologias que se devolvem simultaneamente no ciberespaço. Para o autor Lévy (1999, p. 111) a cibercultura tem a capacidade de “Estabelecer relações entre idades, sexos, nações e culturas, apesar das dificuldades e dos conflitos.”

Segundo Lévy (1999) umas das principais funções do ciberespaço é o acesso à distância aos diversos recursos de um computador, a transferência de dados e a troca de mensagens. Fazendo com o desenvolvimento do ciberespaço ocasione uma descentralização dos grandes centros urbanos, e uma nova forma de gerir e distribuir suas atividades.

Com a união destes conceitos e os avanços da tecnologia, foi possível criar um ambiente de aprendizagem de ensino on-line, no qual consiste em recursos tecnológicos para os estudantes e professores, conhecido como EAD. Para Bouchard (2002, p.71) dentro das novas práticas educacionais,

Temos aquilo que chamamos de “formação a distância” é definido de maneira geral a partir da noção de distanciamento físico, isto é, do espaço geográfico que separa a pessoa que aprende dos recursos úteis à sua aprendizagem. Esse distanciamento, cujos efeitos se tenta superar por meio de técnicas de comunicação e de programação educativa, constitui, no entanto, uma característica fundamental da educação a distância.

Para Faria e Lopes (2014), a EAD se torna um recurso tecnológico de comunicação de duas direções, que substitui a interação pessoal do professor e estudante em sala de aula, optando pelo ensino com ações sistemáticas e com conjuntos de recursos didáticos para apoiar a aprendizagem, com organização tutorial de modo que propicie a autonomia do sujeito.

Segundo Almeida (2003, p.333),

A educação a distância em ambientes digitais e interativos de aprendizagem permite romper com as distâncias espaço-temporais e viabiliza a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas a priori. A EAD assim concebida torna-se um sistema aberto, com mecanismos de participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares.

A EAD está em expansão por todo mundo, nos últimos anos houve um aumento nas demandas por formação ou qualificação e a multiplicação de meios técnicos capazes de garantir a efetivação deste tipo de modalidade. As diretrizes e textos legais começaram a tratar a EAD como parte de uma estratégia de ampliação democrática do acesso à educação pela sociedade brasileira. (ROVER, 2003).

É de conhecimento de todos, que essa democratização de acesso à educação através da EAD possui muitos empecilhos, pois o cenário educacional e econômico da população mostra muita desigualdade social, em que nem todas as pessoas (docentes e discentes) têm acesso à internet e aos recursos tecnológicos que a EAD necessita.

A modalidade da EAD hoje pode atender às demandas de cursos de graduação e pós-graduação e as demandas de formação continuada docente, atingindo um número maior de participantes. Devido a carga horária que muitos professores exercem em sala de aula, a formação continuada em EAD possibilitou a administração e otimização de tempo e espaço conforme disponibilidades pessoais, conforme pesquisas já apresentadas nesta dissertação.

Conforme documento base para a discussão sobre políticas públicas para a formação profissional e tecnológica (BRASIL, 2004) ao que se refere a realização de pós-graduação para os professores, existem poucas ofertas e oportunidades, tendo custos elevados e restrições por parte das escolas quanto à liberação dos seus docentes, este afastamento do trabalho gera dificuldades para a instituição que têm números reduzidos de professores e sem possibilidade de contratação de substitutos, ainda citando o documento sobre políticas públicas para a formação profissional e tecnológica:

A prática pedagógica na sala de aula permanece tradicional na forma de estruturar seus planos e conteúdos. As inovações tecnológicas relacionadas com tecnologias da informação e comunicação estão ainda ausentes da formação docente. (BRASIL, 2004, p. 36).

Visando contribuir para a formação continuada dos docentes, a EAD pode vir a acrescentar no processo de aprendizagem, pois promove a interação em um ambiente que favorece a colaboração, unindo pessoas de diferentes locais e de diferentes metodologias. Os recursos disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) junto ao trabalho do professor/tutor, é um diferencial para estabelecer a comunicação de forma síncrona e assíncrona. A busca de informações sobre a temática se faz importante, primeiramente para entender o que já foi pesquisado nesta área, e para compreender os espaços desta pesquisa.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apresentou o resumo técnico do Censo da Educação Superior do ano de 2020, no qual mostra que o número de estudantes matriculados no ensino superior em cursos à distância cresceu 378,9% no período de 2009 a 2019, nesta década o número de estudantes passou de 330 mil para mais de 1 milhão e meio. (INEP,2022).

Antes deste crescimento da EAD, em um congresso realizado pela Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED), o autor Mercado (2007) apresentou as dificuldades na educação à distância online, no qual ele pontua alguns fatores que podem acarretar o abandono e frustração de seus envolvidos no processo de aprendizagem, cabe a esta pesquisa também apontar as dificuldades nesta modalidade de ensino.

Para Mercado (2007) as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem em EAD podem estar relacionadas a disponibilização de conteúdos desinteressantes e desatualizados, que acabam dificultando a compreensão dos estudantes, no qual não conseguem procurar ou responder suas dúvidas no ambiente do curso, por falta de estrutura e planejamento do currículo. E na preparação para o estudante para realizar o curso de forma virtual:

Os resultados podem ser desastrosos, quando os alunos não são preparados para estudar nesta modalidade. O aluno adulto apresenta dificuldades de adaptar-se a novas situações de aprendizagem, são sempre muito ocupados, com pouco tempo para dedicar-se a atividades de aprendizagem organizadas. (MERCADO, 2007, p.05).

Outra dificuldade apresentada pelo autor Mercado (2007) é o silêncio e a desamparo online, que pode ocorrer por parte do estudante ou professor/tutor,

no qual a participação nas atividades e fórum gera um sentimento de realização e “estar junto online”, e a não realização das atividades acarretam um silêncio e não desenvolvimento das atividades no seu potencial, esta preocupação está mais centrada no professor/tutor, para que os estudantes não fiquem desamparados.

2.5 Novos olhares sobre formação

A tradição das formações de professores em sua maioria das vezes consiste em atualizar e culturalizar os docentes com conhecimentos pré-definidos, segundo Imbernón (2010) formação não é treinamento, não podendo ser tratada a partir de problemas genéricos, ocasionando um sistema de formação *standard*, que busca solucionar problemas que supostamente todos os professores enfrentam, e muitas vezes sem ligação com a realidade educacional.

Não existe na educação um pensamento educativo único predominante, no qual se utilizam currículos iguais, gestões idênticas, as mesmas normas, ou uma formação igual para todos, desta maneira, a formação de professores também não pode seguir este caminho padronizado, é preciso desmascarar o currículo oculto transmitido na formação do professorado, e buscar descobrir outras maneiras de ver a educação e de interpretar a realidade. (IMBERNÓN, 2009).

O professor assume papel de protagonista neste tipo de formação, a partir da análise das complexidades das situações problemáticas do seu cotidiano, promovendo o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos docentes em formação, potencializando as trocas e um trabalho colaborativo para ressignificar suas práticas. Para Imbernón (2009, p. 45), realizar uma transformação nas políticas e práticas de formação é uma tarefa muito difícil:

Isso implica fugir de políticas de subsídio, de políticas em que se acredita que oferecendo (ou investindo) à formação uma grande quantidade de cursos, seminários ou jornadas, a educação mudará; deixa-se o contexto trabalhista empobrecido, assim como a metodologia de trabalho da prática formativa mais orientada a práticas formativas individuais que a modelos de formação permanente de caráter coletivo, de desenvolvimento e de melhorias do currículo e a processos indagativos em que a base não é a “ignorância do mestre”,

mas que se confia na capacidade do professorado para gerar inovações através das práticas educativas.

O trabalho coletivo na formação continuada pode propiciar aos docentes de reflexão real a partir da interação com os sujeitos envolvidos, sujeitos que compartilham da mesma experiência docente, de modo com que o participante possa examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de prática, suas atitudes e buscar novos conhecimentos e métodos, estabelecendo nestes momentos um processo de autoavaliação do que já realizou em sala de aula e do que ainda se pode realizar. É o que afirma Imbernón (2012, p. 90):

Aprender juntos pressupõe ouvir as ideias dos outros, saber expor suas próprias ideias, buscar o consenso, amadurecer juntos na busca do bem comum, aprender a refletir, saber ceder quando percebemos que a proposta do outro pode ser mais benéfica para todos, conscientizar-se de que trabalhar de maneira cooperativa é mais proveitoso etc.

Uma formação continuada não separa a formação do contexto no qual o professor está inserido, assim o que é tratado em uma formação com um grupo não irá servir para todos os professores e muito menos em todas as escolas. O contexto no qual o professor está inserido, e a sua realidade no âmbito pessoal e profissional se torna o centro da formação e das práticas formativas, e a repercussão do que foi abordado será mais significativa, podendo levar a inovação e mudança dentro da sua realidade e possibilidades.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1995, p.13)

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O objetivo desta pesquisa foi compreender a partir de modalidades diferentes de ensino na formação continuada, como o compartilhamento de experiências e aquisição de conhecimento digitais, pode contribuir para os docentes do bloco pedagógico de alfabetização, para construção de informações foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa.

Para Córdova e Silveira (2009, p.32) a pesquisa qualitativa não está preocupada com a representação de números, mas sim com maneiras de

aprofundar a compreensão de um grupo, neste método os pesquisadores buscam:

Explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

A pesquisa qualitativa, se torna uma forma de entender a natureza do proposto investigado, possibilitando compreender situações e significados de forma mais alinhada. Ao que se refere a pesquisa e análise qualitativa, ela pode depender de muitos fatores, como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Podendo definir este processo como uma sucessão de atividades, que contempla a descrição dos dados, sua categorização, interpretação e redação de relatório. (GIL, 2002).

3.1 Pesquisa-ação

A metodologia utilizada nesta pesquisa teve como base teórica a pesquisa-ação, buscando através da análise das participações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, do problema, da construção das informações e dos procedimentos de pesquisa empírica, responder o problema de pesquisa proposto: compreender a partir de diferentes modalidades de ensino na formação continuada, como o compartilhamento de experiências e aquisição de conhecimento digitais, pode contribuir para os docentes do bloco pedagógico de alfabetização, na pesquisa realizada com os grupos de professores dos anos iniciais da educação básica atuantes na rede municipal das cidades do litoral norte do RS.

Para Santos e Clos (1998), dentro de uma pesquisa científica os pesquisadores devem procurar propostas e métodos de investigação que melhor irão responder as questões que estão propostas no estudo, dependendo da natureza do problema e do objeto que se deseja conhecer. A utilização de técnicas qualitativas ou quantitativas irá depender do conhecimento do pesquisador sobre as aplicações das técnicas. Não há método superior ou mais qualificado, desde que se entenda suas adequações e finalidades.

A realização de uma pesquisa-ação oportuniza ao pesquisador intervir de forma planejada em relação a uma problemática de caráter educacional ou social, analisando e divulgando seus objetivos com finalidade de mobilizar seus participantes a refletir de forma crítica sobre as suas práticas e construir novos saberes. A relação e os caminhos da pesquisa se deram a partir de uma ação visando a resolução de um problema de forma coletiva, fazendo com que seus pesquisados e pesquisadores tenham maior cooperação e interação. (THIOLLENT, 1986).

A pesquisa-ação traça caminhos contrários de uma pesquisa convencional, em que a construção e produção do conhecimento utiliza de métodos reconhecidos de forma testada e comprovada, segundo Thiollent (1986, p. 47):

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada.

Para Tripp (2005) dentro das metodologias de pesquisa, é importante entender a pesquisa-ação como uma das inúmeras formas de se fazer uma investigação-ação, que é um termo para qualquer processo cíclico no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre o agir no campo da prática e investigar a seu respeito. Na investigação-ação o planejamento, a implementação e avaliação de uma mudança pode melhorar sua prática para os pesquisados ou como pesquisador.

A investigação-ação pode ser entendida como uma abordagem em forma de ciclo, no qual cada etapa a ser realizada se desenvolve inicialmente através da identificação do problema de pesquisa, após pela realização de um planejamento da ação, buscando a sua resolução, implementação e acompanhamento, descrevendo seus efeitos e resultados, e por fim é necessário realizar uma avaliação de sua eficácia ou não. (TRIPP, 2005).

Pensando em uma pesquisa-ação dentro da educação voltada para a formação contínua de professores, crítico-reflexivos, empoderados e capazes de transformarem a si e às suas circunstâncias. Franco (2016, p. 03) denomina como pesquisa-ação pedagógica:

Acredito que toda pesquisa-ação tem caráter formativo; no entanto, no caso da pesquisa-ação pedagógica, a formação pedagógica dos sujeitos da prática passa a ser a finalidade primeira. É um trabalho participativo; colaborativo, pedagógico, entre pesquisadores e professores, na perspectiva de formação crítico-reflexiva, que, por pressuposto, resulte na melhoria do ensino.

Para Imbernón (2016) as práticas de pesquisa-ação devem ter um caráter mais participativo, um impulso democrático decidido pela maioria e uma contribuição para a mudança educativa e social, mas não sem esquecer de que a pesquisa-ação tem por finalidade a construção do conhecimento, com um papel crítico diante da chamada ciência tradicional, uma função de mudança social e de formação.

A proposta da Pesquisa-Ação Pedagógica (PAPE) ressalta que não se trata de converter os professores participantes em pesquisadores profissionais, mas em realizar um trabalho coletivo, que gere benefícios a ambos. Em que ao pesquisado cabe compreender a práxis docente, permitindo articular melhor teoria educacional e prática docente, e ao professor participante compreender sua prática, sua função social e política, mudando seu olhar e reconstruindo seu fazer pedagógico na perspectiva da formação dos estudantes. (FRANCO, 2016).

Esta pesquisa-ação pretendeu proporcionar uma formação continuada para professores, referente às temáticas de alfabetização e tecnologias digitais, a fim de compartilhar com o grupo de participantes um espaço de reflexão sobre as suas práticas, troca de experiências, suas dificuldades e apropriação de novas metodologias e atividades digitais. Esta pesquisa não pretendeu apontar aos professores respostas ou até mesmo interferir em suas práticas, mas possibilitar e abrir um espaço para construção de novos conhecimentos para os professores e ajudar em suas práticas referente ao uso das tecnologias.

A ação do pesquisador é envolver e acolher os participantes da pesquisa, para isso o pesquisador deve ser cuidadoso, para que os participantes não se sintam observados e com medo de participar ativamente com suas opiniões. O pesquisador não pode agir como se fosse solucionar um problema no qual os participantes estão envolvidos na pesquisa, seu papel é ajudar na construção coletiva, mediar as interações, observar os detalhes ligados ao problema. (THIOLLENT, 1986).

Utilizando a pesquisa-ação foi realizada uma investigação e análise dos processos de formação continuada em EAD e Presencial, que foi

especificamente ofertado a professores alfabetizadores atuantes dos anos iniciais da educação básica da rede municipal das cidades localizadas no litoral norte do RS, através de um curso de extensão ofertado em duas modalidades de ensino.

A primeira modalidade em EAD, foi utilizada a plataforma do Moodle UERGS e outras ferramentas digitais de comunicação, no qual foi o primeiro contato com os professores e o curso de formação, a partir das interações e dificuldades do processo, fizemos a construção do segundo curso de formação na modalidade Presencial, para aliar além dos recursos digitais, foram realizados dois encontros presenciais.

3.2 Os caminhos desta Pesquisa-ação

Desde o início da idealização do projeto eu sempre tive o interesse em trabalhar com tecnologia, não sabia em qual temática, mas sabia que havia necessidade de ser sobre tecnologia. Quando começou o Mestrado a temática da pesquisa ficou mais clara, foi então que eu percebi que queria trabalhar com a formação de professores. Com a temática delimitada e conversando com o meu orientador, nos surgiu a possibilidade de realizar uma pesquisa-ação a partir da formação continuada de professores.

Neste momento com a temática delimitada, comecei a realizar leituras e pesquisas sobre o que seria uma pesquisa-ação. Na pesquisa-ação os pesquisadores exercem uma função mais ativa no equacionamento dos problemas localizados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. A pesquisa-ação exige uma estrutura participativa em relação aos pesquisadores e as pessoas investigadas. (THIOLLENT, 1986).

Pensando nos caminhos metodológicos da pesquisa-ação, começamos a planejar o que iríamos fazer para começar o projeto e a pesquisa, e para colocar em prática a formação continuada decidimos realizar um curso de extensão. Comecei a ter ideias sobre o curso, e nas primeiras tratativas pensei em trabalhar muitos assuntos, então comecei com as propostas iniciais para a estruturação do curso.

Primeiramente o curso seria voltado para as competências digitais para professores, após realizei a mudança para a temática de M-learning²⁰, ainda não estava me encontrando com os assuntos, e então mudei para a BNCC. Muita coisa surgiu sobre este documento normativo, eu estava planejando pesquisar sobre como a tecnologia estava incluída na BNCC, para realizar um curso de extensão visando auxiliar os professores a utilizar as tecnologias, aliando as áreas de conhecimento e suas competências, mas eu ainda não estava me encontrando nesta proposta e na condução da pesquisa-ação. Para Thiollent (2002, p.04):

A pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação. Nesse espaço, os pesquisadores, extensionistas e consultores exercem um papel articulador e facilitador em contato com os interessados.

Enviei a estrutura do curso ao meu orientador, mas ainda não estava contente com a proposta, uma indecisão estava tomando conta do meu projeto, mas ainda estava seguindo esta proposta, eu conversei com um colega do Gepraco²¹, para que ele pudesse me dar algumas dicas e compartilhar como foi quando ele construiu o seu curso de extensão, pedi que ele me incluísse como aluna do seu curso, para que eu pudesse acessar o que ele havia realizado como produto do curso de Mestrado.

Analisando o curso, pude entender que não adiantava colocar o máximo de informações possíveis sobre a temática somente pensando em criar conteúdo, e sim que eu precisava realizar uma proposta que se encaixe dentro dos módulos, para que se relacionassem dentro da temática central e com a realidade dos professores.

Vivemos em uma contradição, pois existem muitas formações disponíveis, mas vemos pouca mudança, talvez o motivo esteja na predominância de políticas formadoras que praticam com grande entusiasmo uma formação transmissora e uniforme, com ascendência em uma teoria descontextualizada

²⁰ Abreviatura para mobile Learning, que significa aprendizagem móvel. O M-Learning é uma metodologia de aprendizagem que utiliza de dispositivos móveis para facilitar o ensino. (BEHAR; SONEGO, 2015)

²¹ Gepraco é o Grupo de Estudos em Práticas Corporais do qual faço parte. Meu orientador, o professor Dr. Leandro Forell é o líder do grupo, que tem como objetivo principal ser um espaço de fomento para as pesquisas de seus integrantes, possibilitando as trocas, diálogos e vivências na área da educação, onde se constitui subsídios para a trajetória das pesquisas acadêmicas.

da realidade profissional, que visa ser válida para todos sem distinções, distante dos problemas práticos e reais, pensando em um educador ideal que não existe. (IMBERNÓN, 2010, p.39).

Dentro da minha proposta de curso havia muita informação e faltava conexão dentro da temática central, mas eu não conseguia perceber isto, ainda estava muito insegura do curso que estava propondo, e após uma orientação com meu orientador via Google Meet²², comecei a entender o que deveria mudar, e começamos a inserir material no Moodle. Comecei dividindo o curso em unidades, esta parte foi bem difícil, pois tem toda a parte de configuração e personalização do espaço do ambiente virtual de aprendizagem.

Fazendo algumas leituras para o referencial do projeto de pesquisa localizei um trabalho publicado no congresso que aconteceu no ano de 2009, que aconteceu na Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED), das autoras Soares e Reich (2009, p.03):

Um material didático contextualizado na EAD é aquele que enfatiza a reflexão, o desenvolvimento da autonomia e a construção do conhecimento, viabilizando a interação entre alunos, tutores e professores. Nas propostas de múltiplas interações, o material didático deve ser pensado e produzido para estimular no aluno a busca de informação além das fronteiras do curso.

Neste momento comecei a refletir sobre a proposta do curso sobre a BNCC, eu já havia feito um estudo prévio sobre o assunto, algumas coisas eu já conhecia sobre a BNCC, mas estava pensando em abandonar esta proposta. Eu já tinha separado um material para postagem e alguns vídeos, o Moodle já estava estruturado faltava somente terminar alguns materiais e gravar os vídeos, mas eu ainda sentia que não era isso que eu queria abordar no curso, eu não conseguia planejar as atividades que os professores iriam fazer, e muito menos os vídeos tutoriais que eu iria produzir.

Marcamos mais uma orientação via Google Meet, mostrei o que eu havia feito do curso e conversamos, pois não estava convencida que o curso estava do jeito que eu queria. Então, meu orientador abriu no seu computador o curso que eu havia criado no Moodle e começamos a mudar todo ele do zero, a nova temática surgiu quando estávamos conversando naquela mesma noite, após um

²² Plataforma de videoconferência que oferece planos gratuitos e pagos para criação de reuniões on-line.

relato que seu filho mais novo estava em processo de alfabetização e havia poucas ferramentas tecnológicas que eram utilizadas pela professora do seu filho durante a pandemia.

A partir deste relato o curso de extensão foi planejado com a temática sobre alfabetização e tecnologias, com o objetivo de compartilhar ferramentas digitais nos anos iniciais da Educação Básica, focado na alfabetização e em ferramentas digitais que auxiliam na aprendizagem. Na mesma hora surgiram os módulos do curso, as temáticas do fórum e eu fiquei incumbida de produzir os materiais e vídeos tutoriais. E depois de inúmeras mensagens de WhatsApp²³ para o meu orientador, conseguimos tirar do papel o nome do nosso curso: Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos Iniciais da Educação Básica.

O autor Francisco Imbernón (2009, p. 28) traz em seu livro Formação Permanente do professorado, a importância da ajuda e do compartilhamento entre os pares, através de observação e devolutiva entre colegas, expõe que “Ter o ponto de vista de outro oferece ao docente uma perspectiva diferente de como ele ou ela atua com os estudantes”, este compartilhamento pode contribuir para o crescimento do professor participante e favorecer mudanças em suas práticas e estratégias educativas, mas para que isto aconteça, o professor precisa deixar de lado o individualismo, e estar aberto as novas ideias e considerar que as mudanças muitas vezes se fazem necessária.

3.3 Os sujeitos da Pesquisa e seus procedimentos

A pesquisa-ação realizada se constituiu inicialmente pela etapa de construção de um curso de formação continuada em EAD, foi construída a proposta do curso, bem como os módulos e os materiais, o curso tratou de diferentes temáticas sobre o uso da tecnologia: leituras para embasamento teórico; fóruns para estabelecer conversas e compartilhamentos; sugestões de recursos tecnológicos; e atividades práticas de utilização de ferramentas digitais para construção de material pedagógico, a partir de vídeos tutoriais confeccionados pelos pesquisadores.

²³ Multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones

O grupo de envolvidos e participantes da primeira etapa da pesquisa-ação foi formado inicialmente por 62 professores, que atuam nos anos iniciais da educação básica da rede municipal, de cidades localizadas no litoral norte do Rio Grande do Sul, como Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Cidreira, Imbé, Itati, Maquiné, Osório, Palmares do Sul, Terra de Areia, Torres, Tramandaí e Xangri-lá. Todos os professores aceitaram participar da pesquisa mediante aceite do termo de consentimento (APÊNDICE 1), e somente um dos professores está cursando Pedagogia, os demais têm formação mínima de graduação em uma licenciatura, a maioria em Pedagogia, e alguns em Letras e Matemática.

A escolha por profissionais atuantes no litoral norte se deu através da possibilidade de que o curso de extensão poderia se tornar um espaço de troca entre professores de municípios diferentes, e que através da tecnologia poderão se conhecer e trocar experiências da sua prática docente em diferentes cidades, mostrando como ocorre o seu fazer pedagógico, além de criar um cenário maior sobre os assuntos que serão discutidos nos fóruns do curso de extensão (APÊNDICE 2).

O curso de extensão “Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos iniciais da educação básica” foi realizado através da modalidade EAD, a partir da plataforma Moodle da UERGS. O Moodle é um sistema para criação de cursos e disciplinas, que também é conhecido como AVA, esta plataforma de estudos é utilizada por professores e estudantes do EAD, em diversos países.

O primeiro curso realizado teve a carga horária de 60 horas que iniciou no dia 06/10/2021 e encerrou em 2021, ao iniciar o curso os participantes deram o aceite no termo de consentimento, após semanalmente abriu um módulo para estudos. Cada módulo tratou de uma temática diferente apresentando: uma leitura para embasamento teórico; um fórum para estabelecer conversas, compartilhamento de ideias e experiências com uma temática geral; uma sugestão de aplicativo ou recurso tecnológico para apoiar a aprendizagem dos seus estudantes em casa, cabe lembrar que o uso deste recurso é para contribuir além das aulas, ele não substitui as atividades que o professor irá realizar; e por fim uma avaliação prática para aprender como utilizar uma ferramenta tecnológica para construção de material pedagógico aos estudantes.

As interações foram mediadas pela pesquisadora, a partir dos espaços disponibilizados no Moodle de forma assíncrona, o objetivo era interagir diariamente com os participantes para que eles participem e continuem realizando o curso. Ao longo do curso fui realizando postagens de dicas de atividades, leituras e vídeos a fim de ajudar na aprendizagem, além dos vídeos e materiais que já foram produzidos pela pesquisadora dentro do curso, estes movimentos de interação foram registrados em um diário de campo junto às percepções e ideias da pesquisadora.

A avaliação da proposta do curso se deu após a aplicação, fazendo um levantamento das informações produzidas, entrelaçando com as referências teóricas dos autores relacionados às temáticas abordadas. Partindo da análise das interações dos participantes com o curso, o acesso aos materiais disponibilizados, bem como o retorno das postagens das construções de materiais no Moodle, e por fim, a análise do diário de campo das atividades desenvolvidas pela pesquisadora, que visaram registrar as interações, as ações desenvolvidas para mobilizar a participação e adesão dos professores no curso de extensão.

O ato da docência e de ser docente, exige uma busca contínua de aprendizagem e autorreflexão de suas práticas. A melhoria do ensino e aprendizagem acontece mediante ação do professor, deixando de lado a visão reducionista, no qual basta conhecer o conteúdo a ser ensinado e sempre utilizar as mesmas metodologias. Para Freire "Na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática." (1996, p.21).

A partir das dificuldades encontradas pelos pesquisadores e pelos participantes da pesquisa-ação, fizemos uma reconstrução da proposta do curso, modalidade e do grupo de participantes, resolvemos realizar a formação continuada na modalidade Presencial com encontros síncronos e assíncronos, com um grupo de 23 professores de uma escola localizada no município de Osório no Rio Grande do Sul, o curso foi realizado nos dias 06/04/2022 e 13/04/2022 e teve a carga horária de 20 horas.

A proposta do curso continuou sendo centralizada nas atividades do Moodle, porém houve dois encontros presenciais, no qual foi possível debater os assuntos dos fóruns, relatar e compartilhar as experiências e dificuldades. Diferente do primeiro curso realizado, neste tivemos mais adesão na participação

com 23 professores, podemos destacar a maior interação dos participantes por serem do mesmo núcleo escolar docente, no qual o convívio diário ajudou na realização das tarefas do curso.

Ao final da realização das duas formações totalizamos a pesquisa-ação com 85 professores, e para diferenciar as participações e o sigilo dos participantes, as informações produzidas e as análises realizadas, os professores foram nomeados com referência em pedras preciosas²⁴, para que não fosse associado os nomes reais a um profissional ou a uma escola.

Tabela 3 – Participantes das Formações e número de encontros

| Modalidade | Nº de encontros Assíncronos | Nº de encontros Síncronos | Nº de participantes |
|------------|-----------------------------|---------------------------|---------------------|
| EAD | 6 | 0 | 62 |
| Presencial | 2 | 2 | 23 |

Fonte: autoria própria

3.4 Construção da primeira formação EAD

O curso foi constituído por 5 módulos, que irei apresentar nesta etapa da construção da primeira formação em EAD. No módulo de apresentação, inicialmente, coloquei o vídeo que eu gravei de apresentação, disponibilizei um cronograma do curso com todas as orientações, este documento foi o último que eu coloquei no Moodle, pois toda hora estava mudando algum detalhe. Outro documento importante disponibilizado na apresentação foi o termo de consentimento, como eu nunca havia feito um documento deste gênero, fiquei um tempo pesquisando e construindo algo que se adequasse a proposta do curso, que informasse a natureza da pesquisa e mostrasse as minhas intenções como pesquisadora.

Gravar os vídeos tutoriais para colocar em cada módulo e realizar a edição, eu acho que essa foi a parte mais difícil para mim, pois tenho muito vergonha de me gravar falando, e seguir um roteiro dentro da gravação. Fiquei uma noite inteira só para gravar minha apresentação pessoal, e ainda ficou horrível, mas eu fiz a edição e ficou um pouco melhor.

²⁴ Como forma de carinho e de demonstrar o apreço pelos professores participantes, irei nomeá-los com referência em pedras preciosas, com o intuito de relacionar o fato de que assim como as pedras, os professores são valiosos e apresentam a sua beleza no ensinar.

Como forma de começar a interação no curso disponibilizei o primeiro fórum do curso “Como as tecnologias se apresentam em nossas vidas”, o intuito era conhecer os participantes e proporcionar um espaço para que os próprios professores se conhecessem, iniciando com uma apresentação pessoal, a sua idade e cidade que reside, falar um pouco da sua atuação docente e quanto tempo de docência. E por último, fazer um comentário sobre a sua experiência com o uso das tecnologias em sala de aula (antes e após a pandemia), sobre quais ferramentas ou recursos tecnológicos utilizam, e quais as dificuldades encontradas na realização das práticas tecnológicas com os estudantes.

Para Faria (2002) a importância pedagógica do fórum está no espaço aberto disponível para trocas, para enviar e receber comunicações em grupo, de qualquer lugar, dia ou horário, possibilitando a comparação das opiniões postadas, a releitura e ainda disponibilizar acrescentar novos posicionamentos, podendo anexar diversos materiais como documentos ou imagens que irão fomentar o debate, e, inclusive aprofundar ideias, lançando questões ou respondendo, suscitando a participação e o retorno em grupo, ficando registradas nominalmente de forma datada e visíveis as contribuições de todos os participantes cadastrados.

Em todos os momentos que eu estava pensando nos fóruns e atividades, estava planejando uma forma melhor para conduzir as participações, acreditava que por ser um curso em EAD teria muitas participações, e a princípio somente eu iria conduzir e interagir com os professores no Moodle, isso me preocupava bastante, o fato de não dar conta de conseguir dedicar a atenção devida para o curso, ou de estimular a participação.

A autora Tarouco *et. al.* (2008) propõe estratégias a serem utilizadas como procedimentos para incentivar a participação nos debates de aprendizagem nos fóruns de discussões, a partir da realização de perguntas de esclarecimento, perguntas que verificam suposições, perguntas que verificam evidências e linhas de raciocínio, perguntas sobre pontos de vista ou perspectivas, perguntas que verificam implicações e consequências. A falta de contribuição dos participantes limita os sujeitos a seu nível de desenvolvimento real, impedindo-os de alcançar um nível de desenvolvimento potencial.

E para finalizar a apresentação do curso de extensão, realizo um questionário sobre quais suas expectativas em relação ao curso de Extensão:

Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos Iniciais da Educação Básica?. Para compreender a expectativas dos professores que estavam iniciando, e como estratégia para colocar novos materiais caso fosse necessário, este conteúdo já seria previamente definido através deste questionário.

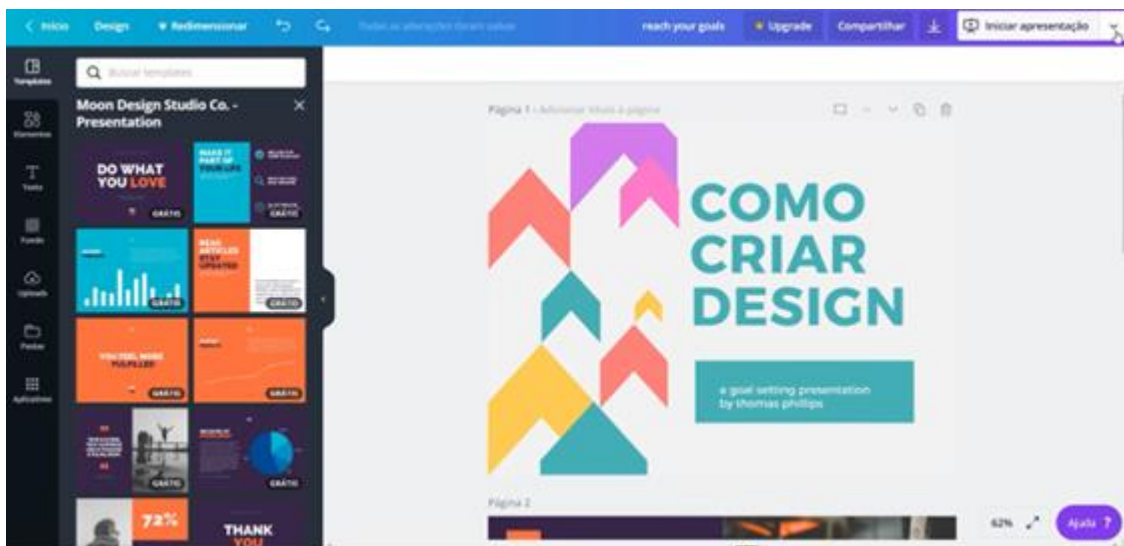
No módulo 1 intitulado como tecnologias na educação, pensei em começar disponibilizando um texto de minha autoria que falava sobre as tecnologias na educação, para refletirmos sobre o que é tecnologia e como ela pode se apresentar em nossas vidas, as tecnologias digitais de informação e comunicação, os dispositivos móveis na educação e o uso das tecnologias na educação, faço uma breve síntese dos assuntos e trago alguns autores que são fundamentais nesta pesquisa como Behar (2015) e Lévy (1999).

O fórum deste módulo tratou sobre o que pensam os professores brasileiros sobre a tecnologia em sala de aula, trago dois vídeos disparadores²⁵ que abordam dilemas do uso da tecnologia, e peço para os professores relacionarem com o texto disponibilizado, pensando como as tecnologias digitais podem favorecer a aprendizagem na educação. Sabemos que existem muitas barreiras que precisam ser superadas para conseguirmos utilizar as tecnologias na escola, a pergunta principal aos professores foi para sabermos qual a maior barreira para implementação da tecnologia em sala de aula, para falarem um pouco sobre a sua experiência e o que eles pensam sobre o uso de dispositivos móveis (smartphone) na educação.

Como sugestão de aplicativo a ser utilizado no planejamento das aulas sugiro neste módulo o uso do aplicativo Canva, que facilita a criação de apresentações e conteúdo digital, deixei um vídeo que achei muito explicativo sobre a funcionalidade.

²⁵ Vídeo 1: https://www.youtube.com/watch?v=X_PAH5RspqQ. Vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=lzsHAIcVxR8>.

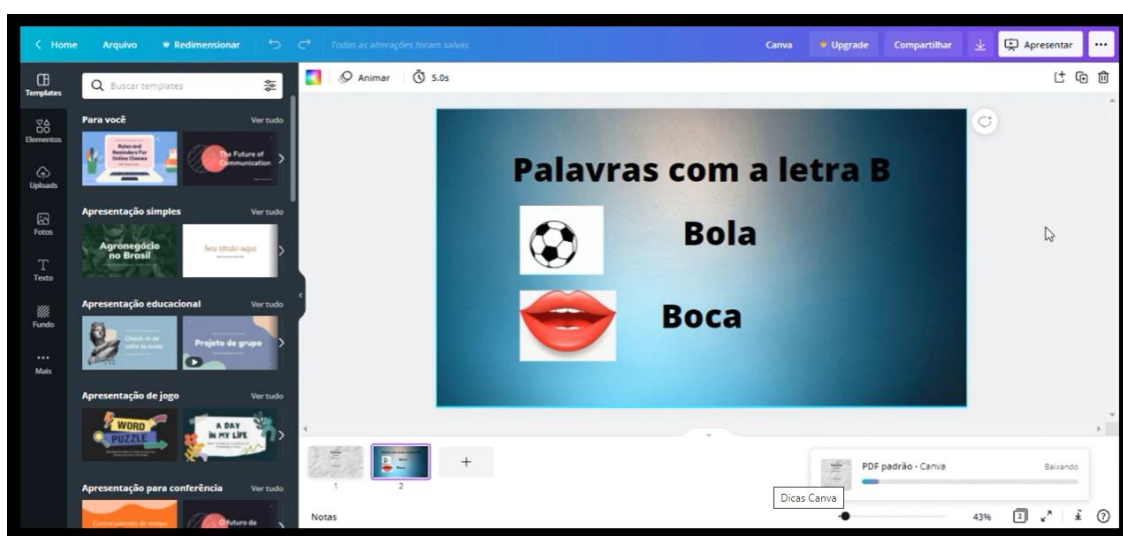
Figura 1 – Canva



Fonte: www.canva.com/pt_br/.

A avaliação deste módulo foi pensar e explorar um recurso tecnológico, a partir da escolha de um aplicativo, site ou ferramenta tecnológica, pedi que fosse feita uma apresentação da ferramenta e a criação de uma atividade pedagógica utilizando a ferramenta apresentada, para explorar e expor aos colegas suas funcionalidades. O meu objetivo era conhecer quais recursos tecnológicos os professores utilizam em suas práticas, e a partir das avaliações e atividades criadas pelos professores, criamos uma pasta no google Drive para socializarmos os recursos escolhidos e atividades. Para ilustrar a atividade e a avaliação gravei um vídeo para mostrar as funcionalidades do Canva:

Figura 2 – Vídeo Tutorial sobre o Canva



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=D72QlB84fc&t=7s> (vídeo autoral).

Antes de começar a gravar os vídeos, eu achava que por conhecer muito bem as ferramentas que eu iria apresentar no curso aos professores, a tarefa de gravação dos tutoriais seria algo fácil, mas me enganei, pois precisa ter desenvoltura para manipular a ferramenta, gravar as ações certas e ainda explicar através do áudio. Não sei descrever se eu senti vergonha em gravar os vídeos, mas me deparei muitas vezes descontente com o resultado, parecia que os vídeos estavam muito amadores, e realmente estavam.

Segundo Correa (2002) o uso dos vídeos se destaca como um dos recursos audiovisuais mais populares e utilizados na educação, a popularização desse meio e seu custo reduzidos, também conferiram às pessoas a possibilidade de produzirem seus próprios materiais digitais. Ao gravar meus vídeos tutoriais eu precisava que os vídeos não ficassem muito compridos e maçantes, para que os professores não perdessem o interesse, mas ao mesmo tempo o que me impedia era que para ensinar as funcionalidades eu precisava de tempo.

No módulo 2 intitulado como tecnologias e identificação de sílabas, começo disponibilizando um texto “O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância no processo de alfabetização”²⁶ da autora Flavia Lopes (2010), a autora aborda a importância do desenvolvimento das etapas da consciência fonológica e faz sugestões de atividades para facilitar a aprendizagem. Nas minhas pesquisas pensei em trazer este texto, pois além de apresentar o que é a consciência fonológica e como ela pode ser trabalhada, introduz o assunto que iremos trabalhar para fazermos um link com o uso das tecnologias.

O fórum deste módulo tratou sobre como trabalhar a alfabetização e consciência fonológica, para começo do debate iríamos refletir sobre o desafio que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz para o professor de aprender a articular as diferentes facetas da apropriação da língua escrita. Isso significa aliar o trabalho com as práticas sociais de leitura e escrita com momentos de aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

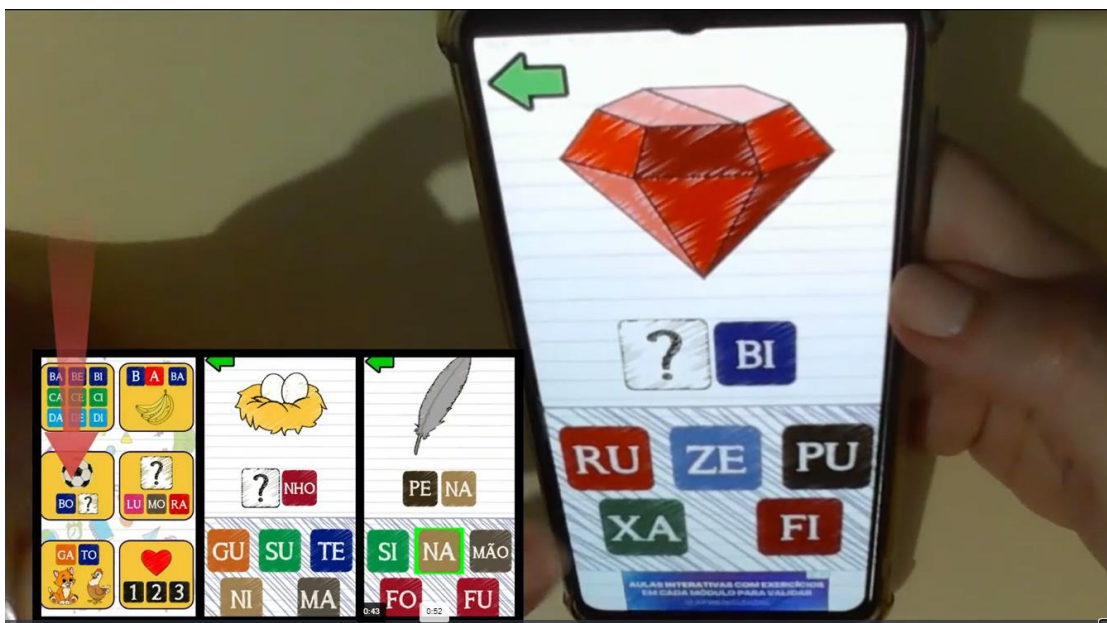
²⁶Disponível em:

[https://www.scielo.br/j/pee/a/Zs83Yfc4wRLFPgp5ZbQLFBb/?lang=pt#:~:text=A%20rota%20fonol%C3%B3gica%2C%20que%20se,cometer%20erros%20em%20palavras%20irregulares%20\(](https://www.scielo.br/j/pee/a/Zs83Yfc4wRLFPgp5ZbQLFBb/?lang=pt#:~:text=A%20rota%20fonol%C3%B3gica%2C%20que%20se,cometer%20erros%20em%20palavras%20irregulares%20()

Pensando neste desafio questiono no fórum quais os aspectos que os professores consideram fundamental para ser abordado com os estudantes ao trabalhar consciência fonológica, se existe um método específico para trabalhar consciência fonológica, e por fim, indago se já pensaram que é possível aliar as tecnologias digitais no ensino sobre consciência fonológica, peço que compartilhem a sua experiência sobre o assunto.

Como sugestão de aplicativo a ser utilizado no planejamento das aulas sugiro um aplicativo que ajude aos estudantes identificar as letras, sílabas e palavras, com seus respectivos sons. Utilizar aplicativos de alfabetização pode ser uma boa alternativa para auxiliar na aprendizagem, o Silabando possui diversos mini games nos níveis simples e complexos, adequados para crianças que estão em fase de construção e leitura de palavras.

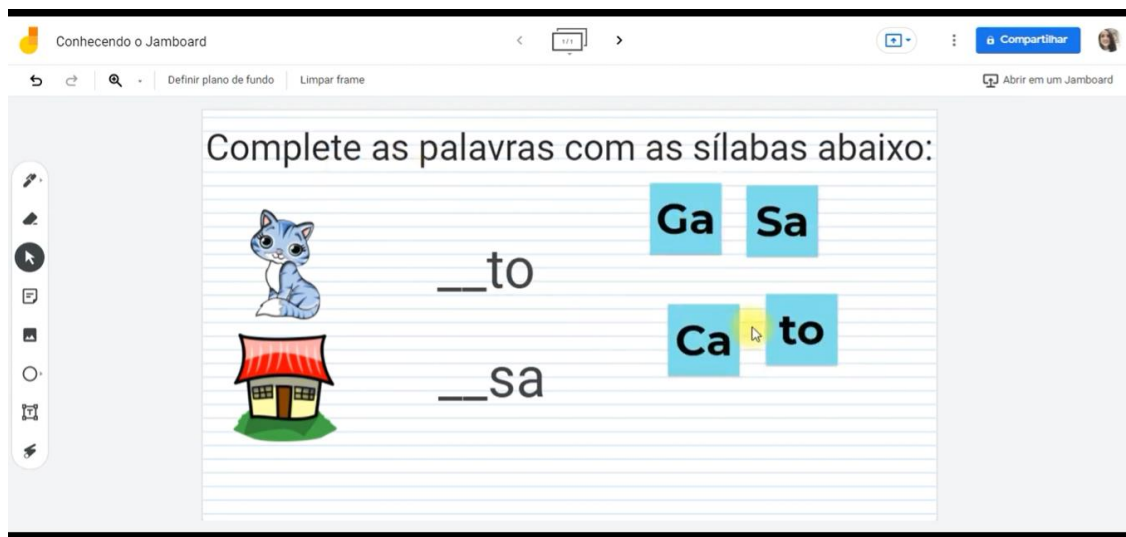
Figura 3 – Aplicativo Silabando



Fonte: <https://youtu.be/LTiLE1YWDFI>.

A avaliação deste módulo foi pensar e explorar outro recurso tecnológico, como sugestão deixo um vídeo tutorial que eu fiz para apresentar a ferramenta Jamboard, através desta ferramenta digital pode-se trabalhar com a identificação de sílabas, entre outros conteúdos, nossa avaliação foi fazer uma atividade pedagógica no Jamboard, para que a ferramenta fosse explorada e ainda criar uma atividade.

Figura 4 – Vídeo Tutorial sobre o Jamboard



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0MP7mCj1OJg&t=13s> (vídeo autoral).

No módulo 3 intitulado como tecnologias e identificação de fonemas, primeiramente disponibilizo o texto “Jornada nas escolas: A nova geração de professores e alunos”²⁷ da autora Lucia Giraffa (2013), neste artigo a autora apresenta reflexões acerca da questão da formação docente e uso das tecnologias digitais integradas no espaço presencial e virtual, buscando discutir aspectos do estereótipo relacionado aos estudantes nativos digitais e professores imigrantes digitais. Considerando aspectos relacionados aos mitos e desafios da formação docente e a organização da estrutura escolar no contexto da cibercultura.

O fórum deste módulo tratou sobre a importância da formação de professores, começo trazendo uma pergunta disparadora: As tecnologias modernas garantem um melhor ensino e melhor relação entre estudante e professor?. Na sequência deixei o vídeo²⁸ da professora Mônica Gardelli, no qual ela fala sobre essa nova relação na sala de aula com o uso das tecnologias, e como os professores estão fazendo para se atualizarem na era digital.

A partir do vídeo do fórum, peço que os professores discutam sobre formação de professores, comentando sobre o incentivo de formação em sua carreira, e sobre quais devem ser as prioridades e objetivos de um curso de formação continuada de professores, se já foi oferecido um curso de formação continuada sobre apropriação tecnológica que podem ser utilizada em suas

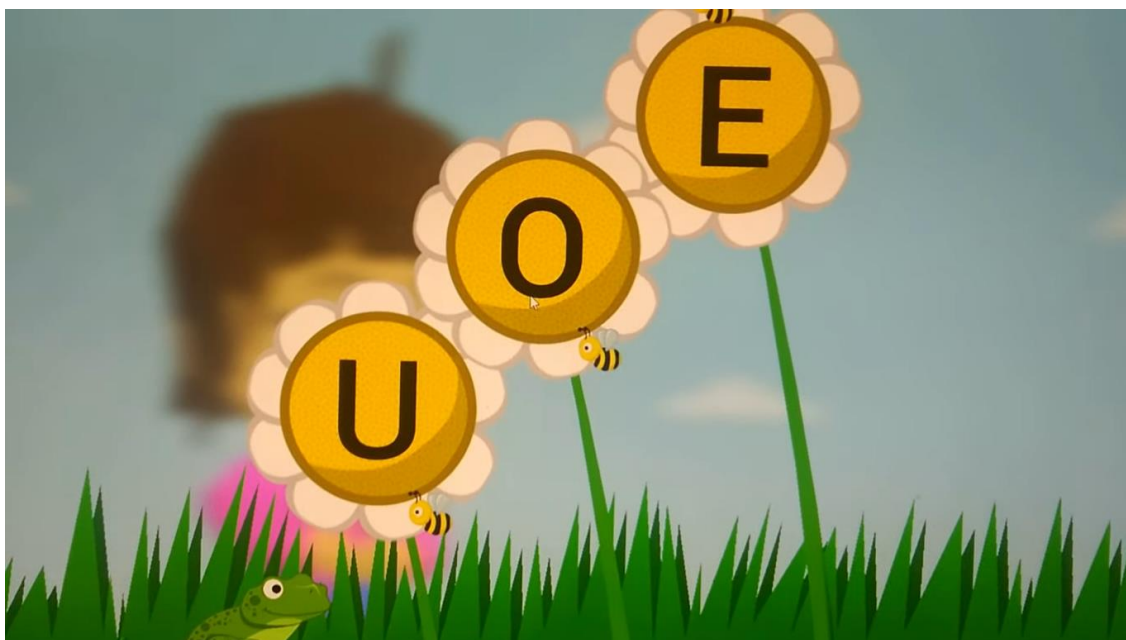
²⁷ Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tsc/article/view/14441>

²⁸ Disponível em: <https://youtu.be/KcEBAnDh-u4>

práticas pedagógicas, e por último, peço que explanem sobre o curso que foi oferecido e como foi esta experiência, e se atendeu a sua necessidade.

Como sugestão de aplicativo a ser utilizado no planejamento das aulas sugiro o Graphogame, este aplicativo pode ajudar os estudantes da pré-escola e dos anos iniciais do ensino fundamental a aprender a ler as primeiras letras, sílabas e palavras, com sons e instruções em português. O jogo é especialmente eficaz para crianças que estão aprendendo as relações entre letras e sons.

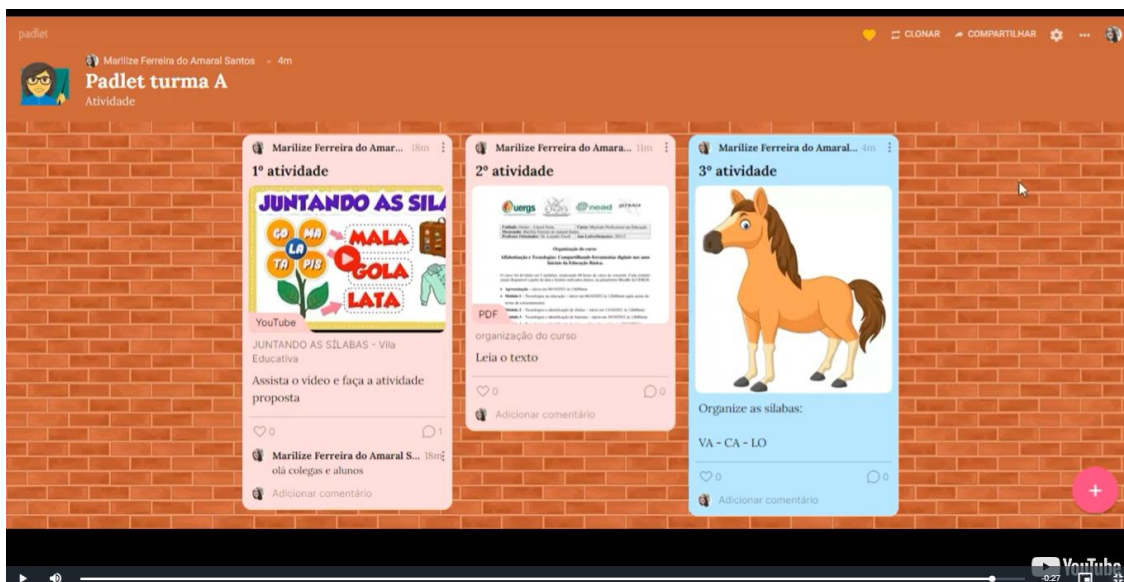
Figura 5 – Aplicativo Graphogame



Fonte: <https://youtu.be/oxawZitTyq0>.

Na nossa terceira avaliação foi proposto pensar e explorar um outro recurso tecnológico, como sugestão deixo um vídeo tutorial que eu fiz para apresentar a ferramenta Padlet, através desta ferramenta digital você pode trabalhar com a identificação de fonemas, entre outros conteúdos. Nossa avaliação foi fazer uma atividade pedagógica no Padlet, para que a ferramenta fosse explorada e ainda criar uma atividade.

Figura 6 – Vídeo Tutorial sobre o Padlet



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bkIBBL1R1b0> (vídeo autoral).

No módulo 4 intitulado como tecnologias e identificação de rimas e aliteração, para iniciar este módulo deixei um texto “Educação e COVID-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia”²⁹, dos autores Jean Monteiro e Verissimo Junior (2020), que abordam as tecnologias digitais como recurso para mediação do processo de aprendizagem em tempos de pandemia, como exemplo eles trazem o Google Classroom e o ZOOM e mostram suas potencialidades no ensino remoto.

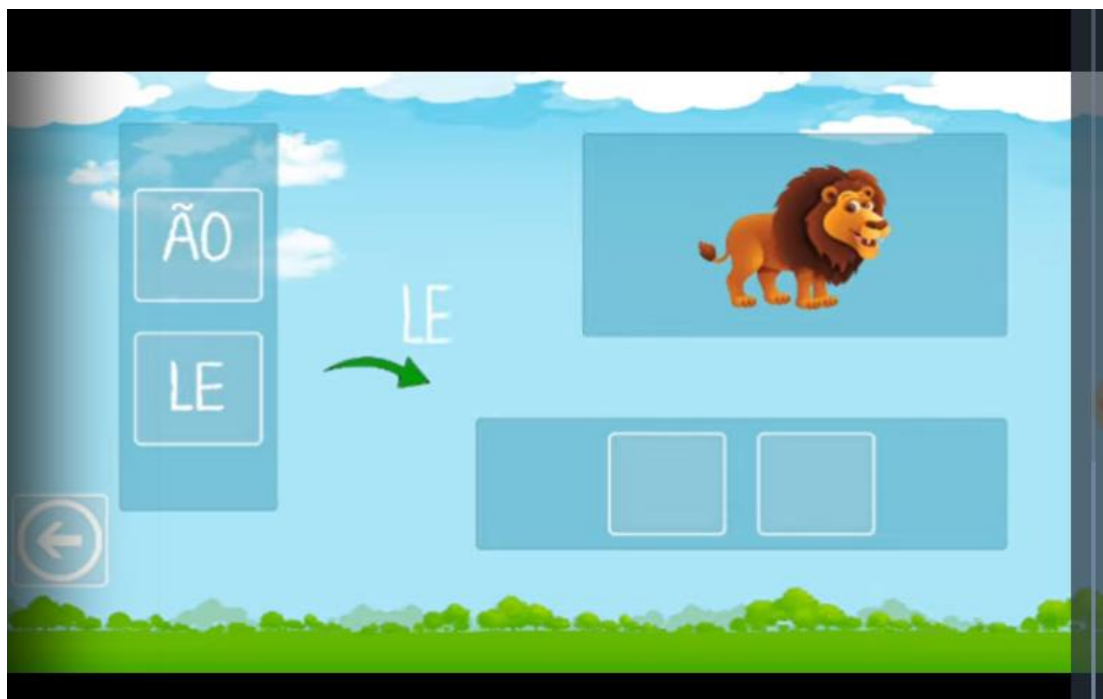
O fórum deste módulo tratou sobre responsabilidades com o uso das tecnologias, para início da discussão trago uma reportagem que saiu no site da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) em 2015 da autora Patrícia Peck “Toda tecnologia tem seu bônus e seu ônus”³⁰. A proposta do fórum foi que a partir da leitura da notícia, e com base em nossas vivências das mudanças no cenário educacional precisamos repensar assuntos que estão relacionados a tecnologia na sala de aula. Foi solicitado aos professores responderem o que devemos refletir sobre as responsabilidades que permeiam o uso dos recursos tecnológicos, em relação aos estudantes e sobre a sua prática docente, como mostra a notícia.

²⁹ Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583>

³⁰ Disponível em: <https://www.rnp.br/noticias/toda-tecnologia-tem-seu-bonus-e-seu-onus-sentencia-patricia-peck>

Como sugestão de aplicativo a ser utilizado no planejamento das aulas sugiro, faço uma sugestão de aplicativo que ajude aos estudantes a identificar as letras, sílabas e formar palavras, o nome do aplicativo é formar palavras.

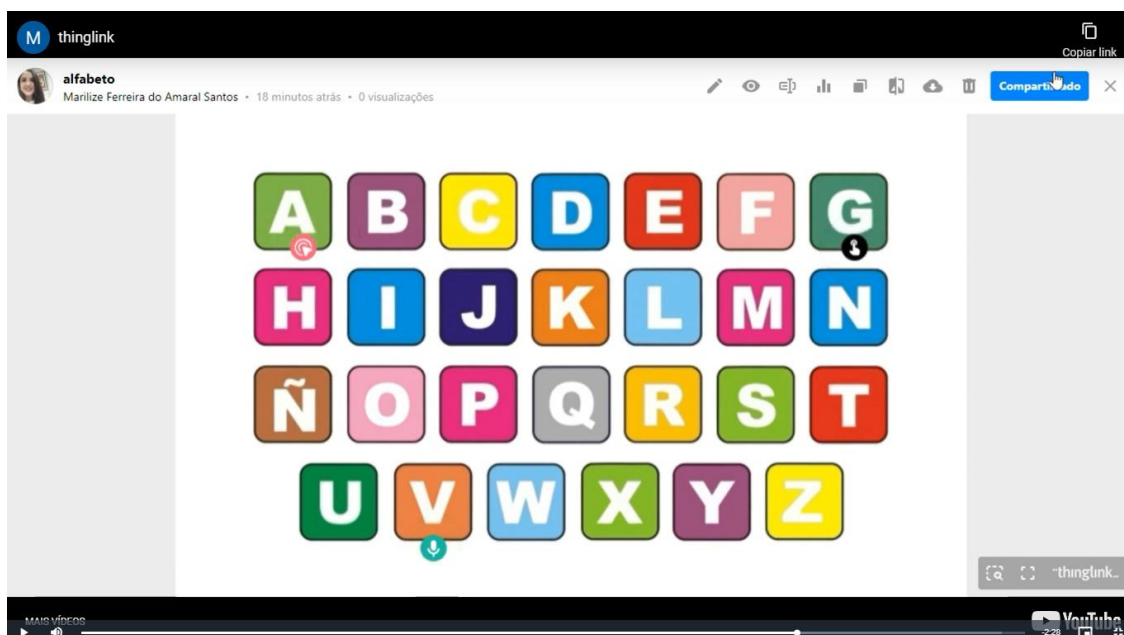
Figura 7 – Aplicativo Formar Palavras



Fonte: <https://youtu.be/thQepqtTJ-0>.

Na nossa quarta avaliação foi proposto pensar e explorar um outro recurso tecnológico, como sugestão deixo um vídeo tutorial que eu fiz para apresentar a ferramenta Thinglink, através desta ferramenta digital pode-se trabalhar com a identificação de rimas e aliteração, entre outros conteúdos, nossa avaliação foi fazer uma atividade pedagógica no Thinglink, para explorar esta ferramenta e criar uma atividade.

Figura 8 – Vídeo Tutorial sobre o Thinglink



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QhBsmVKYOEa> (vídeo autoral).

No módulo 5 intitulado como avaliação da consciência fonológica através das tecnologias começo com a leitura do texto “Uso das tecnologias digitais no contexto da aprendizagem autodirigida integrada à avaliação formativa alternativa”³¹ dos autores Flavia Oliveira, Rany Cruz e Thiago Nascimento (2020). Atualmente, o uso das tecnologias digitais vem ganhando visibilidade no contexto do processo de ensino-aprendizagem o que demanda adaptação dos docentes e discentes, apesar do ensino on-line apresentar algumas vantagens específicas, os professores ainda possuem dificuldade em planejar e implementar a avaliação formativa no ensino remoto.

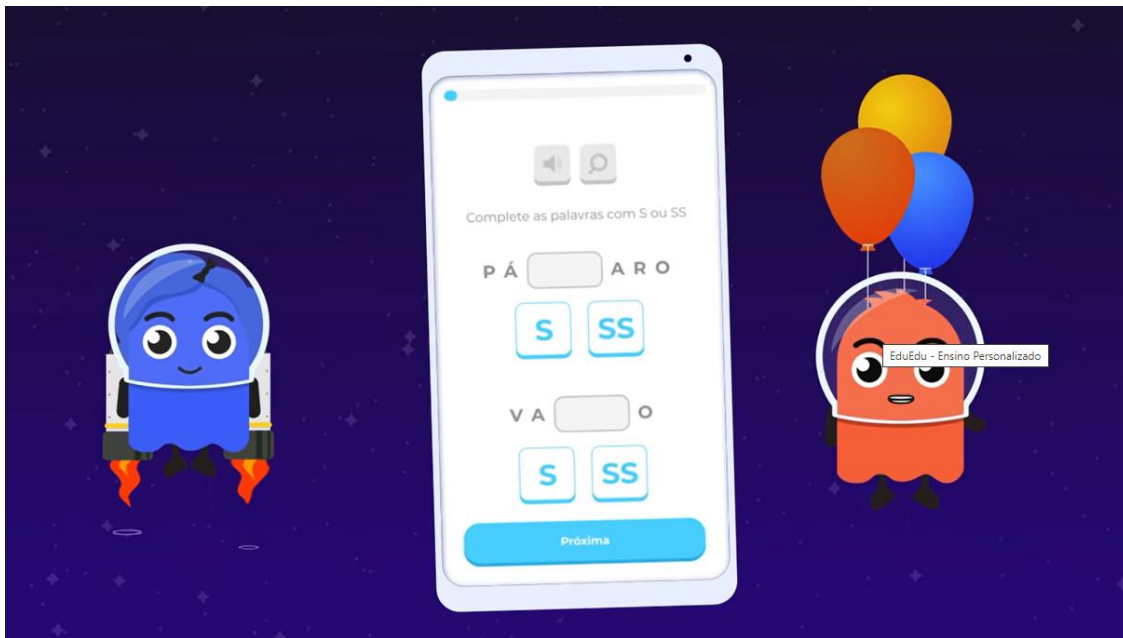
O fórum deste módulo tratou sobre como avaliar os estudantes através das ferramentas tecnológicas, para início da discussão deixei um vídeo³² da professora Rafaela Lima no qual ela questiona sobre como avaliar os estudantes à distância, trazendo considerações que os professores precisam pensar ao avaliar as atividades no ensino remoto. Como atividade peço que discorram sobre como pensar uma avaliação utilizando as tecnologias digitais, como avaliar as aprendizagens em relação a consciência fonológica no ensino remoto, se é possível utilizar uma ferramenta digital para avaliar seus estudantes.

³¹ Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/IntegraEaD/article/view/11805>

³² Disponível em: <https://youtu.be/IRg5eTXpbw4>

Como sugestão de aplicativo a ser utilizado no planejamento das aulas sugiro um aplicativo que ajuda os estudantes no processo de alfabetização e consciência fonológica, o EduEdu foi lançado para auxiliar na alfabetização e já se provou um grande aliado das famílias, principalmente durante o isolamento social por conta da pandemia do coronavírus.

Figura 9 – Aplicativo EduEdu



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TA-NanjtvGI>.

Por fim, a última avaliação do curso foi proposto pensar e explorar um outro recurso tecnológico, como sugestão deixo um vídeo tutorial que eu fiz para apresentar a ferramenta Mentimeter. Através desta ferramenta digital pode-se trabalhar com a avaliação da consciência fonológica, entre outros conteúdos, nossa avaliação foi fazer uma atividade pedagógica no Mentimeter, para explorar esta ferramenta e criar uma atividade.

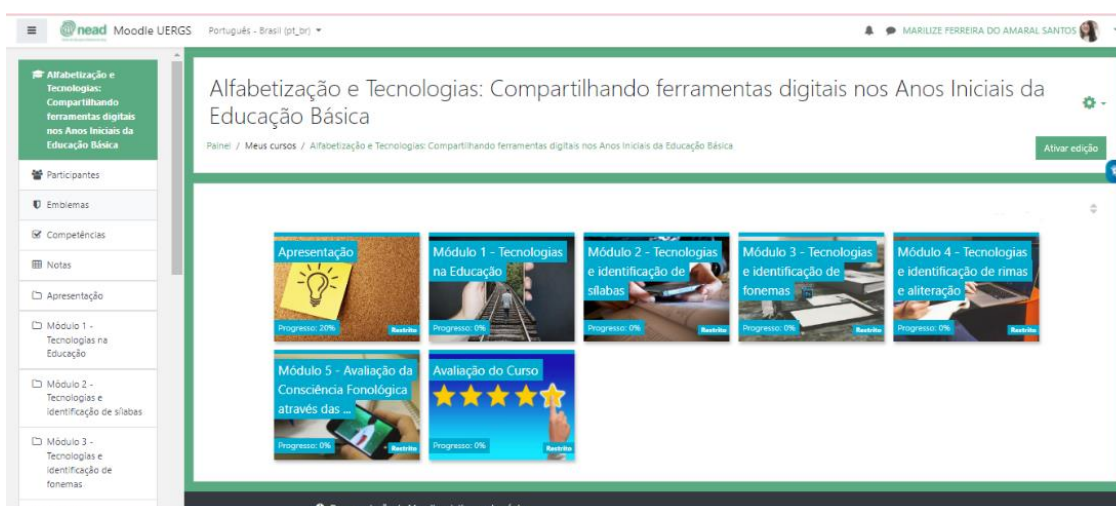
Figura 10 – Vídeo Tutorial sobre o Mentimeter



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XgqW7y9Qm6U> (vídeo autoral).

Finalizei os últimos ajustes e deixei um formulário para avaliação do curso por parte dos professores, ao concluir a construção do curso enviei uma mensagem para o meu orientador para mostrar o curso finalizado, diferente das outras construções que eu tinha feito, ao finalizar este curso eu estava mais segura, percebi que no curso estava impresso as minhas ideias e ferramentas que eu gosto de trabalhar, pensando em ensinar sobre tecnologia. Ao realizarmos o Google Meet nem precisei mostrar todo curso e o professor Leandro constatou que era isso mesmo que estávamos almejando, uma proposta que interage com os cursistas faz com que a participação e o compartilhamento fossem o centro da proposta.

Figura 11 – O Curso Moodle




Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Achei importante compartilhar o curso de extensão com meus colegas do grupo de pesquisa do Gepraco, o grupo que participou fez considerações bem pertinentes principalmente sobre a avaliação e os vídeos, alguns feedbacks sobre as fontes, o que eu mais gostei de ouvir foi que após analisar o meu curso eles realmente teriam vontade de se inscrever, afinal todos nós que estamos no Mestrado como estudantes, profissionalmente somos professores e estamos buscando formação continuada.

Após os feedbacks do grupo de pesquisa, eu havia fechado a edição do curso, foi um sentimento que não vou me esquecer, pois estava cheia de tarefas das disciplinas do curso do Mestrado, conciliando com a escrita projeto de pesquisa e com as demandas do trabalho, e foi nesse momento que eu vi que tinha subido um degrau na construção da minha proposta dentro do Mestrado, e que aos poucos estava tomando forma.

Fiz o folder do curso de extensão e comecei a fazer contato com as secretarias de educação das cidades do litoral norte do RS, eu já havia feito uma busca dos contatos das secretárias e já havia coletado vários e-mails e telefones, então fui realizando o envio do convite com o link de inscrições, e pedindo a realização da divulgação para os professores do município, fiz também algumas ligações para saber se haveria uma lista de e-mails das escolas dos municípios para encaminhar o convite.

Figura 12 – Folder de divulgação




**ALFABETIZAÇÃO E TECNOLOGIAS:
COMPARTILHANDO
FERRAMENTAS DIGITAIS NOS
ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO
BÁSICA.**

ORGANIZADORES: MARILIZE FERREIRA E LEANDRO FORELL

Curso de extensão - 60 h

- Inscrições gratuitas: 13/09/2021 à 30/09/2021
- Aulas de 06/10/2021 à 17/11/2021
- Plataforma Moodle - UERGS



Certificado emitido pela UERGS - marilize-santos@uergs.edu.br

Fonte: criado pela autora.

Havia se passado mais ou menos 15 dias do início das inscrições, e a adesão de inscitos estava muito baixa, diria que estava passando por um fracasso das inscrições, fiz um reforço dos convites que eu já havia enviado, mas vi que teria que pensar em outra estratégia, pois somente contactando as secretarias e e-mails de escolas o convite não estava chegando no meu público alvo, o complicado que em um período pandêmico as escolas não estavam abertas, então eu não poderia ir pessoalmente fazer o convite aos professores, se não houve a pandemia isso seria a minha primeira estratégia.

Foi então que comecei a realizar uma maior divulgação nos grupos de WhatsApp, mandei para todos os professores que eu conhecia, pedi ajuda para os colegas e conhecidos divulgarem o curso, principalmente meus colegas do Mestrado e do grupo do Gepraco, tivemos um retorno de inscitos e interessados significativo, então ao final do mês fechamos em 62 inscitos, era só aguardar o curso começar, já estava com um frio na barriga pensando como se daria o curso.

3.5 Construção da segunda formação Presencial

A partir das dificuldades encontradas pelos pesquisadores e pelos participantes que realizaram o curso de extensão em EAD, fizemos uma reconstrução da proposta do curso, modalidade e do grupo de participantes, visando construir um vínculo maior com os professores. Comecei a repensar o segundo curso de extensão, e como estávamos trabalhando presencialmente, as aulas nas escolas estavam voltando para 100% presencial após a pandemia, eu pensei que fazer um curso de formação com os professores de uma escola, trabalhando com a plataforma Moodle, iríamos continuar com o curso na modalidade EAD, mas teríamos dois encontros presenciais e dois encontros EAD, para conversarmos sobre a temática e sobre as ferramentas tecnológicas que havíamos visto no curso.

Fiz o contato inicial com a escola e agendei uma conversa com a supervisora de uma escola de Osório para realizar o curso de extensão, ela apoiou e adorou a ideia da formação, fizemos uma pequena reunião para planejarmos datas, e eu apresentei os conteúdos do curso para ela entender a proposta, ela foi a favor de toda a proposta e achou muito interessante, pois os professores da escola já haviam demonstrado interesse de realizar uma formação para aprender mais sobre apropriação tecnológica e conhecer novas tecnologias digitais que pudessem ajudar na aprendizagem e na alfabetização.

Para este novo curso ficou combinado que ele iria começar no início de abril e que os encontros presenciais seriam dia 06/04 e 13/04, fui muito bem recepcionada na escola, fiquei de ir à escola para entregar um formulário aos professores para investigar quais ferramentas iríamos abordar nestes dois encontros. Foram duas formações de 3h e podendo se estender para mais uma conforme o interesse dos professores, a partir do formulário eu iria inserir os cursistas no Moodle, meu objetivo era trazer temas e conteúdos relevantes para a formação a partir do que os professores tivessem demonstrado interesse.

No Livro Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza, o autor Imbernón (2022) destaca que a concepção de formação docente está diretamente relacionada a noção de aprendizagem permanente, ou seja, o autor entende que a formação não deve ser entendida como um “treinamento”, mas sim como uma forma de crescimento e desenvolvimento de

reflexão em grupo com objetivo de repensar as mudanças e as incertezas da contemporaneidade.

Realizei uma reestrutura do curso no Moodle, para pensar o que iria ofertar nesta nova edição, deixei dois módulos como principais para os encontros e deixei o material de apoio. Como eu queria mostrar as funcionalidades do Moodle para os professores, eu continuei com o mesmo esquema, porém o fórum seria realizado no encontro presencial bem como a avaliação.

Pensando nas novas estratégias e materiais, deixei as sugestões de quais ferramentas eles gostariam de ver nos dois encontros, e analisando os formulários as duas ferramentas mais escolhidas foram Canva e Jamboard, tive que fazer alguns contatos para pedir o e-mail e outras informações para poder cadastrar os professores no Moodle, pois existem alguns campos que são obrigatórios, e no formulário as professoras não responderam, mas ao final consegui incluir todos professores no Moodle.

Ao realizar todos os ajustes no curso no Moodle e alocar os professores, eu disparei um e-mail de boas-vindas explicando o curso e salientando as datas dos nossos encontros presenciais, e pedindo que levassem seus Chromebooks³³. Fiz a liberação de dois módulos e nele coloquei os materiais que eu selecionei do curso para disponibilizar aos professores.

4 ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DAS FORMAÇÕES CONTINUADAS

4.1 Concepções dos professores a partir da formação em EAD

Chegou o dia tão esperado de início do curso, que começou dia 06/10/2021, neste dia eu mandei e-mail dando as boas-vindas e dando as primeiras orientações de como acessar o curso, informando login e senha dos usuários do Moodle, além de deixar meu contato e um tutorial de como acessar o Moodle e o curso de extensão. Realizei minha apresentação formal dentro do AVA, mandando mensagens e esperando ansiosa a participação dos professores, além disto, disparei um vídeo de como acessar o Moodle e as atividades que eu havia disponibilizado.

³³ Os Chromebooks são um novo tipo de computador projetado para realizar tarefas de modo mais rápido e fácil, são executados pelo Chrome OS, um sistema operacional que tem armazenamento em nuvem, sendo integrado com o Google.

Figura 13 – Apresentação curso extensão



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

No fórum de apresentação deixei o espaço para participações e para os professores contarem como as tecnologias estavam presentes em suas vidas. A professora Quartzo comenta sua experiência com o uso das tecnologias antes e após a pandemia:

Antes da pandemia já utilizava alguns recursos tecnológicos com os alunos. Vídeos do YouTube, filmes (data show, tv), músicas (aparelho de som), acesso à internet e jogos educativos (informática). Com a chegada da pandemia e as aulas remotas, esses recursos aumentaram. Passamos a nos comunicar por WhatsApp, e-mail, enviar e receber aulas pelo Google Classroom, aulas online e reuniões no Meet, enfim...

Já a professora Rubi conta como utiliza as tecnologias em suas práticas de sala de aula e quais são as suas dificuldades enfrentadas: “Em minha prática pedagógica utilizo ainda de forma muito básica a tecnologia, como material para leitura, assistir a vídeos, fazer pesquisas com os alunos, jogos disponíveis na internet.”

Podemos perceber a partir dos relatos no AVA, que existe uma resistência estabelecida com o uso da tecnologia, os professores entendem que precisam buscar realizar novas práticas pedagógicas, que serão condizentes com o processo de transação do conhecimento atual, mas não se sentem preparados para a utilização. O autor Lévy (1999) ressalta que não se trata de fazer com as tecnologias sejam utilizadas a qualquer custo, mas que precisamos acompanhar de forma consciente a mudança da civilização e dos avanços tecnológicos,

repensando as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais, sobretudo repensar os papéis de professor e estudante.

Em meio a tantas novidades tecnológicas, também precisamos ser curiosos, o ato de ensinar exige criatividade, segundo Freire: “Não haveria criatividade ou curiosidade, são elementos que nos movem e que nos põe diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que podemos fazer.” (1996, p.15).

As expectativas informadas pelos professores eram que a formação trouxesse novos conhecimentos sobre as ferramentas tecnológicas para serem utilizadas em suas práticas, qualificar, aprimorar e obter maior conhecimento em relação ao uso das tecnologias digitais nas séries iniciais, tornando o processo ensino-aprendizagem mais significativo e prazeroso aos professores e estudantes. Para a professora Jaspe:

Sempre é bom ter conhecimento de novas ferramentas, principalmente neste momento que estamos vivenciando onde a tecnologia está por toda parte e nos oferece muitas possibilidades, também não tenho grandes conhecimentos quanto ao uso do computador, suas ferramentas e inúmeras possibilidades, mas estou sempre procurando aprender mais para que possa colocar em prática, por isso me interessei pelo curso.

Os professores mostraram que estão inseguros sobre o uso das tecnologias, e não conhecem e tem apropriação para utilizar as ferramentas com propriedade das suas possibilidades. Muito antes da pandemia ainda no ano de 2002, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, indicavam que estes saberes e competências deveriam ser garantidos nas formações, tanto nas formações iniciais quanto continuada, no qual o documento diz: “O professor deve ser capaz de fazer uso de recursos da tecnologia da informação e da comunicação de forma a aumentar as possibilidades de aprendizagem dos alunos.” (BRASIL, 2002, p. 43).

A realidade que encontramos com os professores investigados é que eles ainda utilizam de forma mais simples as tecnologias e recursos digitais em forma de vídeo e jogos, pois não possuem conhecimento mais técnico sobre as possibilidades dos recursos que estão disponíveis para utilização, ficando em uma zona de conforto e segurança.

Figura 14 – Módulo 1 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

No fórum do Módulo 1 sobre o que pensam os professores brasileiros sobre a tecnologia em sala de aula?, a professora Rubi comenta a importância do uso das tecnologias:

Acredito que o uso de tecnologias digitais contribui significativamente nas possibilidades de acessibilidade pedagógica, pois a partir deste instrumento conseguimos diversificar as atividades desenvolvidas, oferecer diferentes estímulos sensoriais, além de tornar a aula mais atrativa e divertida. Atualmente muitas famílias possuem algum recurso tecnológico em casa, mas ainda existem crianças que só tem esse acesso na escola, assim as tecnologias digitais tornam-se também uma nova experiência de mundo para alguns alunos.”

Esta professora aponta os benefícios do uso da tecnologia, mas também nos apresenta a realidade de que existe uma grande barreira no uso das tecnologias que é a falta de acesso à internet, esta afirmação foi confirmada por outros professores durante o curso. Desta forma, cabe a este trabalho trazer este levantamento, que segundo notícia publicada no ano de 2020 pela agência Brasil³⁴, que aborda que no Brasil a estimativa era que houvessem em torno de 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem acesso à internet em casa, eles correspondem em torno de 17% de todos os brasileiros nesta faixa etária, os dados foram divulgados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Na mesma postagem a professora também destaca que uma questão a ser evidenciar é a falta de tempo enfrentada pelos docentes, para realização de

³⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa>

seus planejamentos e de buscar novas atividades, sites, jogos digitais, ou seja, a possibilidade de trocas a partir de um curso como este de formação é sem dúvidas muito importante, e, certamente contribuiu para mudanças na prática pedagógica. (PROFESSORA RUBI)

Está previsto na Lei 11.738 de 2008 no artigo 2º inciso 4º que a jornada de trabalho docente será composta observando um limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades docentes de interação com os educandos. Após 14 anos desta lei, vemos professores e registramos este relato da Professora Rubi e de outros professores no fórum de discussão, que reforçam que realidade está ainda muito longe de alguns educadores.

A resposta deste fórum segundo os professores investigados sobre a realidade do fazer docente, destaca a falta de recursos tecnológicos por parte dos discentes, e que falta tempo para os docentes conseguirem se organizar para realizar as formações continuadas, no qual destacam ser o caminho para aprender novas metodologias e práticas.

Na segunda semana do curso, analisei os acessos ao Moodle e 40 professores não tinham acessado ainda. Entrei em contato via WhatsApp com todos os professores que não haviam acessado e 5 deles desistiram, deste desistentes 2 não reconheciam que haviam feito uma inscrição e 3 estavam sem tempo para fazer um curso no momento. Na mensagem enviada eu questioneei se haviam tido alguma dificuldade de acesso, problema de login e senha, no qual recebi retorno além dos desistentes, que 11 professores disseram que iriam acessar, 7 tiveram problema com o e-mail para login e senha, fiz os testes de acesso e enviei instruções pelo WhatsApp com os dados.

Começo então a realizar mobilizações quase todos os dias para tentar reverter a desistência dos professores, nesta uma semana, que o curso estava liberado mesmo havendo 22 professores entrado no Moodle somente três professoras haviam interagido, mas não realizaram a avaliação proposta do Módulo 1 somente comentaram no fórum.

Figura 15 – Módulo 2 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

No segundo fórum sobre a temática de trabalhar consciência fonológica utilizando das tecnologias, os professores informaram que não utilizavam recurso tecnológicos para o ensino da consciência fonológica. A partir das interações e sugestões encaminhadas aos professores, recebi o retorno no fórum de uma das professoras, que comentou que utilizou e enviou a sugestão de aplicativo que foi postado no módulo 2 para as famílias dos estudantes da turma, conforme imagem:

Figura 16 – Participação da Professora Pérola



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>

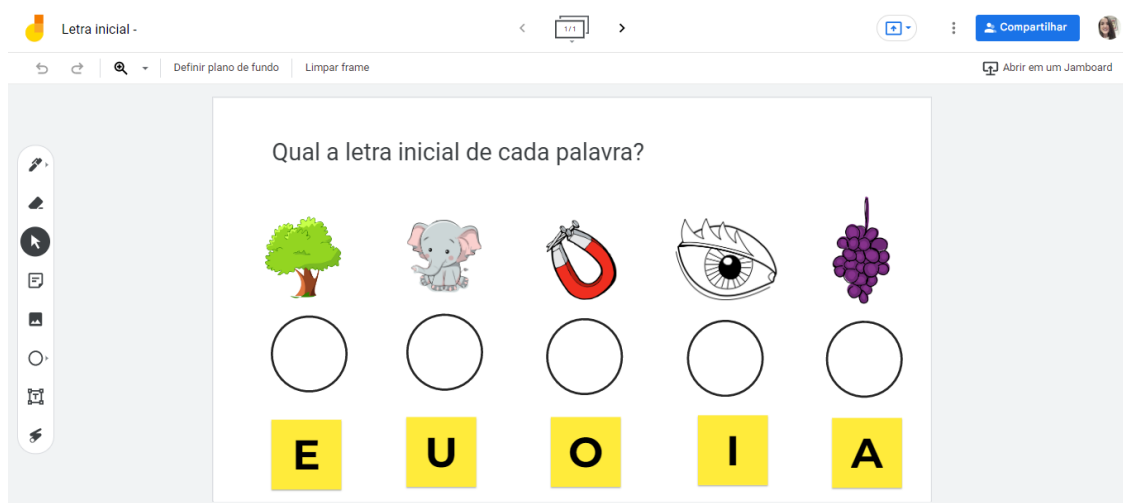
A partir do compartilhamento de práticas e recursos digitais foi possível fazer com que uma das professoras, conseguisse aplicar o que aprendeu em um dos módulos no seu fazer pedagógico. Para Imbernón (2010) a profissão de ser docente tem uma grande parte do seu fazer individualmente, mas também necessita de uma parte colaborativa, na formação é indispensável que o

professor abandone o individualismo, e comece a pensar em um trabalho colaborativo, nas palavras do autor:

Educar na infância e na adolescência requer um grupo de pessoas (para não mencionar a famosa frase indígena “necessita de todo um povo para ser educado”). Portanto, a formação continuada, para desenvolver processos conjuntos e romper com o isolamento e não comunicação, deve levar em conta a formação colaborativa. (IMBERNÓN, 2010, p.65).

Neste módulo 2 tivemos somente um retorno de avaliação, mas que também reforça a importância do trabalho colaborativo e de compartilhamento, mesmo que somente tivéssemos um retorno, significa que a partir do exposto no módulo a ferramenta digital disponibilizada no vídeo, despertou o interesse de aprendizagem, a professora Turquesa compartilhou na nossa pasta do Google Drive sua atividade criada a partir do Jamboard, conforme imagem:

Figura 17 – Participação da Professora Pérola



Fonte: <https://jamboard.google.com/>

Finalizando a segunda semana do curso, mandei mensagem para o meu orientador e comentei sobre o baixo acesso ao curso, pois mesmo tendo 22 professores acessado ao curso, somente 5 até o momento tinham interagido, então meu orientador e eu fizemos uma orientação pelo Google Meet, naquele momento eu me senti fracassada, pois pensei que todo meu esforço e dedicação para construir o curso estava sendo em vão. Na etapa de construção e divulgação eu estava com uma expectativa muito alta em ter muita participação e interação por parte dos cursistas, e isso não estava acontecendo, eles nem estavam respondendo minhas mensagens.

Refletindo, eu levei em consideração minha experiência profissional como tutora de cursos EAD, na qual os estudantes participavam das atividades, mas

o objetivo final deles era a diplomação, e no curso que eu estava oferecendo estava em segundo ou terceiro plano, a partir dos relatos que estavam acontecendo que os professores não tinham tempo para dedicação ao curso. Outro problema identificado foi a falta de vínculo com os professores, mesmo eu fazendo as apresentações e entrando em contato há alguns dias, não senti abertura e reciprocidade nos contatos que estava estabelecendo.

Para Souza (2004) na educação presencial a responsabilidade de conduzir as atividades de ensino-aprendizagem incide sobre a figura de um professor, já na EAD os estudantes são autores de seu próprio desenvolvimento, dentro de uma relação interativa de troca de saberes.

Depois de refletir sobre essas expectativas criadas, meu orientador me falou que nem tudo estava perdido, que dar errado também é informação e dará certo no final, que uma pesquisa não se dá só de informações que realmente iremos gostar, este era o caminho da pesquisa-ação, um ciclo no qual os procedimentos e métodos são aprendidos no caminho em que estamos trilhando dentro da pesquisa, e isso era o que eu teria que fazer, traçar novas rotas. Então fizemos novos planejamentos para criar um vínculo maior com os professores, neste momento ofereci encontros via Google Meet para debatermos as temáticas do curso, e fiz um vídeo contando mais sobre minha experiência e mandei para os cursistas.

O pesquisador ao realizar a pesquisa deve estar atento a alguns limites e riscos dentro da pesquisa com abordagem qualitativa, tais como: o excesso de confiança do pesquisador ao investigar e realizar a construção dos dados, o risco de repetir suas reflexões na tentativa de dar conta da totalidade do objeto de estudo, a falta de detalhes sobre os processos do qual fizeram o pesquisador chegar as suas conclusões, a sensação de dominar o objeto de estudo, o envolvimento particular inapropriado do pesquisador com os sujeitos e situação a ser pesquisado. (CÓRDOVA; SILVA, 2009).

As expectativas que eu estava colocando no curso estavam erradas, então precisa entender que estava realizando uma pesquisa, e as análises e participações realizadas na pesquisa-ação deveriam ocorrer de forma imparcial, ou seja, sem os desejos da pesquisadora, mas sim, seguindo a metodologia na qual a pesquisa foi construída. O conhecimento científico é construído a partir de pressupostos estabelecidos historicamente pela comunidade científica, tomando

como base a análise dos fenômenos de forma sistemática, imparcial e seguindo a metodologia estabelecida (CÓRDOVA, 2015).

Começou a terceira semana do curso, estava disparando mais vídeos e links de curiosidades, recebi retorno de 2 professores sobre o vídeo de apresentação, no qual eles contaram suas histórias, ao total nesta semana estávamos com 8 professores interagindo no curso, mas alguns estavam pularam as participações no módulo 1 e 2.

Figura 18 – Módulo 3 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Até o momento eu estava percebendo que as participações estavam voltadas aos fóruns, os materiais de leitura que eu estava disponibilizando em cada módulo estavam sendo acessado também, mas os comentários estavam voltados aos questionamentos levantados nas temáticas dos fóruns.

Um dos trabalhos publicados no Congresso da ABED pelos autores Bruno e Hessel (2007), sobre os fóruns de discussão como espaços de aprendizagem em ambientes on-line, apresenta em sua discussão que ao participar de um fórum e acessar o debate, é importante que se inicie a partir de uma leitura das mensagens postadas, dos colegas e ou professores, para depois acrescentar sua contribuição e apresentar novas ideias e argumentações.

O fórum do terceiro módulo tratou sobre a importância da formação de professores, e os docentes destacaram a importância de se manter atualizados, A professora Rubi comenta:

Acredito que as prioridades e objetivos de um curso de formação continuada de professores devem abordar questões atuais vinculadas

as práticas pedagógicas, incentivando e proporcionando novas informações, possibilidades de trocas de informações e experiências, visto que saber de diferentes experiências é significativo, bem como ter contato com indicações de leituras e pesquisas atualizadas.

A importância de realizar propostas de formação inicial e continuada para professores que correspondam com as novas concepções de ensino e aprendizagem, são destacadas por Libâneo (2007), no qual as formações devem se contrapor as tendências correntes dos sistemas educacionais de ensino, que pretendem “treinar” professores, passando “pacotes” de novas teorias e metodologias que acabam se distanciando do saber e da experiência dos professores.

Os professores destacaram que o incentivo a formação aumentou após a pandemia, quando começaram as criações de políticas de incentivo de formação sobre tecnologia na escola para os professores, mas que hoje eles buscavam as formações por conta própria, pois atendiam melhor as suas demandas de sala de aula. A professora Citrino diz:

Geralmente realizo minhas formações por conta própria, procuro sempre me informar sobre cursos de extensão. Priorizo por cursos do meu interesse com recursos da tecnologia, alfabetização, educação especial, porém me arrisco em outras temáticas voltadas ao campo educacional. Penso que devemos priorizar nossas formações forme nosso interesse, porém também é importante conhecer novas temáticas diante do campo educacional.

Para Freire (2001b) aprender e ensinar estão entrelaçados na arte de descobrir, de buscar pelo inacabado, neste meio temos o professor em permanente busca, uma figura indagadora, curioso em torno de si e do mundo, preocupado com o amanhã, em um incessante processo de formação. Hoje a busca de formação está ligada a finitude do professor, e da sua consciência de que precisa buscar por formação para melhorar suas práticas.

A partir das interações no AVA e das postagens dos professores, tivemos relatos que devido as formações oferecidas as escolas e aos docentes não atender a demanda da sala de aula, os professores optam por buscar os assuntos de formação que condizem com a sua realidade de ensino, pois o conteúdo do curso pode ser aplicado nas suas práticas pedagógicas e nas dificuldades enfrentadas por seus estudantes.

Figura 19 – Módulo 4 Moodle



Fonte: <https://moodle.uegs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Estávamos entrando na quarta semana do curso, não havia mudado o número de participantes, eu havia mandado mais algumas mensagens pelo WhatsApp e tive mais 7 professores que haviam desistido por falta de tempo para realizar a formação. Além daqueles que não haviam acessado ainda, eu também estava mantendo contato com os professores que estavam acessando o curso, estávamos esclarecendo dúvidas sobre as avaliações que eu havia deixado para realização nos módulos, mas eles não estavam realizando.

Sem a interação presencial não consegui perceber em qual momento, a partir, do acesso aos recursos tecnológicos disponibilizados nas avaliações da formação, os professores estavam enfrentando dificuldade para prosseguir com a tarefa, e acabavam desistindo, mesmo assistindo os vídeos de apoio. Alguns professores tiravam algumas dúvidas, mas acabavam por não finalizar a tarefa. Dentro dos fóruns os comentários continuavam poucos, eu estava abrindo quase todos os dias o Moodle e assim que eu via uma participação eu comentava para motivar que houvesse mais participações.

Em um dos trabalhos apresentados no congresso de 2008 da ABED do autor Almeida (2008) sobre evasão em cursos à distância, a análise dos motivos de desistência, destacando que devido muitos alunos adultos não estarem familiarizados com os recursos tecnológicos, este fator acabava por influenciar na permanência do estudante na educação a distância.

No fórum desta quarta semana estávamos conversando sobre a responsabilidade com o uso das tecnologias, no qual eu deixei uma reportagem

intitulada “Toda tecnologia tem seu bônus e seu ônus” da autora Patricia Peck, a professora Turquesa comentou:

“Toda tecnologia tem seu bônus e seu ônus”, muito interessante esta matéria. Sinceramente, não havia pensado sobre isso nesta perspectiva: bônus e ônus, o que é uma grande verdade. Como bônus, vejo a utilização das tecnologias na educação como uma porta para muitos recursos novos, que podem ser explorados tanto por alunos quanto professores, ferramentas que podem ser motivadoras para as construções dos conhecimentos dos alunos, fazendo pesquisas, utilizando sites, aplicativos, jogos, enfim recursos interessantes para a aprendizagem. Como ônus, percebo que os professores estão trabalhando muito mais, atendendo pais e alunos fora do horário de trabalho, aliás, todo o tempo passou a ser horário de trabalho. A saúde mental dos professores, muitas vezes acaba sendo comprometida por causa desse excesso. Há que se ter cuidado sobre isso.

Este relato do esgotamento dos professores foi frequente no curso, no qual os professores informam que estão trabalhando mais que a carga horária lotada na escola, para conseguir atender as demandas da profissão, e este esgotamento aumentou na pandemia. As autoras Dias e Pinto (2020), em seu artigo “A educação e a Covid-19”, relatam as dificuldades encontradas por professores e estudando durante o período de isolamento devido ao Covid, as destacando que é papel das escolas mesmo que fechadas, cuidar do bem-estar e saúde mental e física de sua comunidade escolar.

Figura 20 – Módulo 5 Moodle

Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Na quinta semana de curso as interações diminuíram, eu havia postado novas dicas, novos materiais de apoio e vídeos, mas as interações continuaram no espaço do fórum, neste módulo o fórum tratou sobre como podemos avaliar os estudantes a partir da tecnologia, os professores relataram muita dificuldade

no processo de avaliação no ensino remoto na pandemia, a professora Turquesa comentou:

Com certeza avaliar os alunos e suas aprendizagens no ensino remoto é algo extremamente difícil. O contato com as crianças e suas famílias de maneira remota, muitas vezes torna-se inviável. Avaliar apenas as atividades recebidas dos alunos, não garante o processo de ensino e aprendizagem, pois não conseguimos observar a construção feita pelo aluno e o quanto sua família interferiu, pois é sabido que em diversas situações não era a própria criança que desenvolvia a atividade. Penso que sim, é possível utilizar uma ferramenta digital para avaliar os alunos, porém não acredito nela como única forma de avaliação, é necessário, também, outros instrumentos para uma avaliação mais consistente.

Uma das professoras complementa que durante esse período remoto, fez as avaliações finais usando vídeos chamadas individuais com os estudantes, uma vez que tinha uma turma de 2º ano, e junto com a crianças ia desenvolvendo tarefas orais, de escrita e de cálculos, mas antes de realizar este encontro combinava as regras com as famílias, mas nem sempre deu certo, pois alguns pais "ajudavam" seus filhos mesmo assim. (PROFESSORA PÉROLA).

As dificuldades apresentadas pelos professores ao que se refere a avaliação no ensino remoto, se reforça no texto das autoras Santana e Sales, sobre “Aulas em casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia COVID-19”, no qual introduzem que acompanhar a participação e aprendizagem dos estudantes em casa, desde o início do contexto da pandemia foi uma reconstrução de modelos para o processo de ensino-aprendizagem, em que foi necessário novas alternativas de ensino que precisam ser criadas na mesma velocidade que mudou o ensino para as atividades remotas. (SANTANA; SALES, 2020).

O curso que iria até dia 17/11/2021 foi estendido até o dia 24/11/2021, continuei com as interações e mandando mensagem para os professores, obtive mais algumas participações ao longo do curso, e ao final fechamos o curso com 22 professores que deram aceite no termo de consentimento e todos acessaram ao AVA, mas somente 14 interagiram em determinados momentos do curso e destas 06 concluíram o curso.

Tabela 4 – Participações no curso EAD

| Participantes inscritos | Participantes desistentes | Participantes que acessaram o AVA | Participantes que interagiram no AVA | Participantes que concluíram o curso |
|-------------------------|---------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 62 | 40 | 22 | 14 | 06 |

Fonte: autoria própria

Ao finalizar o curso recebi o retorno nas avaliações sobre o curso de extensão:

Achei muito interessante a proposta do curso, acredito que seja de extrema importância, em dias atuais, depois de tudo o que estamos passando com a pandemia e de tudo o que mudou em nossas vidas e nas das crianças, que estejamos mais preparados para colocar dentro da escola ainda mais as tecnologias. Com o ensino remoto, esta ferramenta tornou-se essencial para que o ensino acontecesse. Agora, aliar tecnologia e conhecimento faz parte da nossa nova realidade, portanto, primordial. (PROFESSORA QUARTZO).

Trazer um tema atual para debate e participação na formação foi apontado pelos professores, que afirmaram a relevância das temáticas trabalhadas. Para Imbernón (2009, p. 90) “Um dos mitos na profissão docente é que ensinar é fácil. Ensinar sempre foi difícil, mas nos dias de hoje passou a ser ainda mais difícil (e, em alguns lugares, inclusive, arriscado).”

Os avanços da ciência, das estruturas sociais, da influência dos meios de comunicação em massa, dos novos valores e outros fatores, repercutem em uma profissão que se sente insegura devido as mudanças e desconfortável com a incerteza, já que até o momento as formações não se ocuparam desses aspectos. (IMBERNÓN, 2009).

Deixei um formulário de avaliação do curso no Google Forms para que os professores que finalizaram o curso respondessem sem se identificar, um dos retornos avaliativos foi informando que “as sugestões de aplicativos e ferramentas disponibilizadas no curso serão muito utilizadas nas atividades, se tornando assim o tópico mais importante” (PROFESSOR DIAMANTE³⁵), e que “as avaliações foram muito importantes, pois fizeram com que, realmente, eu acessasse o recurso e fizesse uma prática, interagindo e aprendendo a como utilizá-lo.” (PROFESSOR DIAMANTE).

Ainda que o número de participantes tenha sido baixo, a formação atendeu ao seu propósito de compartilhar ferramentas digitais que podem ser utilizadas a favor da educação, seguindo o pensamento do autor Paulo Freire (1996) no qual enfatiza que o compartilhamento de experiências é basilar para a construção da aprendizagem e para a constituição da formação docente, na forma de repensar sua prática pedagógica e aprender novas metodologias.

³⁵ O professor Diamante foram os professores que avaliaram o curso pelo Google Forms que não deixaram sua identificação.

Fiz uma pergunta referente ao questionamento realizado no início do curso sobre as expectativas iniciais em relação ao curso de Extensão se foram atendidas, todos responderam que sim, que “Foram atendidas. E foram ainda melhores. O curso tem um formato leve, didático, interativo. Esperava aprender coisas novas para minha prática. E foi o que aconteceu” (PROFESSOR DIAMANTE), “No andamento do curso pensei em desistir, mas fui perseverante, então aprendi muito, conheci e tive contato com diversos recursos que nem sabia que existia, então, minhas expectativas foram superadas.” (PROFESSOR DIAMANTE).

Em alguns apontamentos dos professores na avaliação do curso, ficou mais evidente, que ainda aqueles que participaram do curso enfrentaram problemas em relação ao tempo de dedicação à formação, e que não conseguiram se dedicar da forma que planejavam quando realizaram a formação.

Ao final desta formação eu comecei a rever tudo que havia acontecido no curso, revisei meus escritos do meu diário de campo, comecei a processar o que havia acontecido no curso, como foram as participações, o que poderia continuar em uma nova edição e planejamento como ela iria ocorrer, replanejar e reestruturar o curso de formação, pensando na proposta metodológica da Pesquisa-ação.

4.2 Concepções dos professores a partir da formação Presencial

A partir das modificações que foram realizadas no curso EAD, e das novas propostas a serem realizadas no curso Presencial, considerando o retorno das atividades presenciais nas escolas, no dia 06/04/2022 fizemos o primeiro encontro da formação, comecei com a minha apresentação, e a apresentação dos 20 professores, no qual eles falaram seus nomes e turma que lecionavam, se lecionavam em outras escolas, e as expectativas para o curso, conversamos e assinamos o termo de consentimento.

Na apresentação inicial a grande maioria dos professores informaram que são pós-graduados em suas áreas e uma professora estava realizando o Doutorado, dentre as áreas de formação dos professores 09 eram formados em

Pedagogia e os demais formados em Letras, Inglês, Artes, Matemática, História e Educação Física.

Ao serem questionados sobre a sua experiência com o uso das tecnologias em sala de aula, muitos afirmaram que somente utilizam o Datashow para apresentação de vídeos, slides. Segundo a Professora Sodalita “Sempre utilizei somente o Datashow em minhas aulas, pois temos muitos alunos sem telefone ou computador, e na escola nem sempre tem internet”. Vários professores relatam que uma dificuldade encontrada para utilizar tecnologias nas aulas se dá pela indisponibilidade por parte dos estudantes com o acesso à internet e computadores, e pelas escolas não possuírem computadores suficientes e internet de qualidade.

O que reforça o posicionamento dos professores nas discussões do curso em EAD, os professores cursistas das duas modalidades apontaram a dificuldade com o uso dos recursos tecnológicos, bem como as inseguranças, e confirmam que mantinham a utilização das ferramentas digitais de forma básica ou quase inexistente. Para Moran “Ensinar com a internet será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas de ensino”. (2008, p.08).

Os paradigmas que impedem um ensino mais tecnológico na visão dos professores estão ligados a apropriação tecnológica dos diferentes recursos, desde mexer no computador, acessar seu e-mail e compartilhar uma atividade on-line com os estudantes. Para Moran (2008) é fundamental nesta profissão do presente e do futuro educarmos para saber compreender, sentir, comunicar, integrando a comunicação pessoal, comunitária e tecnológica.

Apesar da dificuldade apresentada por todos os professores, temos relatos que após o início da Pandemia de Covid-19, tiveram que se familiarizar a utilizar algumas ferramentas digitais como Classroom, Google Meet, foi unânime a confirmação, que foi desafiador realizar esta mudança em suas práticas devido a falta de apropriação tecnológica, afirmaram que acabaram conhecendo mais da tecnologia devido a pandemia e tiveram que mudar suas práticas. Para a Professora Topázio “Antes da Pandemia eu não usava os recursos tecnológicos, e durante a Pandemia aprendi e gostei de usar, agora uso as coisas que eu sei”, a professora Ametista complementa que “Usava muito pouco a tecnologia, eu pesquisava mais nos livros, hoje gosto muito, acho mais prático e tem mais variedade de atividades”.

Nas falas dos professores nas duas modalidades encontramos a resistência a tecnologia, mas vemos que há um movimento para mudança, visto que a pandemia forçou o movimento da utilização da tecnologia, e os professores se sentiram obrigados a realizar a utilização de algumas ferramentas digitais, abrindo a possibilidade para conhecimento, desta forma, os professores viram que é possível realizar e utilizar as tecnologias digitais em seus planejamentos. Segundo Paiva (2008) ainda existem muitos professores que insistem em utilizar métodos tradicionais ou ultrapassados, devido a não terem conhecimento e saberem lidar com os instrumentos tecnológicos voltados para a educação, em suas palavras “o homem está irremediavelmente preso às ferramentas tecnológicas em uma relação dialética entre a adesão e a crítica ao novo”. (2008, p.01).

Tivemos relatos que confirmam a posição de resistência nos dois cursos de formação, e trazem o contexto de alguns professores de renunciarem ao uso das tecnologias, as professoras comentaram sua experiência neste momento, a Professora Água-marinha conta que:

Sou uma professora antiga, comecei trabalhar como prof.^a em 1985, com turmas de currículo, eu era do tempo do mimeógrafo e giz. No início encontrei muita dificuldade, como tenho até hoje, faço meus planejamentos e minha filha digita para mim, no Meet fazia aula no quadro com uso do computador”.

Já a Professora Esmeralda “Usei as plataformas para dar aula online, postagem de atividades e ilustrações lúdicas e práticas do conteúdo, porém segui incentivando a escrita no caderno, a leitura em livros físicos e a redução das telas”. Já duas professoras destacaram que usavam a tecnologia antes da pandemia, “Eu já fazia uso do Canva para elaboração de panfletos, utilizada jogos online sobre as mais variadas temáticas da área da biologia, fazia uso de questionários online com os alunos, mas o problema sempre foi o acesso à internet”. (PROFESSORA LÁPIS-LAZÚLI; PROFESSORA AMETISTA).

A partir destas falas selecionadas, precisamos refletir e compreender que a utilização da tecnologia não é tão fácil de ser implantada nas escolas, que a maioria dos professores, se formaram ou estão sendo formados com base em paradigmas tradicionais, e ainda se encontram enraizados em suas concepções. Para Schuhmacher (2014) os professores têm mais dificuldades quando se deparam com novas propostas de ensino, e precisam repensar a sua prática,

embora saibam que é necessário procurar e desenvolver uma prática mais condizente com os novos anseios sociais, sentem-se inseguros em trilhar esses novos “saberes”.

Os professores informaram que tiveram algumas dificuldades no uso das tecnologias durante a pandemia, a professora Esmeralda diz que “No contexto público e privado, uma das dificuldades encontradas foi incentivá-los a ligar a câmera, se expor online, isso exigiu planejamentos e práticas diferenciadas”, e a professora Fluorita completa que “Na pandemia fomos obrigados a trabalhar com tecnologias abruptamente sem nenhuma formação ou curso, o que até hoje torna a utilização destas ferramentas muito difícil”.

Para os autores Costa e Silva (2021) na pandemia o ensino remoto foi uma estratégia momentânea, mas que não substitui o presencial, que teve por objetivo suavizar os danos causados pelo fechamento obrigatório das escolas, foi uma prática que trouxe limitações aos professores, e aos estudantes para aquele que tiveram muita dificuldade, ou não puderam ter acesso ao ensino, especialmente por estarem inseridos em uma área de vulnerabilidade.

As expectativas informadas pelas professoras eram que a formação abrisse caminhos para facilitar o cotidiano e suas práticas pedagógicas, conhecer novas ferramentas, adquirir e aprimorar novos conhecimentos, contribuir na melhor qualificação do processo de aprendizagem dos professores e conhecer uma ferramenta mais interativa. A Professora Turmalina conta que sua expectativa com o curso:

Que seja uma formação voltada para a prática real, com possibilidade de adequação aos diversos públicos existentes na rede de ensino público. Uma formação voltada para os docentes tanto durante a prática quanto na sua formação pessoal. Uma linguagem clara e acessível para os diferentes docentes, dos recém ingressantes, quanto aqueles que estão em sala de aula muito antes do advento da internet, proporcionando uma atualização das habilidades já adquiridas.

O autor Libâneo (2007) em seu livro *Adeus professor, Adeus professora?* Nova exigências educacionais e profissão docente, aborda este assunto sobre a necessidade de uma formação voltada para a realidade do professor, criticando a rigidez curricular e metodológica dos cursos de formação e o distanciamento da prática. Para Libâneo “A ideia é a de que o professor possa “pensar” sua prática, ou em outros termos, que o professor desenvolva a capacidade reflexiva sobre a sua prática.” (2007, p.85).

Um movimento de reflexão e espaço de fala para os professores, faz com que eles reconheçam o seu papel ativo na formulação dos seus próprios objetivos e planejamentos, dos meios a serem utilizados no ensino e aprendizagem de seus estudantes, este espaço de troca deve entender que o professor também tem suas teorias e seus métodos de trabalho, que podem contribuir para a construção do conhecimento de forma coletiva e participativa. (FREIRE, 1996).

Este momento de apresentação e conversa, foi bem importante para os professores desacelerarem, pois eles haviam saído da sala de aula e foram para a nossa formação direto. No nosso segundo momento conversamos sobre a temática de tecnologia e educação, tínhamos 5 perguntas na roda da conversa:

Tabela 5 – Perguntas da formação encontro 1

| Questões para discussão: |
|--|
| 1-Na sua opinião, qual a maior barreira para implementação da tecnologia em sala de aula? |
| 2-Qual sua maior dificuldade com o uso das tecnologias? |
| 3-O que você pensa sobre o uso de dispositivos móveis (smartphone) na educação? |
| 4-Você já pensou que é possível aliar as tecnologias digitais no ensino sobre consciência fonológica? |
| 5-Na sua opinião, o que devemos refletir sobre as responsabilidades que permeiam o uso dos recursos tecnológicos, em relação aos estudantes e sobre a sua prática docente. |

Fonte: autoria própria

Fiz as perguntas em bilhetinhos e cada um dos professores sorteou uma pergunta diferente, começamos a falar de cada questão e aqueles que pegaram a questão da vez, comentaram em torno de 3 a 4 professores com a mesma questão, mas tivemos participação dos colegas que não haviam pego a pergunta, tivemos em todas as questões bastante participações, e assim fizemos com as 5 perguntas.

No início da dinâmica houve uma resistência muito grande em comentar realmente a sua opinião na discussão levantada, pois eu estava gravando, então, comentei que não iríamos citar nomes na pesquisa, que tudo seria tratado com muito sigilo, não sairia nome da escola ou outra informação que pudesse associar os professores, então a conversa fluiu, tivemos bastante reclamações dos processos educacionais, das responsabilidades dos pais e estudantes, e foi compartilhado experiências de sala de aula.

As primeiras duas perguntas se complementavam, e questionados sobre a maior barreira e as dificuldades para implementação da tecnologia em sala de aula, os professores informaram que com a volta a sala de aula, após a

pandemia tiveram alguns problemas com internet, nesta escola os professores ganharam um Chromebook, mas que muitas vezes elas não utilizam em sala de aula por não haver sinal de internet, precisando que seus registros tenham que ser realizados em casa. Outro ponto, é a falta de recursos tecnológicos disponibilizados na escola, por exemplo não tem TV, poucos Datashows, internet precária, muitas vezes as crianças na escola não sabem utilizar a tecnologia. A professora Ágata concorda e diz:

Na verdade, a tecnologia veio, mas a escola do estado ou do município não está nem um pouco caminhando junto, eles nos entregaram o Chromebook porque nós estávamos no meio de uma pandemia, e estávamos usando os nossos computadores, na verdade foi somente isso que eles entregaram, uma verba para escola para internet, o município não tem uma empresa específica, para tudo é uma burocracia para abrir orçamento, pedimos Tvs na sala de aula, mas nada ainda.

A realidade imposta pela pandemia foi que professores e estudantes utilizassem seus recursos tecnológicos em casa no ensino remoto, para que o estudo tivesse continuidade. Os professores relataram a dificuldade de fazer com que os estudantes participassem e as dificuldades tecnológicas, mas uma questão levantada pelos professores após a pandemia foi: E agora que acabou a pandemia, esquecemos da tecnologia?.

A professora Malaquita completa que “Na verdade o governo quer implementar a tecnologia, ele tem o desejo, só que ele não dá os instrumentos e suporte necessário que o professor precisa, nem para a escola”. A Professora Jade relata que “Nós saímos de uma pandemia que eles tinham um mundo de tecnologia na frente deles, e agora a gente se deparou com um quadro e um canetão, e foi isso”, após os outros professores apoiarem a falta de recursos, a Professora Jade termina sua fala:

Todo sistema que eles quiserem implementar de cima para baixo não funciona, eles têm que conhecer a realidade, entendeu? Ao invés de perguntar o que nós precisamos, eles nos deram Chromebooks, sendo que haviam professores que nunca nem utilizavam o WORD, foi um se vira mesmo”.

Os professores destacaram que após o retorno das aulas presenciais, as práticas tiveram que voltar as metodologias antigas, pois a escola não tinha suporte de internet para atender todos os acessos, e que não tinha computador suficiente para atender os estudantes e que muitos nem funcionavam ou não

estavam em bom estado, o comentário destes professores se estia as outras escolas que também lecionavam. Para Zaguri (2006, p.38):

Ouvir sistemática e amplamente o professor de sala de aula — em especial antes de se adotarem medidas de caráter nacional—pouparia o sistema de muitos dos fracassos a que vimos assistindo nas últimas décadas, sem falar no quanto se evitaria desperdiçar em termos de tempo, esforços e recursos financeiros pela adoção de medidas fadadas ao fracasso, por serem inexecutáveis.

A professora Âmbar completa “E a gente foi atrás saber como funciona, a gente se vira, mesmo com todas as dificuldades a gente faz e tenta dar o melhor, consegue ver os resultados, e acaba que eles continuam no mesmo sistema”. Fica evidente a partir do que traz a autora Zaguri (2006) e a partir das falas dos professores, que os órgãos de gestão pública deveriam ser responsáveis pela manutenção das escolas e criar políticas públicas para suprir essa necessidade urgente, se for do interesse deles que a educação contemple as inovações, e no que tange a formação de professores.

Entramos na questão sobre o uso de dispositivos móveis (smartphone) na educação, a professora Madrepérola diz:

Se ele for utilizado de forma correta ele pode ser um instrumento positivo, mas na maioria das vezes, mas estamos vivenciando em sala de aula que muitas vezes nossos alunos não estão prestando atenção devido ao uso do smartphone, hoje com o retorno das aulas presenciais, eu vejo que está mais para o lado negativo do que positivo.

Todos os professores confirmaram que o mesmo ocorre em suas salas de aula, e como forma de tentar reverter o mal uso dos celulares os professores acabaram por pedir que os pais não mandassem celulares para a escola, somente em caso de urgência para contato.

Em um momento em nossa conversa entramos no assunto da formação e da falta de tempo que os professores enfrentam para buscar por aperfeiçoamento e de aprender a usar as tecnologias, a professora Safira reforça:

As formações ofertadas pelo governo são boas, mas só se nós tivéssemos tempo de entrar e acessar, olhar todas as lives que tem nas formações, mas a gente não tem tempo, nós somos humanas e ficamos 40 horas na escola, muitas vezes chegando em casa temos que corrigir prova e planejar aula, e fazer comida né, não tem tempo ainda de ver uma formação de 2 ou 3 horas cada uma, eles têm material, mas o que falta para a gente é tempo!

Para Medeiros (2021) a questão central é que a atividade docente pode aparentemente se limitar ao tempo destinado a interação apenas com os estudantes, ou seja, ao período de regência. Porém, a docência não se reduz somente sala de aula, é comum aos planos de carreira do magistério uma determinação de tempo muito maior para a regência e períodos menores para atividades complementares, tais como, o planejamento, a avaliação e a formação continuada docente, e que por muitas vezes essas atividades se realizam em períodos não remunerados de trabalho.

Após está discussão conversamos sobre ser possível aliar as tecnologias digitais no ensino sobre consciência fonológica, a professora Madrepérola diz “A gente até conhece alguns aplicativos e recursos que a gente acha na internet, que são voltados para a consciência fonológica, na pandemia estava usando o Elefante Letrado e Multigestos”. A professora Ágata complementa que

Para alfabetização tem vários, é só saber procurar eu sempre usei vídeos, vídeos curtinhos com música, sempre uso muito, na função da pandemia eu parava e pensava, o que eu vou fazer se eu não vou estar junto para falar o som das letras, as sílabas, então minha preocupação era essa, comecei então a garimpar na internet, e o que eu achei me surpreendeu, até guardei em uma pasta pois tem muita coisa, material compartilhado até de outros professores.

Compartilhando as práticas em sala de aula, os professores relataram que os estudantes que estão nesta etapa de aprendizagem da consciência fonológica já passaram da fase das músicas infantis que ensinam o alfabeto, o que os professores compartilharam foi que tiveram que adaptar suas práticas para introduzir temáticas que fossem do interesse do estudante, sem recorrer a músicas infantis, mas sim aos jogos digitais, aos animes³⁶ e tiktok³⁷, foi a forma que os professores conseguiram trazer a aprendizagem para a realidade dos estudantes.

Para os autores Carvalho e Santos (2020), em seu artigo “Mídias sociais e educação em tempos de pandemia: o TikTok como suporte aos processos de ensino e aprendizagem”, os autores ressaltam que apesar das mídias sociais terem sido desenvolvidas para fins de entretenimento, o que se tem percebido é

³⁶ Anime, animê ou animé, se refere é uma animação desenhada à mão ou por computação gráfica do Japão.

³⁷ Essa mídia social é utilizada por seus usuários para a criação, postagem e compartilhamento de vídeos de até 60 segundos.

um movimento de apropriação criativa destas mídias, direcionando o seu uso para fins educacionais principalmente no tiktok.

A partir da utilização de recursos digitais e de redes sociais na aprendizagem, convidei os professores a refletir sobre as responsabilidades que permeiam o uso dos recursos tecnológicos, em relação aos estudantes e sobre a sua prática docente. A professora Cornalina diz

Na verdade como já comentamos, estávamos vendo os nossos alunos viciados em jogos e redes sociais no celular, e temos a responsabilidade de buscar uma retomada das questões mais humanizadas, eu sou da área da educação física, eu acho que a gente não tem que colocar tecnologia, a gente tem que ensinar a jogar bola mesmo, ensinar a brincar de pega a pega, acho que não podemos ceder, em casa os pais estão só no celular, então a escola tem que mediar essa situação.

Libâneo (2007) aborda que no mundo pós-moderno, não se pode deixar de distinguir as influências exercidas pelas tecnologias digitais, no qual incluem diversas formas de transformar os meios pessoais, sociais, profissionais, educacionais e políticos, essas mudanças causam questionamentos sobre a aplicação das tecnologias e como estes recursos estão sendo utilizados, na área da educação os professores devem elaborar estratégias da responsabilidade do uso da tecnologia com finalidade na aprendizagem e qualidade do ensino, cuidando conjecturas que podem ser negligenciadas neste processo.

Uma professora contribuiu na discussão e apresentou seu ponto de vista, que com a chegada da pandemia as crianças estavam se alfabetizando em casa, as pessoas perceberam que os professores são insubstituíveis mesmo utilizando a tecnologia, alguns pais conseguiram enxergar isso, a importância do contato com o professor, o vínculo, e a questão humana das relações na escola, que colocar um vídeo é maravilhoso, mas não substitui o que o professor faz para alfabetizar, a convivência é o muito importante! (PROFESSORA HEMATITA).

Os autores Nóvoa e Alvim (2021, p.09) afirmam que não é possível ou desejável uma educação inteiramente digital:

Aos que acreditam numa educação inteiramente digital, dizemos que tal não é possível, nem desejável, pois nada substitui a relação humana. Os meios digitais são essenciais, mas não esgotam as possibilidades educativas. Grande parte das nossas vidas e culturas, da nossa criatividade, das histórias, das produções efêmeras e espontâneas, dos laços e relações entre nós, dos nossos sonhos, não estão na Internet. Há um património humano, impossível de digitalizar. Sem ele, a educação ficaria reduzida a uma caricatura digital. Felizmente, as novas gerações de professores já são digitais, e

conhecem bem as possibilidades e os limites das tecnologias. Sem ilusões e sem fantasmas.

Outra questão apontada foi a organização da comunicação com os estudantes e responsáveis através do celular via WhatsApp, e os grupos criados, os responsáveis e os estudantes cobram retorno nos horários no qual o docente não está trabalhando. A professora Safira diz “Na pandemia só tínhamos o WhatsApp para contactar os pais, eles mandavam mensagens toda hora e ainda cobravam retorno, foi muito cansativo, este ano com o retorno ao presencial eu não quis criar grupo, retornei aos bilhetinhos no caderno”.

A partir das falas dos professores, a utilização das tecnologias acabou sobrecarregando os professores na pandemia, pois os horários não estavam estabelecidos igual na escola presencialmente, agora com o retorno da pandemia, os professores acabaram por não utilizar mais o envio de e-mail das atividades e nem realizar contato via WhatsApp.

O material empírico mostra repetidas vezes uma demanda por disponibilidade irrestrita dos professores nesses tempos de pandemia. O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos. (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 13).

Os autores Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), reforçam que a sobrecarga de trabalho, não pode ser considerada normal, ou estar associada a ideia do trabalho sem pausa, da produtividade sem limites e de uma disponibilidade quase absoluta às demandas do tempo presente, sejam elas vinculadas ao trabalho profissional ou ao trabalho doméstico.

Após eu apresentei no Datashow a plataforma Moodle, começamos a fazer acesso, nesta parte tivemos muita dificuldade com login e senha, a internet da escola também não estava muito boa, então isso dificultou o acesso, feito isso mostrei para elas o nosso módulo do primeiro encontro que estava liberado, mostrei os materiais e como funciona o Moodle para interagir, responder, entrar nos vídeos e links, no momento em que eu fui ajudando alguns professores, outros foram se ajudando também, aqueles que conheciam o Moodle ajudaram aqueles que não conheciam.

Nesta formação havia 08 professoras que conheciam o Moodle, no qual já haviam realizado estudos de graduação e pós-graduação realizadas em

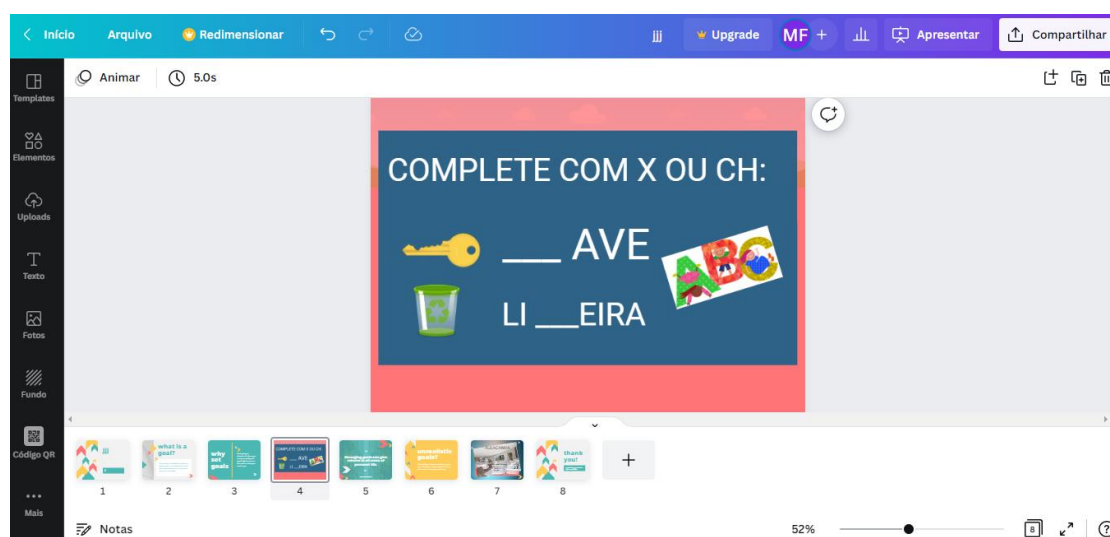
instituições públicas, e atuando como tutora de cursos de graduação, para a professora Fluorita “Considero o Moodle um pouco complexo, porém muito útil e eficaz em proporcionar a capacitação em diferentes assuntos e por várias instituições à distância”.

Quando estávamos encerrando as atividades do Moodle, neste momento havíamos levados algumas coisas para comer, e então vi que os professores deram uma dispersada e ficaram envolvidos com a comensalidade, dei uma pausa na apresentação e ficamos conversando alguns minutos e após retomamos a atividade.

Após apresentei as ferramentas e funcionalidades do Canva, começamos com os acessos e novamente tivemos algumas dificuldades com login e senha, e para criar cadastros na plataforma, após apresentei as funcionalidades e como realizar atividades dentro do Canva, e os professores foram acompanhando e fazendo testes, abrindo as funcionalidades e ao final cada um realizou uma atividade.

Neste momento alguns professores foram tirando dúvidas específicas sobre o recurso do Canva, e novamente tivemos a colaboração dos professores que já conheciam as funcionalidades para ajudar os que estavam encontrando mais dificuldade com o recurso. Cada professor foi realizando uma atividade pensando nas turmas que estavam lecionando, e no final acabamos compartilhando as atividades por e-mail para que todos tivéssemos acesso.

Figura 21 – Atividade realizada pela Professora Ágata no Canva



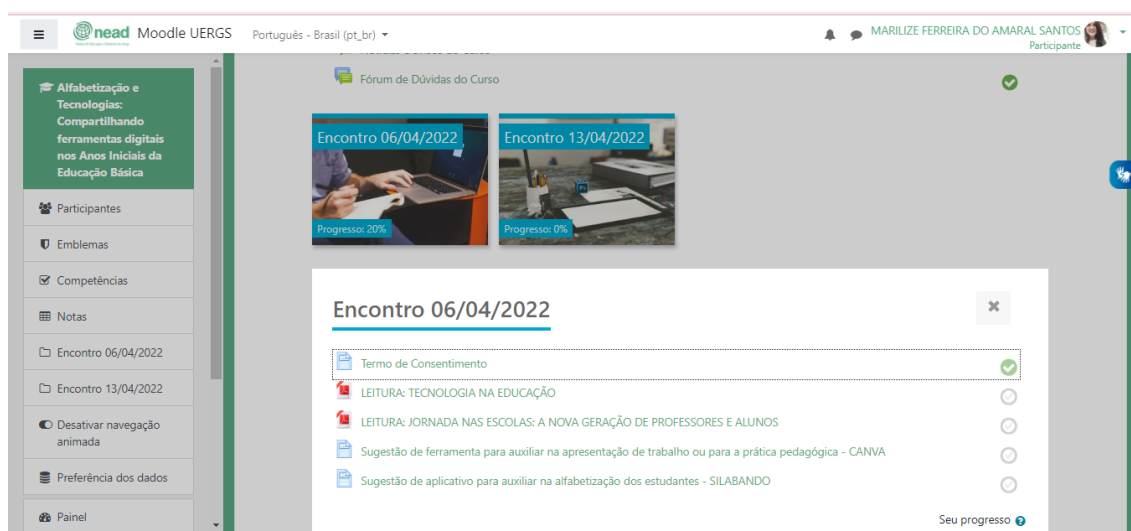
Fonte: https://www.canva.com/pt_br/.

A importância do trabalho colaborativo nesta formação, se tornou muito importante, pois pelo devido número de professores, eu não consegui dar atenção individual, então no momento que os professores foram se ajudando, mesmo aqueles que não sabiam utilizar o recurso, foram descobrindo e realizando a atividade juntos, assim o processo ficou mais participativo.

Seguindo a teoria de Imbernón (2009), conseguimos desenvolver uma formação em que a metodologia de trabalho e o clima afetivo sejam os pilares do trabalho colaborativo, um clima no qual a formação situe o professorado em situações de identificação, participação, aceitação das críticas, de discordância, e possibilitando a criatividade.

Finalizei o encontro mostrando que havia vídeos e outras atividades no Moodle disponibilizadas para os encontros assíncronos, mostrei as sugestões de aplicativos, links e leituras, e deixei todo material deste encontro de formação.

Figura 22 – Encontro 1 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

No dia 13/04 tivemos o nosso segundo encontro, tivemos 19 professores presentes, alguns deles não estavam no encontro passado, fiz minha apresentação novamente e estes professores novos se apresentaram. No nosso segundo momento, conversamos sobre a temática de tecnologia e educação, tínhamos 5 perguntas na roda da conversa:

Tabela 6 – Perguntas da formação encontro 2

| Questões para discussão: |
|--|
| 1-Pensando sobre formação de professores, comente sobre o incentivo de formação. |
| 2-Comente sobre quais devem ser as prioridades e objetivos de um curso de formação de professores. |
| 3- Já foi oferecido um curso de formação sobre apropriação tecnológica, que pode ser utilizada em suas práticas pedagógicas? |

| |
|---|
| 4-Pensando em avaliação utilizando as tecnologias digitais, como avaliar as aprendizagens no ensino remoto? |
| 5- Você acha possível utilizar uma ferramenta digital para avaliar seus estudantes? |

Fonte: autoria própria.

Fiz o mesmo esquema do encontro anterior que havia dado certo, deixei as perguntas em bilhetinhos e cada um dos professores sorteou uma pergunta diferente, começamos a falar de cada questão.

A primeira pergunta foi sobre o incentivo de formação aos professores, a professora Jade começou comentando sobre a questão falando que:

É muito cansativo realizar as formações que são oferecidas, nós deveríamos ter hora atividade para realizarmos essas formações, estar aqui depois do horário é um esforço de todos nós, quem trabalha 40 horas com o currículo não tem folga, o incentivo deveria ser o primeiro eixo”.

A fala dos professores neste segundo encontro presencial, reforça o que foi apontado no primeiro encontro e nas discussões do curso de formação EAD, e nos autores que foram apresentados nesta pesquisa, sobre a falta de tempo para dedicação as formações continuadas, os professores informaram que é muito difícil conciliar o tempo para encaixar as formações.

Na segunda pergunta sobre quais devem ser as prioridades e objetivos de um curso de formação de professores, a professora Âmbar diz:

Tem muito a ver com o que a professora Amazonita colocou, primeiramente o tempo, até porque precisamos ter uma organização, pois tu não consegue criar uma atividade ou aprender algo na correria, eu acho muito bacana aquele letramento digital, se nós tivéssemos tempo de aprender mais e assistir sobre o assunto, para termos condições de aplicarmos com os nossos alunos”.

Questionei se já foi oferecido um curso de formação sobre apropriação tecnológica, que pode ser utilizada em suas práticas pedagógicas. A professora Topázio diz que “durante a pandemia foi ofertada muita coisa, mais do que a gente conseguisse assimilar na minha opinião, tanto da parte do município ou do estado, a gente nunca faz nada com calma, a gente acaba perdendo a vontade porque falta tempo”.

A professora Ágata completa que “para criar um bom planejamento a gente precisa ter tempo, a gente precisa organizar as ideias, o que que eu quero, se eu vou atingir o estudante ou não com essa atividade”. Complementando a professora Fluorita “Quando vamos colocar em prática as coisas não funcionam,

não tem internet, não tem aparelhagem, as salas de aulas não têm recursos, as vezes não funciona nem uma tomada, nem tomada funciona!”

Segundo Medeiros (2021) o trabalho docente já apresenta intensificação mesmo antes da pandemia, no qual existem vários fatores que corroboram para tal intensificação, o primeiro deles é o alongamento das jornadas de trabalho:

Os relatos da vida dos docentes informam sobre práticas de jornadas desmesuradamente longas e normas de conduta extremamente rígidas. Com isso, o trabalho docente além da regência, como atividades de preparação das aulas, provas, correções, lançamentos das avaliações é realizado geralmente sem remuneração, ou seja, é muito comum que as professoras e professores do ensino público, levarem atividades, provas para correção ou realizarem planejamentos além do horário previsto na jornada diária remunerada. (MEDEIROS, 2021 p.10).

No artigo publicado por Faustino e Silva (2020) “Educadores frente à pandemia: Dilemas e Intervenções alterativas para coordenadores e docentes”, ressalta que outro fator importante a ser debatido é a avaliação escolar em tempos de pandemia, pois sem o constante contato presencial com o estudante e suas produções ficou difícil avaliar e identificar a capacidade ou dificuldade do estudante em assimilar os conteúdos.

No outro tópico de discussão pensando em avaliação utilizando as tecnologias digitais, e de como avaliar as aprendizagens no ensino remoto, os professores afirmam e concordaram não haver como, o professor Opala faz um relato pessoal:

A gente não sabe se foi o aluno que fez, primeiro que um responsável pode fazer, na turma que eu tive no ano passado, foi a melhor turma que eu tive, se fosse aprovar ali, eu aprovaria dois alunos só, que eu daria uma avaliação positiva, porque, o resto a gente não sabia pois ficavam papagaio de pirata na frente da câmera, outros desligavam, e outros nem compareciam, então ficou muito difícil de avaliar neste sentido.

A professora Ametista diz que “tivemos a noção das coisas, quando no ensino remoto as avaliações vinham todas direitinhas e certinhas, e agora que as crianças voltaram chegaram aqui sem saber ler, nem escrever o próprio nome, sem conhecer até o alfabeto”. Os professores completaram que o retorno real das avaliações do ensino remoto está sendo observado hoje em sala de aula, no qual os estudantes estão com muitas dificuldades na aprendizagem.

O parecer de nº 5/2020 do CNE/CP que tratava de reorganizar o calendário escolar e possibilitar a apuração de atividades não presenciais para

fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19, esclarece que a realização de atividades pedagógicas no ensino remoto (não presencial) visava, em primeiro lugar, que se evitasse o retrocesso de aprendizagem por parte dos estudantes e a perda do vínculo com a escola, o que poderia levar à evasão e abandono, que na visão da maioria dos professores participantes do curso de extensão não foi atingido, pois os estudantes apresentam após retorno as aulas grande déficit de aprendizagem.

Apesar das dificuldades apontadas em utilizar os recursos tecnológicos, duas professoras afirmaram que conseguiram mostrar alguma ferramenta digital para auxiliar na aprendizagem, nesta contrapartida, temos outro ponto de vista apontado na discussão:

Eu acho que os alunos conheceram sim métodos diferentes de serem avaliados, eles viram como fazer e criar formulários, como fazer uma apresentação de trabalho, eu mesma propus apresentações de trabalho utilizando os recursos da tecnologia o Jamboard. (PROFESSORA MADREPÉROLA).

Questionei sobre os professores acharem possível utilizar uma ferramenta digital para avaliar seus estudantes, a professora Piritá diz “Eu usei o Padlet, o Docs para fazer avaliação, também usei o Google apresentações, usei bastante também os aplicativos de joguinhos, que tu crias os joguinhos o Wordwall³⁸, criando os joguinhos com diferentes temáticas e fazia com eles”.

Vemos um movimento ainda pequeno nesta escola de duas professoras a se desafiar e usar os recursos tecnológicos, para Imbernón (2016, p.105) “A mudança é um fenômeno inerente à pessoa como indivíduo e à sociedade como coletivo. Sem mudanças não haverá progresso.” Se houvesse maior assistência de suporte e recursos tecnológicos para as escolas, os professores poderiam realizar novas práticas pedagógicas utilizando as tecnologias, mas essa realidade se encontra distante do ensino presencial.

Outro destaque que podemos realizar é que muitos relataram a dificuldade de usar as tecnologias, e em contrapartidas outros professores defenderam e apontaram que foram em busca desta apropriação e formação por conta própria, então, na palavra destes professores faltaria há alguns professores o interesse de realizar uma formação ou conhecer mais as tecnologias.

³⁸ plataforma de realização das atividades personalizadas para sua sala de aula

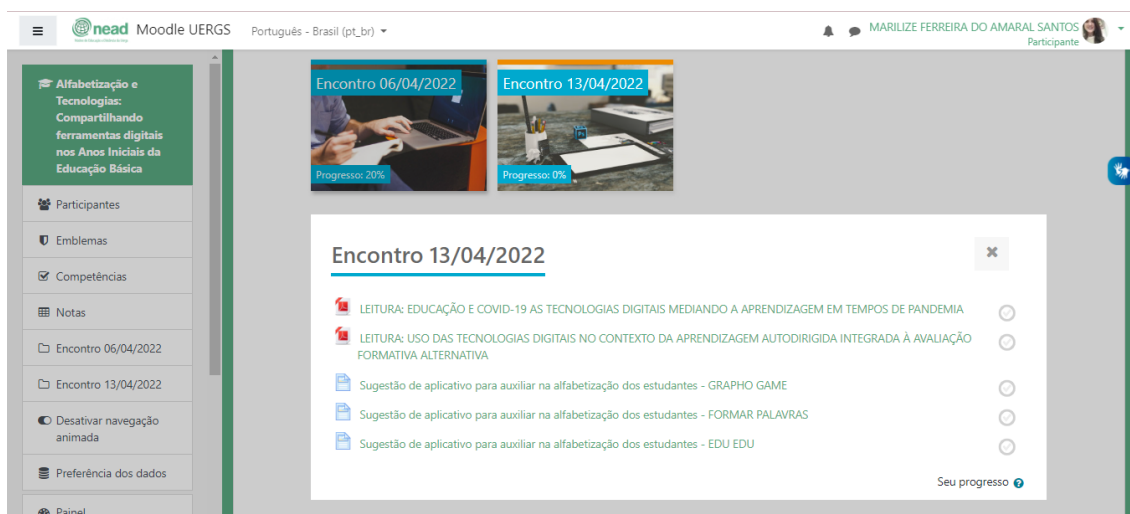
Quando começamos a conversa não tivemos resistência, como a maioria já havia participado do outro encontro as participações estavam bem ativas, senti que no início os professores deram uma controlada no que iam falar, pois a diretora da escola estava presente neste encontro, acho que ela também sentiu isso, pois eles se defendiam quando expressavam sua opinião com a seguinte frase: “Não é somente nesta escola é de forma geral”, mas a diretora começou a mostrar a sua opinião nas discussões que estávamos tendo e este receio dos professores acabou.

Para aqueles professores que não haviam participado do primeiro encontro, fiz uma nova apresentação do Moodle e de algumas funcionalidades e como acessar, os professores que haviam comparecido no primeiro encontro tiraram algumas dúvidas também, então achei importante retomar os processos desta ferramenta. Fizemos uma pausa para um momento de comensalidade e após retornamos à atividade, desta vez programei esta pausa antes para não perder a atenção dos professores.

Após apresentei as ferramentas e funcionalidades do Jamboard, comecei mostrando o que era a ferramenta, e diferente do Canva que os professores conheciam suas funcionalidades, mas vários já sabiam usar, o Jamboard havia duas professoras que sabiam utilizar e os demais não conheciam e não sabiam usar. Tentei seguir a mesma proposta do primeiro encontro, enquanto mostrava a ferramenta e as funções os professores iriam fazendo em seus computadores, mas logo no início à internet da escola parou de funcionar, tivemos que reiniciar o sistema de Wi-Fi, e isso demorou mais de 30 min, então coloquei minha internet 4g do celular para rotear e continuarmos a visualizar como funcionava o Jamboard.

A internet acabou voltando, mas com o sinal muito fraco, mas conseguimos finalizar a apresentação, as professoras conseguiram abrir a ferramenta e realizar uma atividade, enquanto elas iam testando as funcionalidades fui esclarecendo as dúvidas dos professores que nem estavam conseguindo entrar na plataforma. Ao final conversamos sobre a formação, algumas professoras comentaram das sugestões de aplicativos deixados no Moodle que elas haviam acessado na escola, inclusive uma delas já indicou para seus estudantes baixarem alguns dos aplicativos em seus celulares.

Figura 23 – Encontro 2 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Estes dois dias de formação exigiram muito jogo de cintura para poder manter a atenção das professoras na formação, a grande maioria estava em seu terceiro turno, tentei fazer uma formação leve e que motivasse os professores a participar, pensando em uma formação compartilhada, no qual o foco da formação era os professores, e o material iria acrescentar na formação. Me senti muito feliz quando no segundo encontro tivemos um grupo com quase a mesma quantidade de professores da primeira, meu medo era que depois do primeiro encontro não viesse ninguém.

Recebi muitos feedbacks sobre o curso, de que as professoras iriam utilizar as ferramentas do curso em suas práticas pedagógicas, e que a partir das conversas que tivemos elas puderam refletir sobre a sua prática pedagógica e aprender com os colegas. Ao final desta formação consegui sentir que fiz a diferença na fala de algumas professoras, e que isto despertou um maior interesse nos professores para buscar formação, muitos queriam saber mais da UERGS, se havia processo seletivo aberto, proporcionar uma formação diversificada para essas professoras acabou rompendo com o paradigma da formação centrada em um conteúdo, e passou a mostrar que pode haver discussões e compartilhamento de experiências.

Tabela 7 – Participações no curso Presencial

| Participantes inscritos | Participantes desistentes | Participantes que acessaram o AVA | Participantes que interagiram no AVA | Participantes que concluíram o curso |
|-------------------------|---------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 23 | 03 | 20 | 20 | 20 |

Fonte: autoria própria

O desejo dos professores na formação foi de serem ouvidos, a partir do espaço disponibilizado contar suas experiências e como eles estavam trabalhando em sala de aula, para Imbernón (2010, p. 54). “Os docentes devem se assumir como protagonistas, com a consciência de que todos são sujeitos quando se diferenciam, trabalham juntos e desenvolvem uma identidade profissional”. A professora Olho de Tigre fez uma avaliação da formação:

Expor as ideias e conhecimentos a partir desta formação no espaço educacional é importante para conhecermos mais das ferramentas utilizadas pelos colegas também, a troca é necessária, para que o conhecimento seja inserido na prática, por isso a formação é de grande valia para nós profissionais.

A Professora Esmeralda diz “Acredito que todo conhecimento agrega, sobretudo a nossa carreira que se modifica constantemente, acompanhando as mudanças de toda ordem: social, política e histórica”. Para Imbernón:

Formar o professor na mudança e para a mudança por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente deve compartilhar o conhecimento com o contexto. (IMBERNÓN,2022, p.15).

PRODUTO DO MESTRADO PROFISSIONAL

Como exigência do curso de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação da UERGS temos que construir um produto resultante de nossas práticas e estudos realizados no Mestrado. A construção do meu produto do Mestrado se deu ainda quando estava começando a escrita do meu projeto, que foi o curso de extensão “Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos iniciais da educação básica” foi realizado através da modalidade EAD e Presencial.

Em todos os momentos da minha pesquisa o meu produto esteve presente e foi fundamental para realização da pesquisa-ação, pois foi o espaço de compartilhamento e de aprendizagem com os professores. O produto teve sua aplicação e realização em duas edições, uma em formato EAD e Presencial, as duas edições foram igualmente importantes para a construção e evolução da pesquisa.

Figura 24 – Curso de Extensão 1 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Figura 25 – Curso de Extensão 2 Moodle



Fonte: <https://moodle.uergs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

Ao final da realização das duas formações através do curso de extensão, totalizamos com a participação de 86 professores e ao total 88 pessoas envolvida na pesquisa com os pesquisadores no Moodle, compartilhando com eles um espaço para compartilhamento de experiências, comunicação, conexão e práticas pedagógicas.

Figura 26 – Total de participantes no curso de extensão Moodle

Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos Anos Iniciais da Educação Básica

Painel / Meus cursos / Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos Anos Iniciais da Educação Básica / Participantes

Participantes

Inscrever usuários

Corresponder Qualquer Selecionar

+ Inserir condição Limpar filtros Aplicar filtros

88 participantes encontrados

Nome Todos A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Sobrenome Todos A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

1 2 3 4 5 »

Fonte: <https://moodle.uegs.edu.br/course/view.php?id=4868>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo as considerações finais desta pesquisa citando a autora Zaguri (2006), que retrata em sua escrita a realidade do fazer docente, relatando os aspectos que fazem os professores reféns em suas práticas:

Final da história. Repito com tristeza: professor hoje é refém! Refém, primeiramente, da má qualidade de ensino que ele próprio recebeu; [...] Do tempo de que necessita, mas de que não dispõe para superar deficiências básicas da educação; Das pressões internas que sofre do sistema; [...] Dos alunos, que hoje o enfrentam e desafiam abertamente, em muitos casos; Da família dos alunos, que perdeu a autoridade sobre os filhos e pressiona a escola para fazê-lo em seu lugar; Da sociedade, que volta e meia surpreende professores e gestores com medidas cautelares, mandados de segurança e processos... (ZAGURI, 2006, p.33).

Essa citação da autora Zaguri ressalta e resume a realidade da docência, e as citações informantes que trago ao longo desta pesquisa reforçam o cenário educacional que estamos vivenciando. Proporcionar uma formação de professores fundamentada no compartilhamento de experiências foi a abertura para as discussões em diferentes temáticas em torno da utilização das tecnologias na educação, analisando as suas possibilidades e necessidades.

As informações produzidas nesta pesquisa se deram a partir da realização de dois cursos de formação, desde o início desta pesquisa-ação não pretendíamos apontar aos professores soluções mágicas, ou até tentar modificar suas práticas. Analisando nossa proposta de formação, acreditamos ter conseguido possibilitar e abrir um espaço para construção de novos conhecimentos aos docentes, ajudando em suas práticas a utilizar ferramentas tecnológicas em seu fazer pedagógico. A partir da formação podemos aprender e criar possibilidades, olhando para o futuro, para Imbernón (2010, P.39)

A teoria e a prática da formação, seus planos, suas modalidades e estratégias, seu processo, etc., devem ser inseridos em novas perspectivas. Por exemplo, as relações entre professores, as emoções e as atitudes, a complexidade docente, a mudança de relações de poder nos cursos de formação de professores, a autoformação, a comunicação, a formação com a comunidade, a influência da sociedade da informação.

A pesquisa-ação foi uma metodologia fundamental para a formação de professores, pois a partir da ação colaborativa conseguimos elaborar um trabalho conjunto, para alcançar objetivos em comum, mediante o qual os professores orientam, corrigem e avaliam seus problemas e tomam decisões

para melhorar, analisar ou questionar a prática social e educacional. Os processos de pesquisa-ação os ajudarão, já que se fundamentam na capacidade do professorado de formular questões problemáticas sobre sua própria prática e estabelecer objetivos que tratem de responder tais questões. (IMBERNÓN, 2016).

Respondendo ao problema de pesquisa que motivou a realização desta pesquisa: **A partir de diferentes modalidades de ensino na formação continuada, como o compartilhamento de experiências e aquisição de conhecimento digitais, pode contribuir para os docentes do bloco pedagógico de alfabetização?**

Nesta pesquisa-ação, as contribuições aos docentes foram através de um espaço de aprendizagem, que possibilitou a ressignificar os outros ou a si mesmos, convidando-os diretamente a reconstruir e a transformar suas práticas cotidianas e, além disso, a teorizar e revisar permanentemente seus processos educacionais. Possibilitando a partir da colaboração adquirir novas habilidades, métodos e potencialidades, maior consciência profissional, assumindo alternativas de inovação e comunicação.

Na visão destes professores, a aplicação da utilização para alfabetização utilizando recursos digitais ainda está muito distante de acontecer, como foi relato houve grande dificuldade de utilizar os recursos tecnológicos na pandemia, no qual o processo não estava sendo supervisionado presencialmente pelo professor, hoje em sala de aula não se faz possível pela falta de recursos tecnológicos e de apoio a sua utilização, mas a partir da formação os professores visualizaram ser possível e conheceram novas ferramentas digitais, e conseguiram a partir de uma formação prática aprender a utilizar alguns recursos tecnológicos.

O compartilhamento de experiências foi fundamental neste processo de formação continuada, pois através do reconhecimento das práticas pedagógicas dos professores, que foram compartilhadas nos momentos de conversa e de discussão nas formações, foi possível perceber que os professores acabaram repensando o uso das tecnologias. Desta forma, os professores vendo que um colega de profissão, que está inserido no mesmo contexto escolar entende as suas dificuldades e possibilidades em sala de aula, juntos foi possível repensar em novas possibilidades.

A mudança para qualquer sujeito nunca é simples e, portanto, a mudança que se pede aos professores na formação não é uma mudança simples, mas um processo complexo, visto que se trata de uma mudança nos processos que estão incorporados (conhecimento da matéria, o didático, dos estudantes, dos contextos e dos valores), ancorados na cultura profissional que atua como filtro para interpretar a realidade.

Não é de hoje que estamos vivenciando uma mudança de contextos, neste momento a educação reflete inúmeras forças em conflito, oriundas de mudanças econômicas, sociais, no qual a tecnologia do dia pra noite se torna obrigatória para educação, assim não podemos se basear somente em sistemas educacionais passados, devemos refletir em como ensinar e educar os estudantes, visando a formação emocional das pessoas, as relações a serem estabelecidas, as redes de interações presenciais e virtuais, esses e outros elementos são atualmente importantes na educação.

O professorado reduz sua assistência à formação “de toda a vida”, baixa a sua motivação para fazer coisas diferentes, corre poucos riscos e, sobretudo, a inovação surge como um risco que poucos querem correr (para que correr riscos se ninguém o valorizará ou, pelo contrário, o reprimirá?). (IMBERNÓN, 2009, p.15).

É importante ressaltar que no primeiro curso de formação em EAD foi muito importante para entendermos os caminhos que a pesquisa iria seguir dentro da pesquisa-ação, foi um movimento de construção e desconstrução de pensamentos e propostas, até chegar ao segundo curso Presencial. Aprender em cada etapa da construção da pesquisa-ação foi algo diferente dos processos metodológicos que eu já conhecia como pesquisadora, sendo desafiador do início ao fim.

O curso de EAD teve uma proposta que foi criada sem conhecer os professores que iriam realizar o curso, e ficou bastante claro que o interesse inicial dos professores estava relacionado ao processo de certificação, ao conhecer a proposta do curso, e ver a necessidade de interação e participação, a maioria dos professores acabou desistindo, devido à falta de tempo e conhecimento tecnológico. No segundo curso, quando conseguimos ter uma experiência mais personalizada e com vínculo, no qual conhecemos os professores antes da realização do curso, os professores conseguiram de forma

mais significativa participar e relatar as suas experiências em um espaço de escuta dialógica presencial.

Ao realizar um curso em EAD utilizando recursos para os professores aprenderem novas tecnológicas se tornou difícil, pois primeiro os professores deveriam ter o conhecimento básico do funcionamento das ferramentas para depois buscar novas aprendizagens. E essa particularidade pode ser suprida no curso presencial, no qual conseguimos sanar as dúvidas iniciais de acesso a plataforma e e-mail, até chegarmos à aprendizagem de novas ferramentas.

Realizar uma formação continuada sobre tecnologias digitais que possam contribuir para os professores em suas práticas pedagógicas, foi mais efetiva no curso presencial, no qual foi possível realizar uma triagem das dificuldades e curiosidades dos professores, e a presencialidade fez com que os professores fossem demonstrando suas dificuldades, e as mesmas foram sendo sanadas no momento da formação, o que não pode ocorrer na formação EAD, pois os professores quando se deparavam com alguma dificuldade, acabavam por não procurar ajuda e preferiam desistir.

Fica evidente que a pessoalidade e a presencialidade são elementos importantes para a criação de vínculos entre os participantes, o que acabou por proporcionar aprendizagens mais significativas. Neste sentido, as formações em diferentes modalidades puderam retratar suas dificuldades singulares, como a dificuldade ao incentivar os cursistas a participar da formação e construir vínculos à distância, e as dificuldades em comum como a falta de tempo de realizar formações por parte dos professores e falta de apropriação tecnológica.

A formação também servirá de estímulo crítico ao constatar as enormes contradições da profissão e ao tentar trazer elementos para superar as situações perpetuadoras que se arrastam há tanto tempo, a alienação profissional – por estar sujeitos a pessoas que não participam da ação profissional –, as condições de trabalho, a estrutura hierárquica etc. (IMBERNÓN, 2022, p.15)

Para Moran (2015, p. 36) “As escolas precisam repensar esses espaços tão quadrados para outros mais abertos, onde lazer e estudo estejam mais integrados”. A resistência em utilizar a tecnologia foi um tema muito discutido nas duas formações pelos professores, que devido à falta de incentivo, formação e de recursos tecnológicos, acabaram por não terem tido boas experiências ou não tiveram nenhuma experiência na utilização das tecnologias digitais.

Segundo Correa (2002, p.44):

As inovações tecnológicas não significam inovação pedagógicas. Por meio de recursos considerados inovadores, reproduzem as mesmas atitudes, o mesmo paradigma educacional pelo qual fomos formados. Não basta trocar de metodologia, sem antes de reformular a sua própria prática, porque senão estaremos repetindo os mesmos erros. Devemos compreender a tecnologia para além do artefato, recuperando a sua dimensão humana e social.

É preciso mudar a concepção do uso das tecnologias como recurso auxiliar no ensino, um ensino que está preocupado com a transmissão do conhecimento, é necessário perceber que a utilização dos recursos digitais na aprendizagem faz parte do momento histórico atual, mas para isso é preciso que os professores tenham um aporte e amparo para essa modificação em suas práticas, e a partir dos seus relatos na formação, foi algo que não aconteceu, no qual obrigatoriamente começou na pandemia em os professores utilizavam alguns recursos tecnológicos em casa, e que agora com a volta presencial nas escolas acabou se findando.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem.** Educ. Pesqui. [online]. 2003, vol.29, n.2, pp.327-340. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>. Acesso em: 06/07/2021.
- ALMEIDA, O. C. S. **Evasão em cursos à distância: Análise dos motivos de desistência.** Congresso 2008 Associação Brasileira de Educação a Distância. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008112738PM.pdf>. Acesso em 10/06/2022.
- ANJOS, A. M; SILVA, G. E. G. **Tecnologias Digitais da Informação e da comunicação (TDIC) na Educação.** Secretaria de Tecnologia Educacional Universidade Federal de Mato Grosso. 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/429662/2/Tecnologias%20Digitais%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20%28TDIC%29%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17/03/2021.
- BATTINI, O.; REIS, S. R. **Reflexões sobre aspectos de formação de professores a distância.** Revista AIESAD, nº 2, vol.17. 2014. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj21p_ih_vAhVrlbkGHRrYCqMQFjAAegQIBBAD&url=http%3A%2F%2Frevistas.uned.es%2Findex.php%2Fried%2Farticle%2Fdownload%2F12676%2F11871&usq=AOvVaw2MnkO9IsDMKYxAoArvoGQX. Acesso em: 10/04/2021.
- BINOTTO, C.; SÁ, R. A. **Tecnologias digitais no processo de alfabetização: analisando o uso do laboratório de informática nos anos iniciais.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v.10, n.17. 2014. Disponível em: [236650527.pdf](https://www.core.ac.uk/doi/pdf/10.13063/236650527) (core.ac.uk). Acesso em: 14/08/2021.
- BOUCHARD, P. A autonomia e distância transacional na formação a distância. In: **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB n. 5/05. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Pedagogia.** Brasília, abril de 2006.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 9/2001. **Diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Diário Oficial da União, Brasília, 18 jan. 2002. Seção 1, p. 31.
- _____. **Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005.** Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, Distrito Federal, 2005.

_____. **Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019.** Institui a Política Nacional de Alfabetização. Diário Oficial da União: seção 1 – Extra, Brasília, DF, Edição 70-A, p. 15, 11 abr. 2019b.

_____. **Lei n. 11.738, de 16 de julho de 2008.** Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, Distrito Federal, 2008.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, Distrito Federal, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais.** Resolução CNE/CP 1/2006, 16 de maio de 2006.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos.** Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Proposta em discussão:** políticas públicas para a educação profissional e tecnológica. Brasília, abr., 2004.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 544,** de 16 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 21 jun. 2021.

_____. **Parecer CNE/CP 05/2020.** Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. MEC: Brasília-DF, 2020.

BRUNO, A. R.; HENSSEL, A. M. D. G. **Os fóruns de discussão como espaço de aprendizagem em ambiente on-line:** Formando comunidades de gestores. Associação Brasileira de Educação a Distância. Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/420200712027PM.pdf>. Acesso em 11/08/2022.

CARVALHO, A. B. G.; SANTOS, K. E. O. **Mídias sociais e educação em tempos de pandemia:** o TikTok como suporte aos processos de ensino e aprendizagem. EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana – vol. 11 - número 2 – 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/248135/pdf_1. Acesso em 11/08/2022.

CÓRDOVA, F. P.; SILVEIRA, D. T. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Org) **Método de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CORREA, J. **Novas tecnologias da informação e da comunicação**: novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: COSCARELLI, C. V. (org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COSTA, J. E. S; SILVA, J. P. **Educação na comunidade quilombola de Serra Feia, em Cacimbas/PB, em meio à pandemia da covid-19**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 21, nº 20, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/20/educacao-na-comunidade-quilombola-de-serra-feia-em-cacimbaspb-em-meio-a-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 10/06/2022.

COSTA, S. M. **A influência dos recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem**. 2014. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2015.

DIAS, E; PINTOF. C. F. **A educação e o Covid-19**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/mjDxhf8YGdk84VfPmRSxzc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10/01/2022.

FARIA, A. A.; LOPES, L. F. **Práticas Pedagógicas em EaD** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaber, 2014. (Série Tecnologias Educacionais).

FARIA, E. T. **Interatividade e mediação pedagógica em educação à distância**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) PUCRS. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1330. Acesso realizado em: 13 de agosto de 2022.

FAUSTINO, L. S. e S.; SILVA, T. F. R. S. **EDUCADORES FRENTE À PANDEMIA: DILEMAS E INTERVENÇÕES ALTERNATIVAS PARA COORDENADORES E DOCENTES**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 3, n. 7, p. 53–64, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/99>. Acesso em: 20 set. 2022.

FRANCO, M. A. S. **Pesquisa Ação-Pedagógica**: Práticas de empoderamento e participação. Educ. Temat. Digit. Campinas, V. 18, nº 2. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637507>. Acesso em: 10/05/2021.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em:
http://peadanosiniciais.pbworks.com/f/Pedagogia_da_Esperanca_-_Paulo.pdf. Acesso em: 17/07/2020.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 13. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

FREITAS, Maria do Carmo Duarte. **Dificuldades e Limitações da Educação a distância no Brasil**. VII Seprosul. Semana de engenharia de produção sul-americana. Salto/Uruguai, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIOLO, J. **A Educação a Distância e a formação de professores**. Revista Educação e Sociedade, nº 105, vol. 29. Campinas, 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a13.pdf>. Acesso em 06/04/2021.

GIRAFFA, L. M. M. **Docentes Analógicos e alunos da geração digital: desafios e possibilidades na escola do século XXI**. In: (Re)invenção pedagógica? Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais na educação. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

GOMES, M. A. V.; LIMA, W. S. R. **Formação de professores por meio da Educação a Distância**. Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação, nº7, vol.5. Dourados, 2017. Disponível em:
<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/6070/4066>. Acesso em 10/04/2021.

IYOSHI T.; KUMAR, M. S. V. **Educação Aberta**. O avanço coletivo da Educação pela Tecnologia, conteúdo e conhecimento abertos. Unip Interativa e ABED. São Paulo, 2014. Disponível em:
http://www.abed.org.br/arquivos/Livro_Educacao_Aberta_ABED_Positivo_Vijay.pdf. Acesso em 20/09/2022.

IMBERNÓN, F. **Formação Continuada de professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. **Formação docente e profissional** [livro eletrônico]: forma-se para a mudança e a incerteza. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2022.

_____. **Formação permanente do professorado**: novas tendências, tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. **Inovar o ensino e a aprendizagem na Universidade**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2020 [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022.

JUNIOR, A. M. F; WUNSCH, L. P. **Tecnologias na educação**: conceitos e práticas [livro eletrônico]. Curitiba: Intersaberes, 2018.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância** [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

LEITE, B. S. **M-Learning**: o uso de dispositivos móveis como ferramenta didática no Ensino de Química. Revista Brasileira de Informática na Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 55-68, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/rbie.2014.22.03.55> . Acesso em: 11/08/2021.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos I. da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?**: novas exigências educacionais e profissão docente. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Pedagogia e pedagogos**: inquietações e buscas. Curitiba: Editora da UFPR, n.17, p. 153 – 176, 2001. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/2074/1726>. Acesso em: 17/07/2020.

MEDEIROS, D. M. **O teletrabalho durante a pandemia da covid-19**: indicadores da intensificação do trabalho docente. REPOD - Revista Educação e Políticas em Debate – v. 10, n. 3, p. 1158-1171, set./dez. 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/42351/1/ARTIGO_TeletrabalhoPandemiaCovid-19.pdf . Acesso em: 22/08/2022.

MELLO, G. N. **Formação Inicial de Professores para a Educação Básica**: uma (rue)visão radical. São Paulo em Perspectiva. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/d6PXJjNMc3qJBMxQBQcVkJNq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 19/09/2021.

MOORE, M; KEARSLEY, G. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line**. 3ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MORAN, J. **Como utilizar a Internet na Educação**. 2008. Disponível em www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf . Acesso em 02/08/2022.

_____. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias**, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474/3862>_ Acesso em: 10/01/2022.

MORTATTI, M. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”, realizado em Brasília, em 27/04/2006. Disponível em: <https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3rias%20dos%20M%C3%A9todos%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.pdf> f. Acesso em 19/09/2021.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. In: Os professores e a sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1995.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. **Os professores depois da pandemia**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e249236, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt> t. Acesso em: 04/11/2022.

PAIVA, V. L. M. O. O Uso da Tecnologia no Ensino de Línguas Estrangeira: breve retrospectiva histórica, 2008. Disponível em: www.veramenezes.com/techist.pdf. Acesso em: 02/05/2022.

REICH, S. T. S.; SOARES, S. S. K. P. **Planejamento e Estruturação de cursos no Moodle: Material didático multimídia, atividades e Avaliação**. Congresso 2009 Associação Brasileira de Educação a Distância. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009205923.pdf> . Acesso em 10/05/2022.

RICHIT, A. **Formação Continuada Docente Pautada na Educação a Distância**: compreensões na perspectiva da teoria dialética. Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação, nº5, vol.4. Dourados, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/4940/3702>. Acesso em 10/05/2021.

ROSA, M. I. F. P.; SCHNETZLER, R. P. **A investigação-ação na formação continuada de professores de Ciências**. Ciência & Educação, Bauru, v. 9, n. 1, p. 27-39, jun. 2003.

ROVER, A. J. **A Educação a Distância no ensino de graduação**: contexto tecnológico e normativo. In: Educação a Distância: análise dos parâmetros legais e normativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. **Aula em casa**: educação, tecnologias digitais e pandemia da covid-19. Interfaces Científicas, Aracaju, v. 10, nº 1, 2020.

SANTOS, I.; CLOS, A. C. **Pesquisa quantitativa e metodologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. **A educação em tempos de COVID-19**: ensino remoto e exaustão docente. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.15, e2016289, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/download/16289/209209213529/209209228987>. Acesso em 20/08/2022.

SCHUHMACHER, V. R. N. **Limitações da prática docente no uso das tecnologias da informação e comunicação**. Florianópolis, SC, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129032/332127.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 14/03/2022.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SONEGO, A. H. S.; BEHAR, P. A. **M-learning**: reflexões e perspectivas com o uso de aplicativos educacionais. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE SOBRE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 20., 2015, Santiago. Anais Nuevas Ideas em Informática Educativa. Santiago: [s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/521-526.pdf>. Acesso em: 06/03/2021.

SONEGO, A. H. S.; BEHAR, P. A. **M-learning**: o uso de dispositivos móveis por uma geração conectada. Educação Revista Quadrimestral. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 514-524, set.-dez. 2019. Disponível em: Vista do M-learning: o uso de dispositivos móveis por uma geração conectada (puhrs.br). Acesso em: 13/03/2021.

SOUZA, C. A.; SPANHOL, F. J.; LIMAS, J. C. O.; CASSOL, M. P. **Tutoria na educação a distância**. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional da Abed. Salvador, 7 a 9 de setembro de 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004>. Acesso em: 15 out. 2021.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p.209-244, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Ks666mx7qLpbLThJQmXL7CB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25/10/2021.

TAROUCO, L. M.; Mezzari, A.; ÁVILA, B. G.; CABRAL, R. M. B.; BULEGON, A.M.; FAVERO, R. (2008). Fatores que afetam a performance da comunicação mediada por computador. Renote, Porto Alegre. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14694/8603>. Acesso em: 14/07/2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

THIOLLENT, M. **Construção do conhecimento e metodologia da extensão**, 2002. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO, 2002, João Pessoa. [S. l.]: UFRN, 2002. p. 1-11. Disponível em: <https://cutt.ly/iWxCEuU> Acesso em: 10/08/2022.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 30/08/2021.

WERTHEIN, J. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/rmmLFLLbYsjPrkNrbkrK7VF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30/03/2021.

ZAGURI, T. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record; 2006.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL – UERGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO

Título do Curso: Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos Iniciais da Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Forell

Mestranda: Marilize Ferreira do Amaral Santos

Ao realizar o curso de extensão:

8. Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade produzir informações acerca deste curso de extensão, para o projeto de Mestrado da mestranda Marilize Ferreira do Amaral Santos, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Forell.
2. Participantes da pesquisa: Participarão docentes atuantes na Educação Básica, nos anos iniciais.
3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você deverá preencher um questionário, juntamente com outros participantes que aceitem participar do estudo. Você tem a liberdade de se recusar a sua participação e de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que os participantes quiserem podem obter informações sobre este estudo através do seguinte e-mail: marilize-santos@uergs.edu.br

4. Sobre os instrumentos de pesquisa: O questionário irá solicitar algumas informações básicas e perguntas de múltipla escolha ou escolha simples ou discursivas voltadas à educação.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Termo de consentimento livre e informado, disponibilizado para os participantes com idade igual ou maior que 18 anos. Conselho Nacional de Saúde: Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo, interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada participante.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa, o participante não terá nenhum benefício financeiro. No entanto, pretende-se que, a partir deste projeto seja possível compartilhar com os professores um espaço de troca de experiências e práticas pedagógicas, apresentando recursos tecnológicos que trabalhem a consciência fonológica nos anos iniciais da educação básica. Esperamos que futuramente os resultados deste estudo também sejam usados em benefício de outros participantes.

8. Pagamento: O participante não terá nenhum tipo de despesa, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação no estudo. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de-- forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome Completo:

CPF:

Data de Nascimento:

Idade:

E-mail:

Telefone para contato:

Aceito e estou de acordo com as condições do termo de consentimento:

Sim

Não

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Mestranda Marilize Ferreira do Amaral Santos, sob orientação e supervisão do Prof. Dr. Leandro Forell, no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação da UERGS.

APÊNDICE B

ESTRUTURA CURSO DE EXTENSÃO

| | |
|--|---|
| Unidade: Osório – Litoral Norte | Curso: Mestrado Profissional em Educação |
| Mestranda: Marilize Ferreira do Amaral Santos | |
| Professor Orientador: Dr. Leandro Forell | Ano Letivo/Semestre: 2021/2 |

Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos Iniciais da Educação Básica.

O curso de extensão Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos Iniciais da Educação Básica tem por objetivo compartilhar com os professores um espaço de troca de experiências e práticas pedagógicas, apresentando recursos tecnológicos que trabalhem a consciência fonológica nos anos iniciais da educação básica.

Apresentação

- Vídeo de apresentação / Orientações do curso
- Termo de consentimento
- Fórum 1: Como as tecnologias se apresentam em nossas vidas?

Conhecer os participantes:

Primeiramente, peço que façam uma breve apresentação pessoal:

*Sua idade e cidade na qual reside;

*Em qual cidade atua como docente, e a quanto tempo;

*Fale um pouco da sua atuação como professor, sobre a idade/faixa etária de seus estudantes;

E por último, faça um comentário sobre a sua experiência com o uso das tecnologias em sala de aula (antes e após a pandemia). Quais ferramentas ou recursos tecnológicos utilizam? Quais as dificuldades encontradas na realização das práticas tecnológicas com os estudantes?

- Questionário

Quais suas expectativas em relação ao curso de Extensão: Alfabetização e Tecnologias: Compartilhando ferramentas digitais nos anos Iniciais da Educação Básica?

Módulo 1 – Tecnologias na educação

- Leitura: Tecnologia na Educação – Autor: Marilize Ferreira do Amaral Santos (autora desta pesquisa)

- Fórum 2: O que pensam os professores brasileiros sobre a tecnologia em sala de aula?

Na sua opinião, qual a maior barreira para implementação da tecnologia em sala de aula, fale um pouco sobre a sua experiência.

- Sugestão: Canva

- Avaliação 1:

Na nossa primeira avaliação iremos pensar e explorar um recurso tecnológico de sua escolha. Você irá escolher um recurso tecnológico (aplicativo, site, ferramenta tecnológica) e fazer uma apresentação, com o objetivo de explorar e expor aos colegas suas funcionalidades.

Módulo 2 – Tecnologias e identificação de sílabas

- Leitura: O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização. Autor: Flavia Lopes (2004).

- Fórum 3: Alfabetização e consciência fonológica: Como trabalhá-las?

Pensando neste desafio, quais os aspectos que você considera fundamental para ser trabalhado com os estudantes ao trabalhar consciência fonológica?

Existe um método específico para trabalhar consciência fonológica? Qual o seu método?

E por fim, já pensaram que é possível aliar as tecnologias digitais no ensino sobre consciência fonológica? Dê exemplos.

- Sugestão: Silabando

- Avaliação 2:

Através desta ferramenta digital você pode trabalhar com a identificação de sílabas entre outros conteúdos. Nossa avaliação será fazer uma atividade pedagógica no Jamboard. Primeiramente, para que vocês possam explorar esta ferramenta e criar uma atividade.

Módulo 3 – Tecnologias e identificação de fonemas

- Leitura: Jornada nas escolas: A nova geração de professores e alunos. Autor: Lucia M. M. Giraffa (2013).

- Fórum 4: Importância da formação de Professores

Pensando sobre formação de professores, comente sobre o incentivo de formação em sua carreira como professor.

Comente sobre quais devem ser as prioridades e objetivos de um curso de formação de professores.

Já foi oferecido um curso de formação sobre apropriação tecnológicos a serem utilizados em suas práticas pedagógicas?

Comente sobre o curso que foi oferecido e como foi sua experiência, e se atendeu a sua necessidade.

- Sugestão: Grapho Game

- Avaliação 3:

Através desta ferramenta digital você pode trabalhar com a identificação de fonemas entre outros conteúdos. Nossa avaliação será fazer uma atividade pedagógica no Padlet. Primeiramente, para que vocês possam explorar esta ferramenta e criar uma atividade.

Módulo 4 – Tecnologias e identificação de rimas e aliteração

- Leitura: Educação e Covid-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. Autores: Veríssimo B. dos S. Junior e Jean C. da S. Monteiro (2020).

- Fórum 5: Responsabilidades com o uso das Tecnologias

Com as mudanças no cenário educacional temos que repensar assuntos que estão relacionados à tecnologia.

Como por exemplo, a responsabilidade do uso das ferramentas tecnológicas. Na sua opinião, o que devemos refletir sobre as responsabilidades que permeiam o uso dos recursos tecnológicos, em relação aos estudantes e sobre a sua prática docente, como mostra no vídeo.

- Sugestão: Formar Palavras
- Avaliação 4:

Através desta ferramenta digital você pode trabalhar com a identificação de fonemas entre outros conteúdos. Nossa avaliação será fazer uma atividade pedagógica no Thinglink. Primeiramente, para que vocês possam explorar esta ferramenta e criar uma atividade.

Módulo 5 – Avaliação da Consciência Fonológica através das Tecnologias

- Leitura: Uso das tecnologias digitais no contexto da aprendizagem autodirigida integrada à avaliação formativa alternativa. Autores: Flavia Marcia Oliveira, Rany Raissa dos Santos Cruz e Thiago de Araújo Nascimento (2020).
- Fórum 6: Como avaliar os estudantes através das ferramentas tecnológicas? Pensando em avaliação utilizando as tecnologias digitais, como avaliar as aprendizagens no ensino híbrido em relação a consciência fonológica? Você acha isso possível utilizar uma ferramenta digital para avaliar seus estudantes?

- Sugestão: Edu Edu
- Avaliação 5: Através desta ferramenta digital você pode trabalhar com a avaliação da consciência fonológica, entre outros conteúdos. Nossa avaliação será fazer uma atividade pedagógica no Mentimeter. Primeiramente, para que vocês possam explorar esta ferramenta e criar uma atividade.

Avaliação do curso

O objetivo desta pesquisa de avaliação é entender quanto as atividades deste curso favoreceram o seu processo de aprendizagem e experiência. Não há respostas certas ou erradas, estamos interessados apenas na sua opinião. Tenha certeza de que suas respostas serão tratadas com um alto grau de

confidencialidade e não afetarão sua avaliação. Suas respostas serão cuidadosamente consideradas e nos ajudarão a melhorar a forma como este curso de extensão online será apresentado no futuro. Agradecemos a sua colaboração.

Todas as questões são obrigatórias e devem ser respondidas:

Questões dissertativas:

- 1 - Qual foi o tópico mais importante que você aprendeu neste curso?
- 2 - Sobre seu conhecimento prévio sobre a temática, você se sentia preparado para trabalhar com as tecnologias digitais antes de realizar o curso. Por que ou por que não?
- 3 - Após a realização do curso de extensão, você se sente preparado para trabalhar com as tecnologias digitais. Por que ou por que não?

Questões com escala para seleção:

Quase nunca, Raramente, Algumas vezes, Frequentemente, Quase Sempre.

Sobre Relevância, neste curso ...

- 4 - A minha aprendizagem é focalizada em assuntos que me interessam.
- 5 - O que eu estou aprendendo é importante para a prática da minha profissão.
- 6 - Eu aprendo como fazer para melhorar o meu desempenho profissional.
- 7 - O que eu aprendo tem boas conexões com a minha atividade profissional.

Sobre Pensamento Reflexivo, neste curso ...

- 8 - Eu reflito sobre como eu aprendo.
- 9 - Faço reflexões críticas sobre as minhas próprias ideias.
- 10 - Faço reflexões críticas sobre as ideias dos outros participantes.
- 11 - Faço reflexões críticas sobre os conteúdos do curso...

Sobre Interatividade, neste curso:

- 12 - Eu explico as minhas ideias aos outros participantes.
- 13 - Peço aos colegas explicações sobre suas ideias.
- 14 - Os outros participantes me pedem explicações sobre as minhas ideias.
- 15 - Os outros participantes reagem às minhas ideias.

Sobre o apoio dos Professores, neste curso...

- 16 - Os Professores me estimularam a refletir.
- 17 - Os Professores me encorajaram a participar.
- 18 - Os Professores ajudaram a melhorar a qualidade dos discursos.
- 19 - Os Professores ajudaram a melhorar o processo de reflexão autocrítica.

Questões dissertativas:

- 20 - Referente ao questionamento realizado no início do curso. Suas expectativas iniciais em relação ao curso de Extensão foram atendidas? Em quais aspectos foram atendidos ou não atendidos?
- 21 - Sobre os conteúdos do curso. Na sua opinião, você considera que as temáticas abordadas são relevantes para educação? Por quê?
- 22 - Referente às ferramentas digitais na educação. Você considera a opção de trabalhar consciência fonológica através das tecnologias digitais?
- 23 - Você quer fazer outros comentários?

Agradeço a participação!

Qualquer dúvida entre em contato através do e-mail:

marilize-santos@uergs.edu.br